

No caso de contratos anteriores a 1960

Rendas podem aumentar até 300 por cento

Já se encontra em Conselho de Ministros, para apreciação numa das próximas reuniões, um projecto de decreto-lei da autoria do ministro do Equipamento Social, Rosado Correia, segundo o qual as rendas de casa podem aumentar, já no próximo ano, de forma violenta, mesmo até 300

por cento, no caso de contratos anteriores a 1960.

Este diploma, que prevê a sua aplicação apenas a Lisboa e Porto, há muito tempo vem sendo falado por diversos Governos; mas nenhum até hoje teve coragem de o fazer passar dado que vai atingir directamente a base

social de apoio dos partidos que os têm constituído. A coligação actualmente no poder parece agora disposta a avançar em função das pressões que segundo noticiava o «Semanário» no seu primeiro número, publicado no sábado passado, seriam veiculadas pelo vice-primeiro-ministro.

Mota Pinto pretende alterar a legislação nesta matéria e os seus desejos encontram-se corporizados no projecto de Rosado Correia com base na filosofia de que se impõe desbloquear a situação existente quanto às rendas de casa para «promover a recuperação do actual «stock»

habitacional e diminuir o seu processo de degradação acelerada» procurando também «viabilizar o mercado da pequena indústria de construção».

A actualização das rendas, no caso dos novos contratos, deve ser feita anualmente a um ritmo um pouco abaixo da subida dos

índices de preço no consumidor.

As rendas mais antigas começariam por subir mais num período inicial de actualização passando depois a subir ao mesmo ritmo das restantes.

Segundo um exemplo contido

Continua na pág. 24

Oito páginas especiais

INFORMATICA



O Terrível hábito de estar certo de ter razão
Entrevista com Clive Sinclair, o 'rei' dos 'micros'
Pág. 8

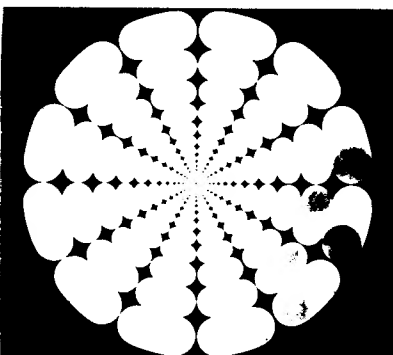


Para quem ainda não sabe
A evolução vertiginosa dos computadores
Pág. 4

O que é um microcomputador
Pág. 4

O 'DL-Informática' na Telecom/83
Pág. 3

Os ecologistas face à telemática - a opinião dos Amigos da Terra franceses
Pág. 5



Um acontecimento a não perder
Arte por computador exposta em Lisboa
Pág. 4/5



A caminho de uma sociedade sem «dinheiro líquido»
informática revoluciona hábitos dos consumidores
Pág. 2

Amanhã ao «DL»

Jovens preparam-se para discutir o Serviço Militar Obrigatório

Sucessão de Garcia dos Santos

Chefes de Estado Maior é que irão decidir Conselho Superior do Exército votou mas não elaborou lista

A reunião do Conselho Superior do Exército (CSE) iniciada hoje, terminou ao fim da manhã sem que tivesse sido elaborada qualquer lista de potenciais candidatos à sucessão de Garcia dos Santos. O CSE debruçou-se ontem sobre a lista de todos os generais do Exército, tendo começado por seleccionar doze. Numa fase posterior,

foram eliminados seis. Foi sobre os seis restantes que os elementos que compõem o CSE votaram esta manhã secreta e individualmente os três generais que poderão vir a ocupar o cargo de CEME. Os votos, em quatro envelopes lacrados, serão abertos amanhã na reunião do Conselho de Chefes de Estado-Maior, que reúne a partir das 09.30 no

EMGFA. Só então, feitas as contas, se saberá quais os três candidatos à chefia do Exército.

Saliente-se, no entanto, que o CCEM poderá, mesmo assim, de acordo com a Lei de Defesa Nacional accionar ou não os três nomes mais votados. Em caso negativo pedirá novos nomes.

Só depois da aprovação do CCEM é que a proposta transi-

tará para o ministro da Defesa, Mota Pinto, que conjuntamente com o Primeiro-Ministro, Mário Soares, a apresentará ao Conselho de Ministros. Este escolherá um nome de entre os três propostos e apresentá-lo-á ao Presidente da República, general Ramalho Eanes. Ao Presidente, por seu turno, compete sancionar.

Continua na pág. 24

Por causa da embolia de Assad

Poder terá mudado de mãos na Síria

Poderá Assad usufruir ainda da sua vitória militar sobre a OLP de Arafat?

Págs. centrais



Arafat conforma-se a sair de Trípoli mas tem razões para temer ataque final

Yasser Arafat indicou que se conforma com o acordo sírio-saudita de pacificação do Norte do Líbano, anunciado na passada sexta-feira em Damasco, mas declarou temer uma nova acção militar contra as suas forças. Interrogado ontem a respeito de um eventual novo ataque contra os seus combatentes, o presidente da OLP afirmou que «os sírios mandaram vir, na noite de domingo, mais um batalhão de pára-quedistas, assim como um batalhão de veículos blindados e 40 tanques, que estão na entrada Sul de Trípoli». Entretanto, em Damasco, reuniu-se ontem o Comité Superior de Coordenação de Trípoli, presidido por Rachid Karamé, e que tem a seu cargo a aplicação do plano sírio-saudita.

Págs. centrais

Escola passa a ser obrigatória para quem queira iniciar actividade comercial

pág. 24

Galileu, Einstein e a Paz — 1

Agostinho dos Reis Monteiro

A ciência, maravilhoso instrumento de compreensão e transformação do mundo e do homem, pode ser utilizada — e tem-no sido, para desgraça nossa — contra a espécie que a criou. A razão e a ética científicas não são intrinsecamente humanistas e democráticas. Tanto, que o homem copernicano pode suicidar-se com o seu poder: a ciência, fogo da nova humanidade, aquece e queima. Se brincarmos com ele, pode acontecer-nos o destino de Moiré: adoeceu gravemente durante uma representação de «O doente imaginário» e morreu horas depois...

Uma parte da comunidade humana, minoria egoísta, sem coração nem futuro, mas com ainda poderosos recursos económicos e repressivos para defender a sua política, brinca com o fogo de todos nós. E tanto mais perigosamente, quanto mais isolada e condenada, quanto pior consciência tem de si própria. Já no século XVI Erasmo perguntava: «A maior parte do povo destesta a guerra e invoca a paz. Um pequeno número, cuja maldita felicidade repousa sobre a infelicidade do povo, deseja a guerra; é necessário que a sua desumanidade prevaleça sobre a vontade de tanta gente de bem?»

A ciência ou a política que serve ou que dela se serve. Vale Hiroshima e a «Voyager», vale a depravação moral e a cura do cancro. Por isso é dramática a condição do cientista, social e politicamente condicionado. Desfruta as intensas alegrias da invenção e da descoberta, mas sofre quando os frutos do seu labor se transformam numa «ameaça à humanidade, por terem caído nas mãos dos expoentes moralmente cegos do poder político» (Einstein).

Nem todos. Também a consciência moral dos cientistas pode ser cega. A daqueles que brindaram pelo sucesso das quinze mil toneladas de potência explosiva da primeira bomba atómica. A de Samuel Cohen, inventor da bomba de neutrões, para quem inventar armas é «uma ocupação fascinante» e a bomba de neutrões é boa porque «mata soldados inimigos», o que «é próprio da guerra» e «a guerra é própria da natureza do homem». Mais confessa que o ser mais querido do mundo é o seu cão, porque é «o ser que mais depressa corre a cumprimentar-me». Finalmente, considera-se «um humanista»...

Um cientista está exposto ao obscurantismo («especializado»), à inconsciência profissional, à degeneração moral. Tem limitações de tempo histórico, de classe social, de origem familiar, de personalidade. Contudo, raramente um grande criador de cultura fica prisioneiro do emparedamento conservador onde possa estar ideologicamente enraizado. A profundidade, a vastidão e a acuidade de consciência abre a sua representação da sociedade e do homem à universalidade dos problemas e sofrimentos dos homens, acolhe as ressonâncias dos protestos e esperanças dos seus concidadãos e contemporâneos. Não sem contradição, por vezes. J.D. Bernal, historiador da ciência, constatou, por exemplo: «O grande paradoxo da Revolução Científica é que aqueles que mais contribuíram para ela, substancialmente os inovadores científicos desde Copérnico a Newton, foram os mais conservadores nos seus pontos de vista religiosos e filosóficos».

Como Galileu

Entre eles, Galileu (1564-1642) e o seu dramático combate copernicano. Dramático, porque não se esquivou — com dilacerada consciência — a optar entre a submissão à fé institucional dominante e o livre exercício

do seu pensamento. E optou por não **far serva la libertà del mio intellecto**, sem a qual não há aprofundamento e ampliação do campo do conhecimento. «A minha profissão (...) é livremente confessar, como sempre fiz, encontrar-me desfalecido e quase completamente cego de penetrar os segredos da natureza, mas estar intensamente desejoso de conseguir qualquer pequeno conhecimento de alguns deles, intenção à qual nada é mais contrário que o fingimento e a dissimulação». E assim escreveu ao cardeal Matteo Barberini, em Junho de 1612, a propósito das manchas solares: «Tudo quanto digo a V. S. Ilmo e Revd.ºmo. é tão verdadeiro e foi tantas vezes confirmado pelas observações concordantes que fiz, que já não temo, doravante, afirmá-lo como certo. Que muitos façam troça, como ouço dizer, não me atemoriza, porque se trata de coisas que poderão ser sempre constatadas por uma infinidade de pessoas, em todas as partes do mundo, e que serão cada vez mais reconhecidas como verdadeiras pelos melhores espíritos. Por isso, tenho a coragem e a audácia de publicar conclusões que fazem figura de tão estranhos paradoxos».

Íntegro e emblemático perfil da consciência livre e superior do cientista e crente.

Viveu numa incessante paixão de saber — **in me non cessa il desiderio di sapere** (1640) — e de comunicar o que sabia, pois a ignorância é a mãe de toda a malignidade e indignidade. Mas porque saber não é crer, foi com a dúvida que rompeu as evidências e os marcos milenares do mundo.

Metodologicamente materialista, como homem de ciência, pois «eu diria, antes, que a natureza fez, primeiro, as coisas à sua maneira e, depois, fez o entendimento humano capaz de compreender (com grande fadiga, todavia) alguma coisa dos seus segredos»; e homem de fé religiosamente idealista, pois «quando considero quão numerosas e maravilhosas são as coisas que os homens compreenderam, descobriram e fizeram, tenho a certeza e a clara noção de que o espírito humano é obra de Deus, e uma das mais excelentes» (Dialogo, Salviati).

Não são as inovações e paradoxos da ciência que podem «arruinar a ordem pública e subverter os estudos» e prejudicar a Igreja, mas, antes, a confissão da liberdade de pensar, «querer que as inteligências criadas livres por Deus se tornem escravas da vontade de outrem (...) admitir que pessoas absolutamente ignorantes de uma ciência ou arte devam ser juizes das inteligências e, pela autoridade que lhes é outorgada, tenham poder para tratá-las ao seu arbitrio» (Notas à margem do seu exemplar do Dialogo). Livre o pensamento, a ciência progredirá para além do imaginável.

O malizar dos seus inimigos de então e de tempos posteriores desqualificou-o, entre outras injúrias, como exaltado, truculento, intolerante. Outros mais justos conhecedores da sua vida e personalidade testemunham, pelo contrário, o seu desprendimento e bondade. Quem revela o nunca visto ou diz o nunca ouvido fica de mal com o senso comum e põe muitos interesses de mal consigo. Estar com a paz é estar noutra guerra, afinal. A guerra de Galileu foi contra o dogmatismo escolástico, contra o obscurantismo fradesco, contra a perfídia da obtusidade, contra os medonhos pastores dos corpos e das almas.

Agradece a F. Liceti por, acusando-o de ser antiperipatético, lhe dar oportunidade de «mostrar como intimamente sou admirador de um homem da grandeza de Aristóteles» (1640), e compadece-se do seu desamparo Simplicio aristotélico. Mas fus-

tiga a maldade, estupidez e arrogância daqueles que se ocupam «apenas em denegrir as laboriosas invenções do próximo, para justificar a sua covardia e inépcia para a especulação» (Carta a Dini, 1611), «aqueles que escrevem o que não entendem e, por isso, não se entende o que escrevem». Em contrapartida, «é bem agradável conversar com pessoas sensatas e de espírito aberto», e vantajoso, pois que, «para adquirir novos conhecimentos», muito ajudam «as objeções de homens inteligentes» (Dialogo, Salviati).

Nas contradições, contrastes e personalidades do seu pensamento, personalidade e vida, foi um humanista, um inimigo da violência institucional, um homem de paz, Galileu Galilei.

Também Einstein

Como Einstein (1879-1955), da raça de Galileu pelo génio científico, consciência humanista e outras grandes e pequenas afinidades.

Ambos se deram mal com as instituições escolares e foram autodidactas. Galileu abandona a Universidade de Pisa sem diploma, enfadado com programas, professores e métodos, para estudar livremente os filósofos e matemáticos antigos (estimulado e auxiliado por um clero amigo e competente) e deixar o seu engenho científico correr sem freio. Einstein, criança taciturna e sonhadora, asfixiava sob a autoridade e opressiva disciplina do «Luitpold Gymnasium» de Munique, onde a obrigação de aprender latim e grego enfadava o seu gosto pela matemática e pela ciência. Mau aluno, «estudava pouco, mas meditava muito: tinha a grande capacidade de se maravilhar e interrogar (...) A educação aniquila a nossa capacidade para o maravilhoso. Só os génios conseguem permanecer inocentes» (L. Infeld).

Precisaram de recomendações para conseguir o primeiro emprego. A Galileu valeram altos patrocínios eclesásticos e políticos para obter modesta cátedra em Pisa e, pouco depois, nomeação mais honrosa para a Universidade de Pádua. Einstein, graduado pela Escola Politécnica de Zurique (1900), não tem melhor saída que o apagado ofício de preceptor (como Kant e Hegel, nos seus princípios), antes de, adquirida a cidadania suíça e ajudado por um amigo, entrar na Repartição Federal de Registos de Patentes, em Berna, e posteriormente ser nomeado professor-assistente na respectiva Universidade.

Passaram por rupturas afectivas semelhantes. Galileu separa-se da sua bela companheira veneziana, Marina Gamba, mãe das suas duas filhas e de seu filho (1610). Einstein divorcia-se da mãe de seus dois filhos, Mileva, sua condiscípula em Zurique, voltando a casa, em Berlim (1916), com sua prima Elsa.

Foram incompreendidos, ridicularizados, caluniados e perseguidos. O processo de Galileu é símbolo e fronteira na história do pensamento livre, inventivo e descobridor. A teoria da relatividade foi motivo de troça, acusada de ser a maior fraude da história da ciência, o seu autor desprezado por ser de ascendência semita, omitido o seu nome nos artigos publicados a respeito da sua louca teoria, na Alemanha nazi, e os seus livros mandados queimar publicamente por Goebbels, porque era judeu, bolchevista e pacifista...

Um e outro espíritos religiosos. Galileu, católico de insuspeita mas esclarecida fé. Einstein, imbuído de uma religiosidade cósmica, sem Deus pessoal, que era uma fé na racionalidade e inteligibilidade do mundo: «Sem a fé na possibilidade de apreender a realidade por meio das nossas construções teóricas, sem a fé na harmonia do nosso

mundo, impossível a ciência. Esta fé é, e sempre será, o motivo fundamental de todas as criações científicas».

Sintonizavam também na sensibilidade artística. A par do seu talento para a música e a pintura («Conhecia a música e a pintura a tal ponto, que teria podido alcançar grande sucesso numa e noutra arte», Giuseppe Cogliandolo), Galileu é reconhecido como um mestre da língua italiana. Há uma poderosa motivação estética na genialidade de Einstein, sua mãe deu-lhe lições de violino (o seu violino acompanhou-o a vida inteira) e sentia particularmente Bach e Mozart.

Mesmo a Toscana, a doce Toscana de Galileu, os liga: quando seus pais se mudaram de Munique para Milão (1894), Einstein viajou pelo norte e centro de Itália e terá sido nas paisagens toscanas que o seu espírito começou a interrogar-se sobre questões que preludiavam a teoria da relatividade, andava ele pelos dezasseis anos.

Intransigentemente, hereticamente livres, antidogmáticos, interrogaram, com escândalo, as evidências: os corpos mais pesados caem mais rapidamente que os leves? A Terra está imóvel? Tudo o que se lê na Bíblia é literalmente verdade? Há um tempo e um espaço absolutos? Há acontecimentos simultâneos?

Como veria eu o mundo, cavalgando um raio de luz? — perguntava a fantástica imaginação do adolescente Einstein... Três séculos antes, já Galileu ousava assim mentalmente experimentar: «... se eliminássemos completamente a resistência do meio, todos os corpos cairiam com velocidades iguais» (Discorsi, Salviati); a bala do canhão, livre da gravidade, nunca mais deixaria de mover-se em linha recta e uniformemente.

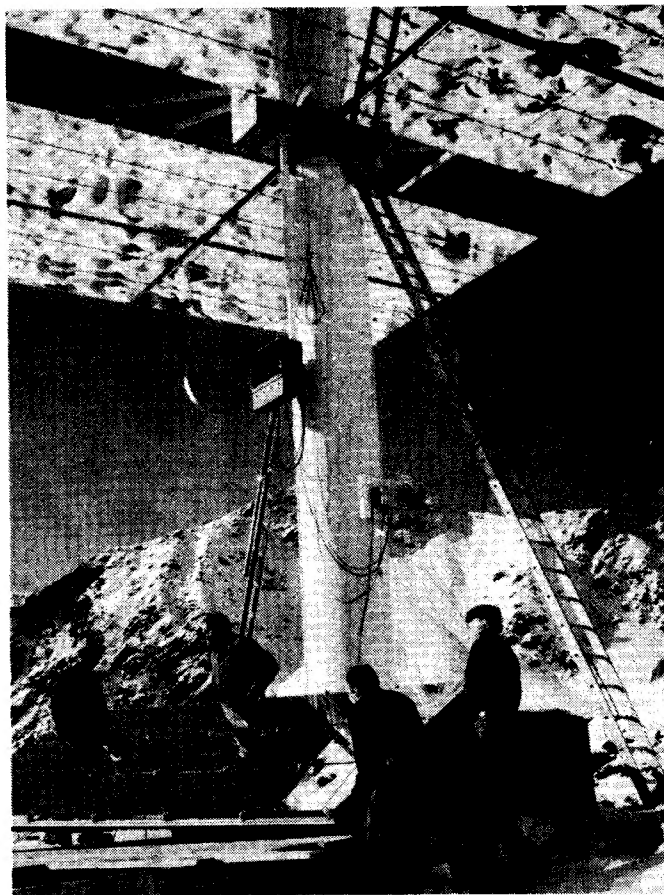
A teoria da relatividade restrita começa por uma extensão da relatividade de Galileu. Abrir caminho a teorias mais poderosas e simples é «o mais belo destino de uma teoria física», escreveu Einstein, pensando certamente, antes de mais, em Galileu e Newton.

Nenhum deles, ainda, se agradava do ensino formal, senão como meio de subsistência pois todo o tempo lhes era parco para obrigar a natureza a confessar os seus segredos. Entregavam-se, sem desfalecimentos, às obsessões do seu génio. Demonstrar o movimento da Terra e dele persuadir as eminências universitárias e reitorias (incluindo o papa e os cardeais do Santo Ofício) foi o desafio que decidiu da vida de Galileu. Por seu lado, a «característica essencial do génio de Einstein» era «a sua tenacidade em atacar um problema durante anos, em se preocupar ar permanentemente com ele». Entre 1918 e 1950, trabalhou «num dos problemas mais fundamentais e difíceis da ciência: achar uma teoria que abarcasse não só os fenómenos do mundo dos infinitamente grandes (como sucedia com a sua velha teoria da gravitação), mas também os fenómenos infinitamente pequenos relacionados com os constituintes do átomo» (Infeld). E julgou tê-la encontrado em 1949, aos setenta anos.

Viveram anos igualmente longos (Galileu 78, Einstein 76) e cativavam quem os ouvia. De Galileu «até os seus adversários disseram que encanta as pessoas», informava-o o clérigo romano Ciampoli, em Fevereiro de 1615. E era «capaz de persuadir as pessoas seja do que for», escrevia o cardeal Barberini ao embaixador toscano em Roma, em 1632. L. Infeld testemunha: «Não era hábil na divulgação da sua doutrina, mas o público ficava encantado por ver Einstein e ouvir a sua bela voz».

Como Galileu (racionalizando a mística de Copérnico), destro-

Continua na pág. 14



Uma central solar e a gás

A maior central eléctrica solar do mundo vai ser construída no Uzbequistão (URSS). Trata-se de uma central combinada sol-gás. A sua capacidade situar-se-á entre 300 mil e um milhão de KW. Até aos finais deste ano estarão feitos os estudos técnico-económicos.

O Uzbequistão foi escolhido por ser uma das zonas com mais Sol de toda a URSS, que aí brilha cerca de 3000 horas por ano, e dispõe de uma capacidade científica e produtiva necessária.

Como efeito, desde há anos, que técnicos uzbeques trabalham na transformação de energia solar em energia eléctrica. As pequenas centrais solares por eles criadas (de 1 a 10 KW) funcionam sem problemas em unidade de criação de gado afastadas dos centros urbanos.

O Uzbequistão dispõe por último de uma indústria evoluída capaz de realizar projectos de uma certa complexidade técnica e grandiosidade.

A central será construída na região de Kachka-Daria, não longe da represa de Talimardjan.

Custos mais baixos

Muitos países prosseguem hoje a elaboração de projectos ou a construção de centrais solares. No entanto, os cálculos mostram que o custo de um KW/hora «solar» é dez vezes mais caro do que o produzido por uma central consumindo combustível orgânico.

Uma das particularidades da central a ser construída no Uzbequistão é o menor custo do KW/hora solar. Isso será conseguido com a construção de dois sistemas geradores de vapor. Um utilizará a energia do Sol, o outro gás natural.

A combinação gás-Sol permitirá à central concorrer desde já, pela sua rentabilidade, com as centrais tradicionais.

De dia, o vapor será fornecido aos grupos eléctricos pelos geradores solares. De noite, ou durante a ocultação do Sol, o vapor será fornecido pelos geradores a gás. Assim a central funcionará 24 horas por dia, durante todo o ano. O elemento solar assegurará uma economia de combustível de 40 por cento.

Os investimentos por KW atingirão aí os 75 a 90 contos. Mais caro que nas centrais clássicas, mas várias vezes mais barato do que nas centrais puramente solares.

Segundo os cálculos efectuados, o preço de custo de um KW/hora produzido pela central combinada é de 2,25 a 2,85 escudos, ao passo que nas centrais solares, varia entre 12 e 15 escudos.

Débito da central

A futura central ocupará uma superfície de 10 quilómetros quadrados. Na sua maior parte será ocupada pelos helióstatos, espelhos especiais que, obedecendo às instruções dos ordenadores, seguirão o Sol.

Os raios solares, reflectidos e concentrados, chegarão a um gerador de vapor, instalado numa torre de mais de 300 metros. A água transformar-se-á aí em vapor e fará accionar as turbinas.

A potência do módulo solar ultrapassará os 100 mil KW. O sistema auxiliar de gás acrescentar-lhe-á 200 mil KW. No conjunto formarão um bloco electrogénico de mais de 300 mil KW. Uma tal central produzirá anualmente até 2 mil milhões de KW/hora.

Os cálculos mostram que quanto maior for a capacidade sumária da central, melhores serão as suas características técnicas e económicas. Está-se assim a estudar a possibilidade de dotar a central combinada com vários grupos, de uma capacidade total de um milhão de KW.

Para tazer durar ainda mais o funcionamento do elemento solar da central, será instalado um sistema de acumuladores de calor, em torres de cimento de 30 metros de altura e 7 de diâmetro.

Os excessos de calor criados durante o dia serão aí acumulados e, à noite ou em tempo coberto, restituídos ao sistema produtor de vapor. Tais acumuladores prolongarão o funcionamento do elemento solar em pelos menos 4 horas diárias.

Sair ou não sair da crise

Blasco Hugo Fernandes

A situação de crise em que se a chama economia portuguesa e cada um dos sectores que a compõe é notória, preocupante e com tendência para se agravar se, entretanto, se não introduzirem medidas que, removendo as profundas causas dessa mesma crise, atenuem e por fim eliminem os seus efeitos. Já se tem dito e escrito alguma coisa sobre a matéria, caracterizando a realidade actual e relacionando-a com a evolução verificada nos últimos anos, dos principais indicadores económicos e sociais. O motivo principal determinante do estado actual da nossa economia parece ser o «modelo» adoptado nos últimos sete anos, de feição marcadamente mediatista e conjuntural, sem enfrentar simultaneamente as razões de fundo geradoras das dificuldades já então sentidas e hoje agravadas, tal como nessa altura se previa. Acresce ainda o facto de, no período considerado, não se poder falar da existência de um plano de desenvolvimento económico social propriamente dito, com objectivos concretos e etapas para os obter.

As consequências da opção feita de 1977 até aos nossos dias são visíveis. O investimento produtivo tem sido posto em causa, o terreno mostra-se propício ao exercício de variadas actividades especulativas que lesam o corpo central da economia nacional e impedem que esta evolua de uma maneira sã, apontada para o futuro. A dívida externa atingiu valores astronómicos, a taxa de desemprego é relativamente elevada e as medidas que têm vindo a ser aplicadas no sentido da desvalorização dos salários, do aumento das taxas de juro e da deterioração das condições económicas-financeiras, concorrem para um visível agravamento do nível de vida não só dos que trabalham por conta de outrem como também das pequenas e médias economias operando na agricultura, na indústria e nos serviços. Em face deste conjunto de circunstâncias, não é de estranhar que se tenha verificado nos últimos tempos uma maior polarização social e económica: o rendimento e o consumo em acelerado crescimento entre os estratos sociais privilegiados contrastando com uma situação de es-

tagnação e/ou de rápida degradação do nível de vida da maioria da população do país. Se a economia portuguesa continuar a caminhar pelos trilhos por que tem seguido até agora, as perspectivas de saída da crise em que ela se debate não poderão ser de modo algum animadoras. As previsões já anunciam esse futuro sombrio.

O que nos está reservado

De acordo com os dados disponíveis, oriundos quer das Grandes Opções do Plano para 1984 quer da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), as taxas anuais de crescimento do volume do Produto Interno Bruto (PIB) serão modestas quando não negativas (0,8% em 1983 e 1,4% no próximo ano, admitindo-se que este indicador atinja valores bastante superiores no total dos países da OCDE). Em relação a 1982 a inflação vai aumentar: naquele ano o ritmo inflacionário foi da ordem do 22%, prevendo-se um agravamento sensível nos horizontes 1983 e 1984 (24% em qualquer período). O mercado do trabalho continuará a retrair-se e em consequência disso o desemprego sofrerá repercussões negativas não só no ano prestes a findar como também no seguinte. Na realidade, em 1982 a taxa de desemprego foi de 8% e calcula-se que no ano em curso e em 1984 atinja os 9,25% e 11% respectivamente (no segundo caso, a taxa é superior à do conjunto dos países da OCDE).

A dívida externa no final do 1.º trimestre de 1983, de acordo com os elementos publicados pelo Banco de Portugal (*Boletim Trimestral*, Vol. 5, n.º 2, Junho/83), atingiu 1.386,3 milhões de contos, prevendo-se por outro lado que o défice da balança de transacções correntes tanto em 1983 como em 1984 se mantenha elevado, embora em movimento descendente, sem que isso seja, no entanto, reflexo de um reforço do aparelho produtivo. Estes indicadores económicos revelam claramente as proporções da crise económica nacional permitindo ao mesmo tempo pôr a descoberto o «destino que nos está marcado» se, entretanto, não logramos forma de o modificar. O problema que se nos coloca é, no fundo, o de

saber se estamos perante uma fatalidade, de que não podemos escapar, ou se ao invés dispomos de portas de saída para esta crise da nossa economia.

Encontrar saídas

Este problema tem muito a ver com o estilo de crescimento económico. Se formos capazes de optar por um «modelo» definido em termos de integral aproveitamento dos recursos nacionais, numa perspectiva de satisfação do mercado interno suficientemente alargado e dinamizado, estaremos no bom caminho. Esta via implica que se dê um posicionamento diferente aos sectores relacionados com a satisfação das necessidades básicas da população e do país no seu confronto com os sectores exportadores da economia, privilegiando os primeiros em relação aos segundos. Do mesmo passo se lançam as bases para que se reduzam as importações, eliminando progressivamente o nosso desequilíbrio e a dependência externos.

Existem no país potencialidades que estão subaproveitadas e as medidas aplicadas nos últimos anos, longe de as recuperar para a expansão da economia nacional, têm tido pelo contrário um papel negativo. O sector agrícola ocupa aproximadamente 30% da população activa e, no entanto, a dependência em relação ao estrangeiro para produtos da agricultura é bastante acentuada. As exportações mal atingem os 50% do nível das importações sendo estas constituídas significativamente por géneros indispensáveis ao abastecimento do país. O accionamento de mecanismos económicos incentivadores dos estratos socioprofissionais predominantes na nossa agricultura (pequenas e médias explorações agrícolas), das cooperativas e de outras unidades de produção colectivas e das zonas com maior capacidade de resposta às exigências da população e da economia nacional permitiria, por certo, um expressivo aumento da produção neste sector da nossa economia.

O sector industrial está a funcionar aquém das suas capacidades produtivas. A definição de uma nova política neste campo, reforçando e relançando o seu aparelho produtivo representa outra componente indispensável

da dinamização e do saneamento da economia portuguesa. Em particular se ela der o relevo necessário aos ramos com repercussões positivas no mercado de trabalho, na utilização preferencial dos recursos nacionais e na multiplicação de outras actividades prioritárias intra e extra-sectoriais, quaisquer que sejam as dimensões físicas e/ou económicas das respectivas empresas. O crescimento da economia portuguesa inclui ainda um melhor aproveitamento do mercado mundial e da actual divisão internacional do trabalho, procurando relacionamentos económico-comerciais repercutindo-se positivamente na nossa economia e em todo o país. Não se pode, por fim, subestimar a importância do sector público no seu papel motor da economia e de dinamizador das empresas privadas e cooperativas (ou de gestão colectiva). No seio da própria OCDE é hoje isso reconhecido quando se afirma que «O Governo deveria em particular (...) fazer os seus esforços para melhorar a gestão das empresas públicas». (L'Observateur de l'OCDE, n.º 120, pg. 37).

Enumeramos apenas algumas das componentes fundamentais de um todo programático necessário ao relançamento da economia portuguesa. Sem a sua concretização não nos parece possível vencer a crise em que vivemos. O recurso, real ou eventual, a empréstimos externos desempenharão nessas condições somente o papel de remendos: os problemas existentes acabarão mais tarde ou mais cedo por ressurgir com proporções agravadas, como as inevitáveis consequências económicas, sociais, humanas, culturais e políticas. Caso haja, pelo contrário, uma verdadeira estratégia de desenvolvimento económico e social, os empréstimos externos a que eventualmente se tenha de recorrer, devidamente articulados com as restantes peças da política de desenvolvimento, terminarão por ser desnecessários ou reduzidos: o balanço final não poderá ser outro que não o da edificação de uma economia nacional auto-sustentada, livre de tutelas estrangeiras, de verdadeira independência nacional. Aqui se acha o eixo da questão. Não se vislumbra, no entanto, uma tal filosofia nos documentos programáticos, opcionais ou orçamentais.

ponto a ponto



O Presidente da República, **Ramalho Eanes**, desloca-se amanhã em visita oficial ao concelho da Feira. A chegada à Vila da Feira está prevista para as 11 horas, seguindo-se depois uma sessão solene de boas-vindas nos Paços do Concelho. Durante esta sua visita, o Presidente da República deslocar-se-á às freguesias de Fiães, Lourosa, Argoncilhe e Moselos, observará uma instalação fabril, seguindo para o Castelo da Feira. Finda a visita oficial ao concelho, o Presidente da República assistirá, cerca das 17.15, à inauguração do primeiro monumento nacional de homenagem a Fernando Pessoa e a uma sessão solene comemorativa do acontecimento, a convite da Liga dos Amigos da Feira.



O presidente da República Popular de Moçambique, **Samora Machel**, enviou uma mensagem pessoal a Mário Soares, a propósito da sua visita oficial a Portugal. Na sua mensagem, Samora Machel agradece ao Governo português a devolução solene ao povo moçambicano dos restos mortais do imperador vátua Gungunhana e renova o convite feito para que Mário Soares efectue uma visita oficial à RPM. Machel afirma ainda que «é com particular apreço que guardo a memória dos encontros privados que mantivemos em Queluz e, especialmente, em Nafarro».



O presidente da Assembleia da República, **Tito de Morais**, chefia uma delegação parlamentar que partiu para Paris a convite do Senado francês. Durante a sua estada na capital francesa, os deputados portugueses serão recebidos pelo primeiro-ministro francês, presidente da Assembleia da República, ministro dos Negócios Estrangeiros, ministro da Agricultura e secretário de Estado da Família e Imigração. O presidente do Senado francês, Alain Poher, receberá a sós o presidente do Parlamento português, Tito de Morais, na quinta-feira.



O vice-primeiro-ministro, Mota Pinto, recebeu em audiência conjunta a secretária de Estado da Emigração, Manueia Aguiar, e o cônsul honorário de Connecticut (EUA), Seabra da Veiga. A análise das conclusões da Segunda Reunião do Conselho das Comunidades Portuguesas e a situação específica dos nossos emigrantes radicados nos Estados Unidos foram os objectivos imediatos da audiência.



O governador civil, presidente da Câmara e reitor da Universidade de Coimbra comunicaram, oficialmente, a visita de **Mário Soares**, Mota Pinto e Almeida Santos no dia 30 àquela cidade. A visita do Primeiro-Ministro, vice-primeiro-ministro e ministro de Estado realiza-se a convite daquelas três entidades de Coimbra. Depois de uma sessão de boas-vindas na Câmara Municipal, os membros do Governo participam numa sessão de trabalho com o executivo camarário. Outra sessão de trabalho terá lugar na Reitoria da Universidade, após o almoço.

Literatura galega

1 — O «Rexurdimento»

Luis de Miranda Rocha

A identidade entre Galiza e Portomar é um facto de compreensão facilmente acessível e consta de qualquer livro que trate das origens e da formação da nacionalidade portuguesa. A língua foi aqui factor determinante, e qualquer manual, por mais elementar, fala disto com mediana clareza: durante alguns séculos falava-se e escrevia-se dum lado e doutro do rio Minho numa só língua: o galaico-português, chamemo-lhe assim, como os livros costumam chamar-lhe, em vez de galego, tão somente. Consta também de qualquer história da literatura portuguesa ou galega. Parecerá ocioso, certamente, que se repita aqui o que deve ser do conhecimento generalizado.

Mesmo depois de Portugal tornar-se reino independente, a língua foi ainda, durante dois, três, quatro séculos, o galaico-português (ou o antigo galego). A pouco e pouco, porém, outros reinos de Espanha, nomeadamente Castela, começam a crescer em força, e Portugal a ter relações com o estrangeiro, onde outras culturas, noutras línguas, nomeadamente o provençal, ganham adeptos entre nós — e começa-

se a perder por aqui o sentido das origens, o sentido da Galiza. Quando a Galiza se deixa dominar e absorver pela maior força de Castela — o que se concretiza na viragem do século xv para o xvi, já Portugal se encontra voltado decididamente para a sua vocação atlântica, de costas para Espanha e para a Europa além Pireneus. É na concretização desta vocação que o português vai desenvolver-se e enriquecer-se. E, enquanto isto, a Galiza, dominada, cai num esquecimento abandonado que vai prolongar-se por mais de três séculos e meio. O galego, derrotado, não suporta um confronto com o castelhano, vencedor. Fidalgos e letrados galegos entram na órbita do vencedor, passam a utilizar a sua língua, deixam o velho galaico para o povo rural da Galiza. Língua que praticamente não se escreve mas apenas se fala — e fala-se por estratos de população naturalmente impreparados para a desenvolver e fazer evoluir (possibilidade ao alcance apenas de letrados seus utentes para outros fins que não somente as trocas correntes quotidianas) —, o galego entra então numa longa noite que só vai alvorecer em meados do século xix, com o «Rexurdimento» (Ressurgimento, Renas-

cimento).

Reflexo, embora tardio, do Romantismo, o «Rexurdimento» pode-se dizer que era um movimento nacionalista, ou, pelo menos nacionalizante. Todo o Romantismo foi isso em qualquer parte, como se sabe; nele se consciencializaram diversas nacionalidades, e daí resultaram muitos Estados, novas independências. No fundo, a aspiração do Romantismo Galego era para aí que apontava também. Mas este objectivo não se concretizaria, por falta de condições. Na República Espanhola, porém, e já no século xx, o nacionalismo galego esteve em vésperas de consagrar-se pelo menos parcialmente através do Estatuto de Autonomia. A guerra civil impediu o desenvolvimento do processo e destruiu tudo o que já estava feito nesse sentido. Durante quase uma década, depois da vitória do nacionalismo centralista espanhol, o galego voltou a silenciar. Em meados de 40 este silêncio foi começando a romper cautelosamente. De então para cá, o movimento cultural e literário galego só tem crescido. Em vida de Franco (de naturalidade galega, lembre-se, a título de curiosidade) e do seu regime, os mais dos trabalhos desenvolvem-se no exílio:

na Argentina, na Venezuela, primeiro, e na Europa, depois. Com o desaparecimento de Franco e a progressiva liberalização do regime, tem sido possível desenvolver, na própria Galiza, uma sequência de trabalhos cujo resultado já são sensíveis há muito. A recuperação do galego como língua literária e cultural é hoje um processo irreversível.

Mas, voltando ao «Rexurdimento», que é o princípio da literatura galega, mais do que o relançamento, nos tempos modernos, da velha literatura galaico-portuguesa, já veremos porque. Um dos equívocos em que geralmente se labora quando não se está muito familiarizado com estas coisas — e, como depoimento, nós, por nós, devemos dizer que nele laborámos durante largos anos, enquanto o «conhecimento» que tínhamos destas coisas era pouco mais do que aquele que adquirimos nas margens da história da literatura portuguesa — é o de pensar que a recuperação literária do galego empreendida no século passado se inspirou nos Cancioneiros. Nada de mais errado. Os «precursores» — como lhes chamou Murguía, desconheciam absolutamente a tradição medieval, embora a «intui-

sem», como escreveu algures Celso Emilio Ferreiro. E «intuíram-no» — Ferreiro ainda — «no que respeitava ao seu enfrentamento com a sociedade que os oprimia». (1)

Os «precursores», como a própria designação indica, são aqueles que se adiantam ao «Rexurdimento» e lhe abrem caminho. Não há nesse âmbito nenhum escritor excepcional, salvo talvez Nicomedes Pastor Dias, cujo livro «A Alborada», publicado em 1828, pode considerar-se «o primeiro balbúcio lírico do século xix». (2) Mas Pastor Dias, há-de tornar-se um dos nomes do topo de referências do Romantismo Espanhol, é depois disso, quando vai escrever o restante e melhor da sua obra em castelhano. Outros «precursores» serão Alberto Camino, com «Nai Choroza», em 1845; Francisco Añón, com «Hymno dos Povos», em 1847, e «Recordos de Infância», em 1849; Xoan Manuel Pinto Vilar, com «A Gaita Galega», em 1853. O primeiro livro de excepcional qualidade é «Cantares Galegos», de Rosalia de Castro, em 1863, dois anos depois dos Jogos Florais da Galiza e no ano seguinte ao do aparecimento de «Albun de la Cadidade».

2-Rosalia

A título de curiosidade, assinala-se que o primeiro «Compêndio de Gramática Galego-Castelhana», de Francisco Mirás, só aparece um ano depois dos «Cantares» de Rosalia, ou seja, em 1864. Só em 1868 Saco y Arce publica a sua «Gramática Galega». E o primeiro «Diccionario Gallego-Castellan», de Francisco Javier Rodriguez, se bem que apareça no mesmo ano que «Cantares», é no entanto somente depois de o livro de Rosalia ter vindo a público. Veja-se agora as datas em que os Cancioneiros foram divulgados: o «Cancioneiros da Vaticana», em Halle, em 1875; o «Cancioneiro Collocci-Bracutti», ou da Biblioteca Nacional, ainda em Halle, em 1880; e o «Cancioneiro da Ajuda», uma vez mais em Halle, mas, este, muito mais tarde: em 1904.

Referimos apenas os «Cantares Galegos», de Rosalia, porque Rosalia é, de todos os poetas galegos do Romantismo, ou do «Rexurdimento» galego, o caso onde mais facilmente se poderia suspeitar da influência da poesia medieval galaico-portuguesa. As poesias de Ponal e de Curros

Embaixador mostra-se impressionado

“Entre Portugal e a Holanda não existem convénios”

O embaixador dos Países Baixos disse em Vila Real que aquilo que mais o tem impressionado entre Portugal e a Holanda «é constatar que entre estes dois países amigos, quase não existem convénios».

O embaixador, que estava acompanhado do presidente da Câmara e do governador civil de Vila Real, falava no decorrer de uma sessão solene no IUTAD, onde se deslocou para tomar conhecimento das acções de cooperação e actividades em curso no instituto, ao abrigo do acordo celebrado entre os Governos holandês e português.

«Com a história tão parecida que temos, podíamos pensar que teríamos convénios de comércio, cultura, mas temos poucos acordos entre Portugal e a Holanda», acrescentou o embaixador dos Países Baixos.

O acordo de cooperação com o Governo dos Países Baixos, no que concerne ao apoio ao Instituto Universitário de Trás-os-Montes e Alto Douro, cifra-se numa verba de 240 milhões de escudos, aplicados num edifício com uma área total de 6500 metros quadrados.

A entrada em serviço do edifício destinado às geociências, prevê o desenvolvimento das actividades de ensino, investigação e apoio à comunidade que o IUTAD tem em curso.

«Este edifício é já hoje o vivo testemunho do êxito desta cooperação e permitirá aos vindouros reconhecer o primordial contributo do Governo dos Países Baixos na sua construção», disse o reitor do IUTAD.

Em encontro promovido amanhã pelo MDP/CDE

Economistas debatem crise e as possíveis saídas

O MDP/CDE vai promover amanhã à noite, no Hotel Lutécia, um debate público subordinado ao tema «Portugal: que caminhos para o desenvolvimento?». Para além de elementos ligados àquele partido, estarão presentes também, como convidados, os economistas Augusto Mateus, João Cravinho, Manuela Silva e Octávio Teixeira.

O objectivo desta iniciativa, salientou-nos Mário Casquilho, um dos economistas do MDP/CDE, é trazer à opinião pública uma reflexão sobre a temática geral do desenvolvimento em Portugal, no momento em que no Parlamento se debatem as Grandes Opções do Plano e o Orçamento. Na opinião do MDP/CDE as Grandes Opções do Plano estão desenhadas de uma perspectiva mais global dos problemas do desenvolvimento em Portugal porque estes problemas têm de ser encarados

em dois planos. Para nós o problema do desenvolvimento não se reduz apenas ao problema do crescimento económico.

O MDP/CDE pretende dizer que não basta o crescimento económico para haver desenvolvimento, isto é, crescimento económico que não se traduza na melhoria da qualidade de vida das populações, especialmente das camadas mais débeis, não pode considerar-se desenvolvimento.

É à volta desta ideia de base

que a iniciativa do MDP/CDE vai desenvolver-se.

Estratégia restauracionista

Tem-se criticado o Governo acusando-o de estar a desenvolver uma política conjuntural, sem ter em conta a necessidade das transformações estruturais da sociedade portuguesa. Mas a nosso ver, o Governo está a pôr em prática uma política que acarretará transformações importantes de índole estrutural, mas pela negativa, isto é, transformações no sentido do restauracionismo de uma ordem social e económica antiga, desajustada das necessidades e da realidade do País.

São palavras de Mário Casquilho, um dos dinamizadores desta iniciativa analisadas não só na perspectiva política mas também na óptica da gestão, a sua principal actividade.

Mas que indícios há para tirar esta conclusão, para fazer este processo acusatório contra o Governo?

As acções conjugadas no sentido do enfraquecimento do sector público da economia e a aposta numa iniciativa privada incapaz como factor decisivo do desenvolvimento.

Todavia, o MDP/CDE não era contra o iniciativa privada?

É sabido que não somos. Isso está escrito no nosso programa e está ainda melhor escrito na nossa prática política.

Entendemos é que, a melhor forma de proteger e potenciar o papel da iniciativa privada é proteger o sector público e reforçar o seu papel na economia, tornando-o o elemento motor do desenvolvimento.

Para se compreender melhor que não há nada de incoerente na nossa posição, basta entender isto, que é bem simples: uma coisa é a iniciativa privada, o conjunto dos empresários que

trabalham com sentido colectivo e outra são os velhos ou novos potenciais monopolistas. Apoiamos os primeiros e combatemos os segundos.

Sujeição e repressão

Mário Casquilho referiu como outro indício desse restauracionismo a tentativa de revisão de toda a legislação laboral e dos direitos dos trabalhadores, envolvendo implicitamente um ataque às liberdades cívicas dos cidadãos.

O que se desenvolve neste momento é uma estratégia no sentido de provocar a sujeição dessas camadas, mediante o recurso tanto à via legislativa e repressiva propriamente dita, como ainda através da repressão económica, que se traduz no desemprego, nos salários em atraso, na angústia perante necessidades básicas, como a saúde, a habitação, etc.

O debate promovido pelo MDP/CDE é encarado essencialmente como mais uma possibilidade de confronto de opiniões e levantamento de pistas, porventura não coincidentes na sua formulação, mas apontando no mesmo caminho.

Esta não é de resto a primeira vez que aquele partido toma iniciativas deste género, visando directamente as questões económicas de fundo.

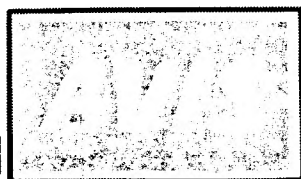
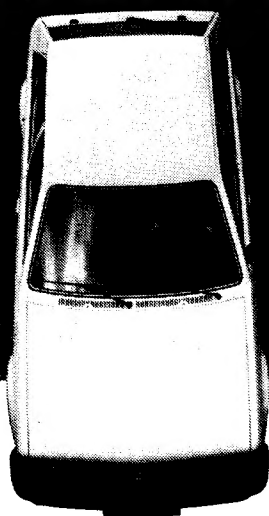
Pensamos que é através da multiplicação de iniciativas deste género que se poderá esclarecer a opinião pública e levá-la a reflectir sobre a verdadeira razão das dificuldades em que nos encontramos e as possíveis saídas para essas dificuldades, que necessariamente passam por uma modificação radical da política económica que tem vindo a ser praticada e que o Governo adoptou.

A. V.

AVIS

semana comercial 5=7

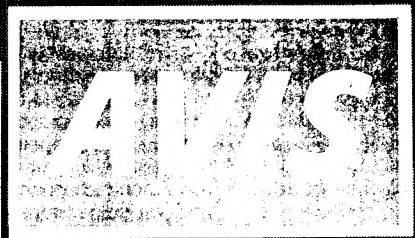
Você aluga um carro de 2.^a a 6.^a feira... e a Avis oferece-lhe o fim de semana! Preços desde 4900\$00 c/300 Km incluídos



ALUGAMOS AUTOMÓVEIS

Num aluguer de carro por 2 dias... a Avis oferece-lhe um terceiro dia de carro, absolutamente grátis! Preços desde 2190\$00 c/100 Km incluídos

dia comercial 2=3



FCB 03 AVS 83

E tudo corre sobre rodas...

Todas de Castelo Branco

Negociação de cargos públicos repudiada por concelhias do PSD

As comissões políticas concelhias do Partido Social Democrata (PSD) da Covilhã, Fundão e Penamacor, distrito de Castelo Branco, lamentaram em comunicado que se negoceiem cargos públicos entre partidos políticos.

O documento, que se refere à nomeação da futura comissão instaladora do Centro Regional de Segurança Social (CRSS) de Castelo Branco afirma que «politicamente é

lamentável» que se proceda à referida negociação.

A «nomeação e escolha deve ser em última análise da atribuição do titular do Ministério do Trabalho e Segurança Social» — refere o comunicado.

Aquelas comissões concelhias sociais-democratas acrescentam que a comissão política distrital nunca foi convocada para partilhar «cargos públicos e consequentemente não foi ouvida sobre o assunto».

O Rissol da Esperança
de Joaquim & Ribeiro

RESTAURANTE • CERVEJARIA • PASTELARIA

RUA DA ESPERANÇA, 96 e 96-A TELEF. 66 00 40 1200 LISBOA

Comissão Permanente no centro das atenções

Comissão Política do PS reúne-se esta noite

Reúne-se esta noite, pela primeira vez, a nova Comissão Política do PS, eleita há um mês em reunião da Comissão Nacional. O problema que tem adiado sucessivamente esta reunião — eleição da nova Comissão Permanente — mantém-se. Será um dos pontos principais da reunião desta noite, tal como a análise da situação político-partidária.

Ontem Mário Soares e Vítor Constâncio encontraram-se num almoço, mas tudo indica que a situação não se tenha alterado. Isto é, Vítor Constâncio não deverá integrar a nova Comissão Permanente, embora não tivéssemos conseguido confirmar

junto do próprio a informação.

Em certos sectores socialistas pensa-se que a composição desta comissão — sobretudo a inclusão dos dois elementos que irão substituir Cal Brandão e Walter Rosa — terá mais a ver com a próxima remodelação governamental, do que com a gestão partidária. Quatro dos cinco membros efectivos que irão integrar a Comissão Permanente fazem parte do Governo. São eles: Almeida Santos, Jaime Gama, Eduardo Pereira e António Campos. A excepção cabe a Rui Mateus que é o responsável pelas relações internacionais do partido.

Para confirmar o proclamado «apaziguamento» do PS no V Congresso seria necessário que elementos do ex-Secretariado participassem no principal órgão de direcção política que é a Comissão Permanente. Nesse sentido Mário Soares tem feito diligências indirectas junto de vários dirigentes daquela sensibilidade. A resposta tem sido «não». O único contacto directo foi estabelecido com Vítor Constâncio que também tem argumentado a sua «indisponibilidade» com as funções que exerce no Banco de Portugal.

Regista-se que esta noite terão de ser eleitos catorze ele-

mentos para a nova Comissão: sete efectivos e sete suplentes. Dada a implicação de quatro dos indigitados para efectivos nas tarefas governamentais, outros tantos dos suplentes ficarão directamente envolvidos na gestão central do PS.

Entretanto no Porto, 36 estruturas de base do PS apontam Mário Soares como candidato à Presidência da República. Num documento conclusivo de uma reunião de análise da situação política distrital, aquelas estruturas afirmam que a candidatura de Soares será a «garantia maior do esforço do regime constitucional».

Deputado do PSD/Açores apoia Eanes

O deputado regional do PSD José Ribeiro afirmou ontem na Horta que a visita do Presidente da República à região autónoma dos Açores foi «um sucesso». Falando numa sessão da Assembleia Regional, reunida para discutir fundamentalmente questões relacionadas com as pescas e a agricultura, José Ribeiro disse que a estadia de Eanes, em Setembro passado, foi «uma prova de solidariedade dos portugueses do continente e da Região».

Manifestou ainda o seu respeito e admiração pelo actual Presidente da República.

Posições mais descrentes tem o novo deputado do CDS naquela assembleia.

“Façam chocolates não façam armas”

— pedem “Pioneiros” de Portugal

Façam chocolates, não façam armas — proclamaram os Pioneiros de Portugal, do distrito de Lisboa, no seu IV Encontro, realizado há dias em Sintra.

No documento final, aprovado por aclamação pelas dezenas de pioneiros presentes pode ler-se, a dada altura: «As crianças brincam à guerra, lá isso é verdade!, mas não gostam da guerra. Então porque é que brincam às guerras? Elas brincam, porque vivem em ambiente de guerra e é

uma maneira de se habituarem ao que mais tarde vão enfrentar na vida. E é isso que nós não queremos, é por isso que nós crianças dizemos: ‘Queremos Paz’.

A falta de alimentos e de assistência médica, os milhões e milhões de contos gastos em armamentos são ainda denunciados no documento, propondo-se antes, a sua aplicação na construção de jardins-escolas, infantários, habitações, produção de alimentos... e, claro, chocolates.

«Se governássemos o Mundo» — dizem os pioneiros — «proibamos a guerra e lançá-vamos o Sol da Paz sobre toda a terra, faríamos com que todos os países se reunissem para chegar a um acordo de não construírem mais armas».

Proposta final dos Pioneiros: que seja criada a Declaração Universal do Direito à Paz, com um artigo único **É proibido a todos os países fabricarem todo o tipo de armas que destruam a Humanidade.**

Ministro de Pretória em Lisboa

Jaime Gama defendeu resolução da ONU sobre a Namíbia e apelou ao diálogo na África Austral

«A criação de um clima de confiança recíproca, a redução de tensões, a não ingerência nos assuntos internos, a opção pelo método negociado em detrimento do uso da força e a adopção de esquemas de boa vizinhança entre Povos e Estados, devem constituir a aposta dos que, como Portugal, consideram a estabilidade, a cooperação e a paz como factores decisivos do desenvolvimento e de uma política voltada para o futuro» — disse Jaime Gama, no jantar que ontem ofereceu ao ministro dos Negócios Estrangeiros sul-africano, Roelof Botha.

Concretamente em relação à Namíbia, Gama defendeu a so-

lução prevista no quadro da resolução 435 do Conselho de Segurança das Nações Unidas e sublinhou que se congratularia com quaisquer iniciativas destinadas à «reabertura imediata do diálogo directo» entre a África do Sul e os vizinhos, nomeadamente Angola e Moçambique.

Referindo-se, aparentemente, ao próprio sistema do «apartheid» vigente na África do Sul, o ministro português manifestou, por outro lado, o desejo de que «o caminho consistente das reformas se a o mais produtivo e o mais ousado, em ordem a evitar transferir para a África Austral uma situação de desestabiliza-

ção e de conflito semelhante à do Médio Oriente».

Em resposta, e de improviso, Botha — que partiu já esta manhã para a Alemanha Federal — indicou que Pretória dará a devida consideração às opiniões portuguesas, para, de imediato, acrescentar que «estamos para ficar e tentamos ficar» na África do Sul. Criticou o que apelidou de «hipocrisia», em particular do Ocidente», de todos os que, no seu entender, não compreendem na verdade a África do Sul e o que ela pretende.

Botha, que esteve em Lisboa, desde domingo, rodeado de medidas de segurança pouco usuais entre nós, declarou-se ainda convencido de que os «dirigentes moderados» de toda a África Austral, brancos e negros se juntarão.

Discordâncias com Eanes

Roelof Botha avistou-se ontem, de manhã, durante duas horas, com Jaime Gama, almoçou com a secretária de Estado da Emigração, Manuel Aguiar; foi recebido por Mário Soares e, ao fim da tarde, esteve hora e meia, em Belém, com Ramalho Eanes.

Sobre o encontro com o PR indicou ter sido a situação da baragem de Cabora Bassa o tema principal. Considerou, «estimulante» a conversa com Eanes, disse ter falado ainda da situação dos 600 mil emigrantes portugueses na África do Sul (50 por cento dos quais originários da Madeira) e acrescentou não ter concordado com todas as posições mani-

festadas pelo chefe do Estado português e que o contrário também se verificou. No entanto — frisou — foi de «grande interesse a troca de pontos de vista» que manteve em Portugal — a primeira visita, depois do 25 de Abril, de um dirigente de Pretória.

Enquanto os dois ministros conferenciavam ontem, outros membros das respectivas delegações procederam a trabalhos separados, designadamente para se verificar se Portugal poderá vir a receber mais dinheiro pela electricidade de Cabora Bassa que é fornecida à África do Sul.

A hidroeléctrica de Cabora Bassa, a maior de toda a África, só será entregue ao Estado moçambicano (seu actual accionista minoritário) depois de Portugal haver sido plenamente reembolsado de tudo quanto gastou para concretizar a obra.

Carta de Andropov

O embaixador da União Soviética em Lisboa, Valentin Velovine, entregou ontem, oficialmente, no ministério dos Negócios Estrangeiros português a declaração de Yuri Andropov sobre as conversações de Genebra.

Sobre a quase simultaneidade da sua presença no palácio das Necessidades com o ministro dos Negócios Estrangeiros sul-africano, o embaixador soviético disse que se tratava de uma coincidência.

«É uma simples questão técnica», salientou à ANOP.

Dia 1 de Dezembro, em Óbidos

Associação 25 de Abril evoca reunião do Movimento dos Capitães

A Associação 25 de Abril, promove, no dia 1 de Dezembro, em Óbidos, um convívio público, evocando a reunião que o Movimento dos Capitães realizou no primeiro de Dezembro de 1973.

Nessa ocasião, foi eleita a comissão coordenadora que viria a funcionar até 25 de Abril de 1974.

Quatro dias depois — 5 de Dezembro de 1973 — seria eleita a direcção do Movimento dos Capitães, entre os 21 oficiais que compunham a comissão, reunidos na Costa de Caparica.

O convívio, aberto ao público, numa praça e teatro de óbidos, na próxima quinta-feira, inclui o descerramento de uma placa alusiva ao 10.º aniversário da «Revolução dos Cravos», uma intervenção de um militar do 25 de Abril e actividades recreativas diversas.

Exoneração do CEME

A exoneração do chefe do Estado-Maior do Exército, general Garcia dos Santos, foi hoje publicada no «Diário da República». O decreto, do Presidente da República, tem o n.º 26/83, de 22 de Novembro e reza assim: «O Presidente da República decreta, nos termos do Artigo 136.º, Alínea p), da Constituição, o seguinte: é exonerado, sob proposta do Governo, ouvido o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, do cargo de chefe de Estado-Maior do Exército, o general Amadeu Garcia dos Santos».

Novo ano lectivo no Instituto da FA

O general Ferreira Valente, director do Instituto de Altos Estudos da Força Aérea, classificou como «credo inabalável» do instituto a ideia de coesão e complementaridade das Forças Armadas.

Falando na cerimónia de abertura do novo ano lectivo do instituto, Ferreira Valente saudou os alunos dos três cursos que ali decorrem.

«Com eles — afirmou — aprendemos também, porque não somos donos de conhecimentos exactos, nem somos ciosos de sabedoria convencional».

Presidiram à cerimónia os chefes de Estado-Maior da Força Aérea, general Lemos Ferreira, o secretário de Estado da Defesa, Figueiredo Lopes, o director do Instituto de Defesa Nacional, general Altino de Magalhães e os vice-chefes dos Estados-Maiores da Armada e do Exército.

No Instituto de Altos Estudos da Força Aérea estão a decorrer três cursos normais: curso superior de Guerra Aérea, frequentado por oito coroneis, curso geral de Guerra Aérea, frequentado por 43 capitães, e um segundo curso básico de Comando, frequentado por 27 capitães.

Este instituto substituiu em 1978 a Escola Superior da Força Aérea e tem como objectivo preparar oficiais para o exercício de funções superiores, nomeadamente no comando de unidade, direcções de serviços e estado-maior.



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE ODIVELAS

CONCELHO DE LOURES

Comunica-se a toda a população que a reunião ordinária da Assembleia de Freguesia de Odivelas terá lugar a 30 de Novembro às 21.30h no salão polivalente do Bairro Gulbenkian, em Odivelas.

Mais se informa que a Junta de Freguesia propôs ao Presidente da Mesa a alteração da ordem dos trabalhos, para inclusão como 1.º ponto, da situação decorrente das inundações.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE ODIVELAS,

José Filipe Gomes Horta

Contra a poluição marítima Madeira e Canárias acertam posições

Depois de um encontro realizado no Funchal, os líderes regionais da Madeira e das Canárias repudiaram «qualquer tentativa internacional» de lançamento de produtos ou resíduos nocivos nas águas daqueles dois arquipélagos.

João Jardim e Jerónimo Saavedra debateram também questões relacionadas com o turismo. Os dois Executivos regionais vão desenvolver acções visando a intercomunicabilidade e a complementaridade de mercados, assim como em matéria de cultura se incrementarão contactos, inclusive no campo da televisão.

Recorde-se que as Canárias, ilhas atlânticas integradas na Espanha, possuem um estatuto autonómico semelhante ao da Madeira e têm problemas muito aproximados.

Centralismo municipal/(in)acção descontinua

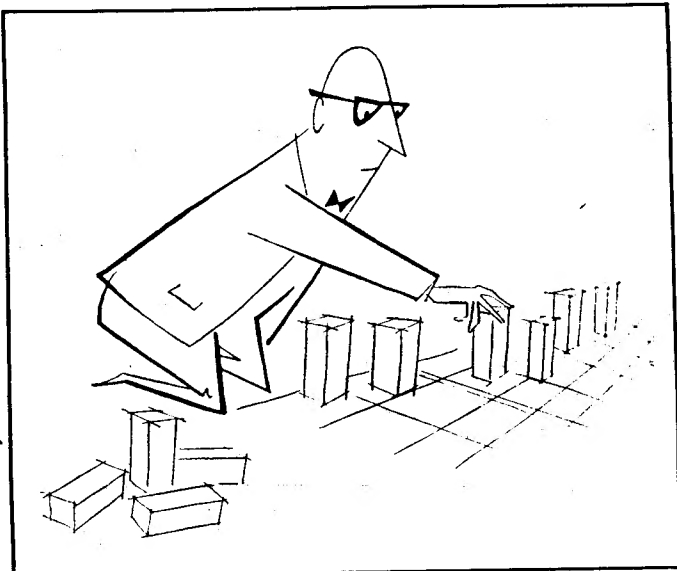
Toponímia e urbanismo rodoviários (1)

Em continuidade do nosso anterior artigo de 2 de Nov., pág. 9, o título de hoje (sob o mesmo tema genérico de **centralismo etc.**), associa duas expressões, ambas *ad hoc*, cremos, mas não autorizadas ou legitimadas, provavelmente, nem pelos toponímicos, nem pelos urbanistas, ou nem mesmo, o que seria bem mais comprometedor (perdoe-se-nos a distinção), pelos lexicógrafos, pelos linguistas, pelos puristas. A ordem pela qual se dispõem em título, as duas expressões, deveria, por outro lado, e a bem da lógica e da precedência, inverter-se: porquanto, urbanismo rodoviário implicaria toponímia rodoviária e não o inverso. Aqui, pois, nos desejamos situar.

Urbanismo

Ter-se-á, então, notado que classificámos, nesse citado artigo, a nova urbanização de Olivais-Norte, -Sul e Chelas, isto é, o resultado à vista, de «urbanismo rodoviário». Porque nos

1967, como parte desse diploma, supomos — veio tornar mais urgente a conclusão da *rede das grandes artérias da cidade* (sublinhados nossos) para estabelecer os necessários meios de comunicações interurbanas.



(1) — Urbanista (City Planner — desenho de Sol Ehrlich, do artigo «Ideias Actuais de Prática Arquitectural» de Edmund R. Purves, FAIA, Director Executivo, American Institute of Architects, in revista Architectural Record de Maio de 1959). A massificação habitacional, em urbanização de blocos, quanto a nós de escala inumana (a de Olivais e «Chelas»), talvez possa interpretar-se, influi na linguagem e no pensamento, e justificar-se, como decorrente até de uma das peças de planificação designada de PLANO DE MASSAS que compreende, entre outros elementos, plantas, alçados e perfis volumétricos das «massas» (de habitações!) a edificar. «Massas», terminologia urbanística tendente a vulgarizar-se por estar, parece, tecnicamente já consagrada. Do «Diário de Lisboa», 14.Dez.79, recortamos: Poole da Costa (Director do «gth» da CML) refere que, pelas experiências dos outros países (e a investigação e pesquisa, que um serviço do «gth» originalmente criado para estas e outras questões, não faz?!), «se verificou não ser aconselhável, do ponto de vista das relações humanas, a habitação em altura, sendo preferível a que se faz em superfície» (parêntesis nossos). Com a devida vénia e o maior respeito pela opinião emitida, comentáremos: que se pretende, das novas urbanizações habitacionais, depois desta (impúdica, permita-se-nos) afirmação de um responsável?!

parece que todo o traçado e implantação «desordenada» (entre aspas, porque o termo não tem aqui conotação depreciativa) de «blocos habitacionais» (o que para nós também não é bem o mesmo que habitações, antes «massificação habitacional» (1), maior ou menor) se delineou, especial e certamente, para satisfazer, fluentemente, circulação rodoviária. Isto é, com maior ou menor sacrifício de tudo o resto, circulação pedestre evidentemente incluída e talvez mais atingida, no futuro mais ou menos imediato, não sendo mesmo desde já, pelo princípio fundamental adoptado.

Assim, como doutrina ponderada; diz, no seu preâmbulo, o Decreto-Lei n.º 42 454, 18.Ago.59: «A recente publicação do diploma que mandou organizar o plano urbanístico da região de Lisboa — Plano Director (de urbanização) de Lisboa, de

A expressão **artérias** ou **grandes artérias**, para nós, tem certo pitoresco antropomórfico e evidenciará, provavelmente, que a «ciência» ou a «técnica» urbanística (ambas entre aspas), ainda não criou, que saibamos, terminologia própria, convincente, ou cibernética muito embora, porquanto, na analogia inexistente, artérias conduzem sangue, puro, anote-se, apenas num sentido de «tráfego» e auto-estradas ou avenidas, sendo, não figuradamente, grandes vias de comunicação, geralmente (2) com duas vias, simples ou múltiplas, de rodagem, têm-na (à circulação) nos dois sentidos opostos. Mas, adiante!

Plano director

Dos Princípios Fundamentais do Plano Director (de urbanização) de Lisboa, retiramos

(parece-nos que sem prejuízo do texto original que, de nenhum modo, desejariamos molestar) do capítulo «Função-capital», o seguinte: O **coração** de Lisboa não deve ser deslocado: o Terreiro do Paço deve continuar como local de prestígio (e do conto do vigário, acrescentariamos) onde confluem os grandes **eixos monumentais** (sublinhados nossos). Deixemos o «prestígio» de parte e fixemo-nos, apenas por momentos, no termo **coração** e na «monumentalidade» dos eixos. Aquele órgão chegam e partem vasos, segundo nos lembra do 1.º ciclo do liceu, e é, efectivamente, o que, de veras, acontece no Terreiro do Paço, com duas avenidas e cinco ruas que ali fluem e dali, as mesmas, refluem. Assim, o termo **coração**, se escolástica, romântica e corporativamente correcto, não nos parece apropriado em linguagem urbanística de carácter prático e técnico. A não ser que, em toda a extensão da analogia, se pudesse dizer, com propriedade, que quando ali há engarrafamentos e pandemónio de tráfego, o coração (ou o Terreiro do Paço, especialmente do lado Sul e Sueste) sofre de enfartamento (ou de enfarte). Quanto à «monumentalidade dos eixos», que dizer?

Tem-se, ainda, dos Princípios Fundamentais, do capítulo «Via Rápida Interior»: (...) Tem esta via diversa funções: a) Via de Prestígio (com maiúscula, sublinhada nosso) — Permite dotar Lisboa, a partir do nó (!) de circulação de Sete-Rios com um acesso **triumfal** quer partir da Ponte sobre o Tejo, quer da auto-estrada do Norte, quer da auto-estrada de Sintra. Tendo como ponto culminante o alto do

Parque Eduardo VII, penetra no **tecido** (3) (imagem, de novo, antropomórfica) urbano através da Praça Marquês de Pombal e Avenida da Liberdade e Baixa Pombalina, rematando (!) no Terreiro do Paço (local de prestígio e de abusivos impostos, sublinhados nossos).

Uma última transcrição. Estrada de Sintra — A partir de Sete-Rios e contornando o Parque de Monsanto pelo Norte desenvolver-se-á até à Buraca. Desde aí prolongar-se-á por auto-estrada até Sintra.

Em direcção ao centro esta via (ou artéria, termo nosso este) prolonga-se em **avenida triumphal**, certamente digna da Cidade Eterna, Roma Imperial (4), cujo embelezamento, como se sabe, começou no reinado de Augusto, o Octaviano César, como o diria o António Sérgio que, em circunstâncias não inteiramente comparáveis, tratava por tu o Luís de Camões, o Antero e outros.

Eis tudo, por hoje. Entraremos seguidamente, em toponímia rodoviária, exemplificando um caso de referência numérica de moradas (números de polícia) e geográfica de arruamentos, apoiada em dois eixos toponímicos, ortogonais ou quase, espécie, pois, de «cartesianismo toponómico» (triumfal ou monumental, consoante o forem esses dois eixos ou apenas um só deles).

(continua)

R. Toulson A. Leite

Nota: — Para não nos excedermos desmesadamente no espaço que nos é honrosamente facultado, deixamos para próximo artigo as referências das notas-de-rodapé (2) a (4).



A 5.ª Avenida, de Manhattan, New York, em Ago.66, já com apenas um sentido de tráfego, na parte visível. O fotógrafo (nós) colocado sobre o duplo traço amarelo do eixo da Avenida, focou a máquina (uma Rollei 4x4, com slide a cores) enquanto os sinais da Rua 48 (repare-se, à direita, nas agulhas da Catedral gótica de St. Patrick) suspendiam o tráfego. E aguardou, calmamente, o momento do instantâneo. O carro, justamente colocado no eixo da Avenida, quando parado, ao passar por nós deslocou-se como se vê. Nada ouvimos de repreensivo (nem de aprovação!), como em Lisboa um gracejo (de mau gosto, quando não pior) seria perfeitamente normal (!!!). O americano, como os suíços, os ingleses e alguns mais, não está, mesmo, preocupado com os outros. Ter-se-á admitido que... necessitávamos de fotografar a Avenida no seu eixo... A prova de que estamos vivos, reconhece-se pelo aproveitamento que damos a esta fotografia, para ilustrarmos hoje considerações que fazemos sobre o nosso tema toponímico.

comunicação social

Letria «Pax Mundi»

“Merecem o prémio os que souberam atravessar a Censura...”

Todos aqueles jornalistas que atravessaram a Censura e os tempos difíceis subsequentes à Revolução do 25 de Abril mereciam o prémio que me foi atribuído — disse esta manhã Joaquim Letria aos microfones da Rádio Comercial.

Como ontem noticiámos, o porta-voz da Presidência da República, Joaquim Letria, foi um dos laureados este ano com o «Prémio Dag Hammarskjöld», atribuído

pela delegação portuguesa da Academia de Paz «Pax Mundi». O outro premiado da língua portuguesa é o escritor brasileiro Jorge Amado.

A cerimónia de entrega dos prémios a Joaquim Letria e a Jorge Amado decorre na próxima quinta-feira na Universidade de Évora, sob a presidência do Chefe do Estado, general Ramalho Eanes.

César Torres deixa CG da EPNC

As funções de presidente do Conselho de Gerência da Empresa Pública «Notícias/Capital» (EPNC) deixam amanhã de ser desempenhadas por César Torres.

Num comunicado dirigido aos trabalhadores, César Torres afirma que a sua «permanência no cargo estava condicionada, no tempo, por compromissos que já eram do conhecimento do anterior Executivo».

Acentua César Torres que, quando da tomada de posse, comprometera-se «a concluir o estudo e apresentação de um programa de reestruturação e viabilização da empresa».

Esse compromisso, segundo César Torres, «encontra-se totalmente cumprido e cabe agora ao Governo optar sobre as acções a empreender no futuro da EPNC, que é, sem qualquer dúvida, susceptível de proporcionar

à empresa e a quantos nela trabalham uma vida sem os sobresaltos que a têm caracterizado desde a sua constituição e com particular incidência nos últimos meses».

César Torres encontra-se confiante em que o «Diário de Notícias» e «A Capital» serão, «dentro em breve, não só auto-suficientes mas rentáveis, e que as editoras e o Anuário têm capacidade para se tornar mais competitivos, assegurando o futuro dos que aí trabalham».

De momento, ignora-se quem será o novo presidente do Conselho de Gerência da EPNC.

Talvez valha a pena salientar que até hoje a vida financeira da empresa não foi normalizada, apesar da insistência do Conselho de Gerência junto da tutela para desbloqueamento de verbas essenciais à reestruturação da EPNC.

“Em Marcha”: julgamento amanhã na Boa-Hora

Realiza-se amanhã, no Tribunal da Boa Hora (7.º Juízo Correccional de Lisboa, 1.ª Secção), o julgamento do jornal «Em Marcha» por ter publicado em 27 de Janeiro de 82 um artigo intitulado «Padre Max assassinado há 6 anos/Quem protege os bombistas?»

Os réus do processo são Carlos Marques, na qualidade de director do semanário e Luís Fazenda, professor, autor do referido artigo, que assinava.

São testemunhas de Carlos Marques, o deputado e dirigente do PS Manuel Alegre; Ismael Sanches, ex-sacerdote e amigo pessoal do padre Max; Luís Mo-

ta, dirigente do CIDAC; major Mário Tomé; Cesário Borge, presidente do Sindicato dos Jornalistas; dr.ª Alcina Bastos, advogada; dr.ª Manuel Geraldo, jornalista do «Diário de Lisboa».

Em relação a Luís Fazenda, nas suas testemunhas, para além de vários jornalistas do Porto, conta-se a avó de Maria de Lurdes, jovem assassinada pela mesma bomba que vitimou o padre Max.

Recorde-se que o padre Max foi assassinado durante a campanha eleitoral para as eleições legislativas de 1976, nas quais era candidato nas listas da UDP pelo círculo de Vila Real.

RTP/TVE: “repetidores” de imagens

Uma comissão constituída por utentes da televisão dos distritos de Braga, Viana do Castelo, Porto e Aveiro vai solicitar do Governo a autorização (mediante licença) para a instalação de «repetidores» de imagens da RTP e TVE, recentemente proibida.

A resolução dos interessados em receber, nas melhores condições, imagens da televisão portuguesa e, também, da espanhola foi deliberada em reunião efectuada na quinta-feira passada, à noite, na sede dos Bombeiros Voluntários de Braga.

Ao «exigir» a autorização dos «repetidores de pequena potência», aquela comissão solicita também que essa autorização seja «isenta do pagamento de

taxa», considerando que «os cidadãos já pagaram a respectiva taxa de recepção».

Durante a reunião foi discutido o parecer da Procuradoria Geral da República sobre a ilegalidade que constitui a instalação radioelétrica receptiva e emissora, parecer que — segundo a opinião geral dos participantes — se baseia num decreto de 1933, já caduco.

Por outro lado, também ali se entendeu que a RTP não prevê a proibição de instalação de repetidores destinados a retransmitir a pequena distância, as emissões da emissora de televisão nacional, nem de estações estrangeiras, nomeadamente da TVE.

Cunhal na RTP/Açores

A RTP/Açores transmite no dia 7 de Dezembro uma entrevista com o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, segundo anúncio feito pela Televisão em Ponta Delgada.

Trata-se de uma resposta a um protesto feito pelos comunistas açorianos pelo facto de a Televisão ter transmitido na Região uma entrevista com o ministro

das Finanças, no programa «Primeira Página», o esmo não acontecendo com a entrevista de Álvaro Cunhal ao mesmo programa.

A RTP esclareceu ter transmitido a entrevista com Ernâni Lopes «pelo interesse imediato do tema», em debate na Assembleia da República.

OLHE O PERIGO DE FRENTE!



Adiado colóquio sobre ANOP

Dificuldades de última hora obrigaram a Direcção do Sindicato dos Jornalistas a adiar o colóquio sobre a Agência Noticiosa Portuguesa, o qual se encontrava marcado para hoje.

Causa do adiamento: alguns dos membros da mesa que deveria animar o debate informaram o SJ de que não lhes seria possível comparecer.

Sigilo profissional

O Conselho de Imprensa recordou que o Estatuto de Jornalista garante direito de recusa a revelação das fontes de informação e que qualquer tipo de pressão que atente contra o sigilo profissional é contrário à liberdade de imprensa.

O CI refere-se deste modo a factos que lhes foram transmitidos pelo Sindicato dos Jornalistas relativos à actuação de agentes da Polícia Judiciária na Re-

dacção do «Diário Popular». Lê-se num comunicado do CI que aqueles agentes, segundo o Sindicato, procuraram obter de um jornalista documentos protegidos pelo sigilo profissional.

Para o Conselho de Imprensa, a protecção legal do sigilo profissional abrange igualmente arquivos, centros de documentação e outras dependências da empresa jornalística.

Três mil contos de relógios PSP prende autores do assalto

PORTO, 29 — Graças a um bom trabalho dos agentes da 1.ª esquadra da PSP, sob as ordens do chefe Branquinho, foi agora totalmente esclarecido o assalto à relojoaria «Andrade Melo, Ld.», situada na Rua do Mouzinho da Silveira, 24, ocorrido durante a madrugada de 21 de Junho último, o qual rendeu aos seus autores cerca de 3000 contos, em relógios de boa marca.

Dez dias após o roubo, mais exactamente em 1 de Julho, a PSP logrou deter um dos intervenientes, António Cipriano Teixeira Gonçalves, de 25 anos, sem profissão, morador na Rua do Souto, 9. Na sequência desta captura, a PSP ficou a saber quem foi o outro interveniente no roubo, mas apesar dos esforços desenvolvidos, não foi possível encontrá-lo.

Por outro lado, apurou-se também, que o António Cipriano havia sido atraído a uma cilada onde ficou sem os relógios que lhe tinham tocado na divisão. Foi numa bouça situada nas proximidades de Vila do Conde, para onde o Cipriano se dirigiu sozinho na noite anterior à sua captura e onde lhe apareceram os potenciais compradores dos relógios que, sob a ameaça de uma pistola, lhe levaram o produto do seu «trabalho».

Foram, entretanto, passados mandados de captura contra o comparsa do Cipriano — Carlos Alberto da Silva Ramos, de 35 anos, com residência na Rua dos Pelames, 28, no Porto — os quais só ontem foi possível cumprir.

Punição exemplar

Rapto e violação de menor dão dez anos e meio de cadeia

PORTO, 29 — Foi ontem que no Tribunal de Matosinhos terminou o julgamento do feirante António Silva Pinto, de 41 anos, que no dia 1 de Maio último raptou e violou uma menina de 11 anos, natural e residente em Matosinhos.

Com a sala de audiências repleta, o Tribunal, presidido pelo juiz dr. Sousa Guedes, acordou em condenar o réu em 10 anos e meio de cadeia (pelos dois crimes) e ainda no pagamento de 100 contos de indemnização à menor, 12 contos de imposto de justiça, 1 500 de procuradorias e outro tanto ao defensor oficioso.

Recorde-se, entretanto, as circunstâncias que rodearam o rapto. Na manhã do dia 1 de Maio, quando a menor se dirigia

de sua casa para uma capela situada na rua do Tenente Valadim, em Matosinhos, foi interceptada pelo feirante e convidada a entrar na sua carrinha — considerada perdida a favor do Estado — o que foi recusado.

Então, o feirante saiu da viatura e agarrou a miúda, que começou a gritar, atraindo a atenção das pessoas, a quem o António Pinto tranquilizava, dizendo que era o pai da miúda.

Consumado o rapto, o feirante levou a miúda para junto de uns armazéns frigoríficos, também em Matosinhos, onde a violou, depois de previamente ter tapado os vidros da carrinha com papéis brancos. A pequena seria abandonada duas horas mais tarde, junto, de um café na mesma vila, onde foi recolhida

por pessoas e levada a casa dos pais que a conduziram imediatamente ao Hospital de S. João, onde ficou internada durante alguns dias.

Acompanhada de perto por um psicólogo, a menor parece recuperada do trauma sofrido, muito embora se recuse a andar sozinha na rua.

Para além da apreensão da viatura, no valor de várias centenas de contos, o feirante ficou, ainda, proibido de conduzir automóveis durante toda a vida, decisão que surpreendeu todas as pessoas que assistiram à leitura do acórdão, nomeadamente os próprios advogados que intervieram na discussão da causa. Uma punição exemplar, sem dúvida!

Face ao novo Código Penal Relação do Porto poderá anular condenação de 14 guardas prisionais

PORTO, 29 — Conforme foi desenvolvidamente noticiado pelo «DL», 14 guardas prisionais da área afectada à Polícia Judiciária de Lisboa foram julgados e condenados recentemente no Tribunal de Paços de Ferreira por injúrias que, no entender do magistrado que os julgou, estariam contidas no telegrama que os referidos guardas enviaram em 9 de Novembro de 1979 ao juiz do referido tribunal, a pretexto de uma condenação de que fora vítima um seu camarada da Cadeia Central do Norte.

Condenados no pagamento de multa individual de 11 600 escudos, os guardas viram, no entanto, a pena ficar suspensa por um período de dois anos. O caso, em

princípio, estaria encerrado, não fora a circunstância de um advogado do Porto, dr. João Peres, ter alertado para a existência de um «erro processual», susceptível de anular a condenação dos 14 guardas.

Ora, de acordo com o novo Código Penal, que entrou em vigor no dia 1 de Janeiro do corrente ano, o crime de injúrias contra agentes de autoridade deixou de ser crime público, passando a crime semipúblico, pelo que o processo contra os 14 guardas prisionais só podia ser instaurado mediante queixa do ofendido — no caso vertente o juiz da comarca — o que, segundo o dr. João Peres, não aconteceu.

«Lusotufu»

Concluído o processo de fogo posto

PORTO, 29 — Foi enviado ontem ao Tribunal da Vila da Feira o processo relativo ao crime de fogo-posto que foi praticado contra as instalações da empresa Lusotufu de Cortegaça, Ovar, em 24 de Setembro último, e do qual resultou um prejuízo avaliado em 319 mil contos.

Como dissemos oportunamente, foram detidos dois indivíduos acusados da prática daquele crime: o operário Valentim Dias de Oliveira Costa, de 21 anos, e o pedreiro António Francisco da Silva Pereira, de 22 anos, ambos residentes no lugar de Matosinhos

de Cima, em Esmoriz, concelho de Ovar.

No processo agora concluído refere-se que enquanto o primeiro vigiava, o segundo lançava tochas de papel para o interior dos armazéns da empresa, de onde resultou um incêndio que detruziu uma quantidade apreciável de matéria-prima, designadamente fibras acrílicas e de lã e fios diversos.

Os investigadores não chegaram a qualquer conclusão relativamente ao envolvimento de outros indivíduos que, a princípio, se suspeitava serem os autores morais do referido crime.

Mais de 3500 processos para julgar

Tribunal de Albufeira: juízes precisam-se...

Advogados residentes na comarca de Albufeira denunciaram ontem a existência de mais de 3500 processos pendentes naquele tribunal algarvio à espera de resolução judicial.

Em comunicado divulgado à opinião pública, após uma reunião efectuada os advogados consideram «dramático o atraso» registado, e apontam várias razões como causa directa da situação.

Recorde-se que a comarca de Albufeira é de «ingresso», pelo que só tem juízes de primeira

nomeação. Esta é, decerto, uma das principais causas que provocam o atraso no julgamento dos processos.

No documento, os advogados queixam-se também das «pésimas instalações» do Tribunal e da morosidade de construção de um novo edifício. Fazem reparos à ineficiência com que se obtêm resultados de determinadas repartições concelhias, e apontam como exemplo a Câmara Municipal e os serviços de Finanças.

Os subscritores do comunicado consideram que, pelos fac-

tos apontados, se «está a recusar a justiça, direito primeiro de todos os cidadãos».

Os advogados da comarca de Albufeira anunciaram que vão pedir audiências urgentes ao ministro da Justiça e ao presidente do Conselho Superior Judiciário, para apresentarem uma exposição para urgente resolução das situações registadas.

Nos primeiros meses do próximo ano decorrerá, neste tribunal, o julgamento de Yosis Al Awad, suposto assassino do dirigente do OLP, Issan Sartawi.

Uma Riqueza de Séculos
gravada em Medalhas
de Prata para
perdurar
no
Futuro...



O Autor: Sousa Machado
Uma preocupação constante
na aliança entre a verdade
histórica e a estética.
Uma deliberada opção
pela qualidade
em oposição à quantidade,
pela pesquisa e perfeição
sobrepondo-se à produção fácil.

Barcos
Típicos
Portugueses
de Rio e de Mar

Edição exclusiva

BPA



Medalhas que compõem esta original Colecção:

Barcos Típicos de Rio: Carrocho, da Ribeira de Caminha;

Rabelo, do Douro; Moliceiro, da Ria de Aveiro;

Barca Serrana, do Alto Mondego; Fragata, do Tejo;

Barco de Água Acima, da Ria Faro-Olhão.

Barcos Típicos de Mar: Lancha Poveira; Saveiro de Mira;

Netinha da Nazaré; Muleta do Seixal;

Chavelha da Madeira; Baleeiro dos Açores.

A subscrição desta Colecção pode ser realizada em qualquer
Estabelecimento BPA, que procederá de imediato à sua entrega.

Valiosa Colecção de Medalhas em Prata Fina com acabamento «Proof»

Uma Colecção de 12 Medalhas
de elevado valor artístico,
em Prata Fina, numeradas à francesa
e puncionadas pela Contrastaria.
Cada Medalha tem o diâmetro de
40 mm, pesando 30 gramas.

Mais um contributo
para a dignificação da Medalhística Portuguesa
BPA
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

de ontem para hoje

Portugal-Espanha: três fronteiras sempre abertas

O director-geral das Alfândegas espanholas afirmou ontem em Madrid que os postos fronteiriços luso-espanhóis contarão a partir do próximo ano com maiores facilidades. Os directores-gerais das Alfândegas de Espanha e Portugal participaram na VII Reunião da Comissão Mista Aduaneira Luso-Espanhola, criada no âmbito dos acordos de amizade e cooperação bilaterais. Entre os acordos adoptados por esta comissão mista destaca-se o que determina que a partir de Janeiro de 1984 os postos fronteiriços de Valência do Minho-Tuy, Vilar Formoso-Fontes de Oñoro e Caia-Badajoz permaneçam abertos ao tráfego de forma ininterrupta.

Torga «dá» distinção e louvor

Claire Cayron obteve na Sorbonne o doutoramento de Estado com base em trabalhos consagrados à obra do escritor Miguel Torga. A tese da estudiosa francesa, que foi classificada com «distinção e louvor», versou sobre «O Dia-rio» e «Pedras Lavradas». Claire Cayron já traduziu para francês parte da obra torguiana — «Os Bichos» e a «Criação do Mundo», além dos livros que foram objecto do seu doutoramento.

Radiologia junta técnicos

Decorre até amanhã em Lisboa o II Congresso Nacional dos Técnicos de Radiologia que tem como ponto determinante dos trabalhos a divulgação de novas técnicas de raios X e diagnóstico. O Congresso é organizado pela Associação dos Técnicos e Auxiliares de Radiologia de Portugal (ATARP) que em todo o País representa dois mil técnicos. Presentemente, a formação profissional de técnicos de radiologia faz-se através da Escola Técnica de Saúde de Lisboa.

Sondagem fala de criminalidade

As preocupações mais flagrantes dos portugueses parecem ser a inflação e o desemprego. Mas se o trabalhador empregado teme a inflação e quase não pensa no desemprego, o desempregado quase não tem tempo para pensar na inflação, desejando a hora de novo emprego. Isto não diz a Norma na sondagem que o «DN» hoje começou a publicar, da qual ressalta fenómeno da criminalidade — depois da inflação e do de-

semprego —, que é objecto de ponderação da parte de 70% dos inquiridos. Desses, 40% mostram-se muitíssimo apreensivos e os restantes muito apreensivos. Segundo a sondagem Norma/«DN», um em cada seis portugueses terão sido assaltados ou roubados. Um em cada seis critica a insegurança nas ruas e 16,5% dos questionados aponta a falta de iluminação como causa de tão grande vaga de assaltos.

Prédio ameaça ruir no Dafundo

Estamos na era dos prédios que ameaçam ruir, havendo os que, de vez em quando, se desmoronam mesmo. Foi assim anteontem no 77 da Avenida Barbosa do Bocage, repetindo-se o sinistro que dias antes ocorrera num outro ponto da cidade. Aliás, Lisboa deverá ser na Europa a capital com a mais alta média dos prédios que se abatem sem ser por acção do camaleão. Vamos perdendo o tino (e o fio) ao rol de prédios nessas circunstâncias. Desmoronou-se o da Av. Barbosa do Bocage e chega-nos a informação que o n.º 13 da Rua 1.º de Maio, do Dafundo, se encontra prestes a ruir. E, só depois, trancas na porta? O problema, aqui, é igual à maioria dos casos de outros prédios que ameaçam desabamento: o senhorio não liga «chavo».

Crédito agrícola tem diminuído

O secretário de Estado das Estruturas e dos Recursos Agrários afirmou ontem em Alcobaca que «o crédito total distribuído ao sector agrícola, considerado a preços constantes, tem-se mantido estável, ou mesmo diminuído, nos últimos dez anos». Goinhas Palma considerou ainda o crédito agrícola — que pelos vistos reconhece não ser concedido a quem a ele tem direito — como «a mais poderosa alavanca do fomento agrário nacional» ao usar da palavra na sessão comemorativa do meio século da Caixa de Crédito Agrícola da Batalha.

Música e alimentos à custa de outros

Assaltantes com «gosto» pela música e imparável «apetite» atacaram a Sociedade Filarmónica Fraternidade e a Cooperativa de Consumo dos Trabalhadores, em Carnaxide, retirando-se com uma aparelhagem sonora e componentes electrónicas, da primeira, e queijos, guloseimas, bacalhau, vinhos e rebuçados, da segunda. Desta levaram ainda sabonetes e perfumes, porque sujeito bem cheiroso — terão pensado — ilude melhor as suspeitas. Em suma: qualquer das instituições «visitadas» sofreu rude golpe no seu equilíbrio financeiro.

Casal condenado por assassinio

O Tribunal Judicial de Tábua condenou a 16 e 14 anos de cadeia um homem e uma mulher que nos princípios de Junho se conheceram em Lisboa e poucos dias depois juntaram os trapinhos e que no dia 23 do mesmo mês mata-

ram um homem de 65 anos, António da Silva Brito. Os réus são António Abrantes Cortez, de 19 anos, de Cabeçadas, e Maria do Rosário Braga, de 18 anos.

Pinhel: ex-estudantes formam associação

Um grupo de ex-alunos de Pinhel está a levar por diante a formação da Associação dos Antigos Estudantes de Pinhel em núcleos organizados em Lisboa, Porto, Coimbra e, obviamente, Pinhel. Procurando localizar milhares de antigos colegas, a Associação recomenda que os interessados remetam os seus nomes e moradas para o núcleo de Pinhel que funciona na Escola Secundária.

Renda antiga não é desculpa

O vereador socialista da Câmara de Lisboa, Vasco Franco, afirmou ontem que o problema das rendas antigas «não pode servir de desculpa

para que se deixe ruir os edifícios de forma a proporcionar elevados lucros em especulações imobiliárias».

Enquanto solidariedade aflui lentamente

Cascais obteve os primeiros 250 mil para começar obras de reconstrução

A presidente da Câmara Municipal de Cascais anunciou que o secretário de Estado do Turismo deliberou, «em princípio, aprovar o financiamento, em 1984, até 250 mil contos do plano de emergência 84/85, solicitado pela Câmara Municipal de Cascais».

O vereador socialista da Câmara de Lisboa, Vasco Franco, interveio, entretanto, na sessão pública do seu município, afirmando que «passados os efeitos mais dramáticos do desastre», importa «retirar os ensinamentos que uma experiência destas pode, apesar de tudo, proporcionar».

O mesmo vereador socialista contestou quantos têm procurado responsabilizar o Governo por causas que, afinal, são estruturais e não conjunturais.

Para este eleito, em vez de procurar «tirar um muito duvidoso efeito político, importará agora prosseguir os trabalhos de reconstrução e estudar as medidas a adoptar para reduzir a dimensão possível de futuras tragédias».

Évora dá apoio

A Câmara Municipal de Évora apoiou as autarquias de Alenquer e de Loures com 15 máquinas e um grupo de trabalhadores, nas obras de recuperação das zonas atingidas pelas cheias do dia 19.

Cinco dos carros emprestados são de recolha de lixo. Os possíveis transtornos causados pela sua falta foram agora explicados pela Câmara de Évora, que pediu compreensão ao seus municípios.

A mesma autarquia, em conjunto com o secretariado Distrital

das UCP's e Cooperativas Agrícolas dinamiza, entretanto, uma recolha de fundos a favor das vítimas das inundações.

A Caritas diocesana de Évora enviou por sua vez, mais de um milhão de contos em géneros e dinheiro para as vítimas dos temporais de Lisboa e Setúbal — revelou a arquidiocese eborense.

O produto das ofertas (roupas, géneros alimentícios e dinheiro) feitas por empresas e instituições, paróquias e particulares, começou já a ser enviado para a Caritas daquelas dioceses.

Coruche: 46 mil contos

A Câmara de Coruche estimou os prejuízos causados pelas inundações no concelho em 46 230 contos.

A edilidade enviou já um relatório ao Governador Civil de Santarém fazendo o ponto da situação e «solicitou ao Governo o respectivo subsídio».

Diocese lisboeta vai fazer colecta

O Cardeal-Patriarca de Lisboa solicitou aos sacerdotes da diocese que promovam num dos próximos domingos uma colecta a favor das vítimas das inundações.

«Prestados que foram os auxílios de maior emergência — diz

Helena Roseta acrescentou, em telex distribuído pelas redacções, que esse financiamento está dependente da relação completa das obras a contemplar, o que deverá ocorrer esta noite na sessão pública ordinária da vereação.

Lamego recolhe donativos

A Caritas diocesana de Lamego lançou um apelo à população para contribuir na campanha nacional que visa minorar os prejuízos causados pelas recentes inundações na região de Lisboa.

Os donativos recolhidos estão a ser canalizados para a Caritas diocesana de Lamego, a funcionar nas instalações do Centro Apostólico desta cidade.

Mensagens ao PR

Algumas mensagens de pesar e solidariedade relativamente às inundações do dia 19 têm afluido directamente à Presidência da República. Foi o caso do rei Juan Carlos, de Espanha, que, encontrando-se em visita oficial ao Zaire, manifestou as «suas profundas condolências».

O Presidente do Conselho da Revolução da República da Guiné-Bissau, João Bernardo Vieira, também enviou uma mensagem manifestando a sua «profunda consternação» com a expressão do seu «profundo pesar às famílias enlutadas».

O embaixador da República Socialista Federativa da Jugoslávia apresentou-se, por sua vez, na sua mensagem, «profundamente chocado com as graves consequências do mau tempo».

Abecasis quer instalar cem mil em 300 hectares

Alto do Lumiar: adivinha-se o «sim» a mais uma «cidade» em Lisboa

O projecto do Alto do Lumiar era o prato forte anunciado para a sessão pública mensal da Câmara Municipal de Lisboa, que ontem se realizou. Mais um tema de impaciência, contudo, para um público que vê em tudo isto politiquices e peias burocráticas que o impede de pôr questões tão urgentes como a falta de um tecto — e é isso que ali leva a pequena multidão, uma vez por mês.

O projecto do Alto do Lumiar fala de qualquer coisa como 20 mil habitações? É certo, mas isso bem pouco lhes importa. Uma mulher acena de dois em dois minutos ao presidente Abecasis, procurando chamar-lhe a atenção. Ele, nada. Até que ela irrompe, interrompe, de nada lhe servindo a submissão no tratamento: «Então, meu presidente, eu só preciso de uma casinha que não tenho...»

Projecto «quase megalómano», era como Alberto Vila Nova, do PS, classificava a iniciativa de Abecasis para toda a zona que inclui as Musgueiras, Quinta do Louro, Calvanas e zonas circunvizinhas. Mas as dúvidas ali deixadas pela bancada socialista já deixaram entreaberta a porta para que o projecto avance, agora com «melhoramentos» introduzidos (negociados?) por esta faixa da «oposição» na Câmara de Lisboa.

Os ajustes não foram tantos da parte da APU. «Alto do Lumiar, uma verdadeira «operação burla», eis como o vereador Rui Godinho daquela força política intitulou a sua intervenção. E coerentemente, diga-se, pois o seu discurso foi no sentido de demonstrar a inviabilidade, mas também a negociata para os

construtores e os encargos para o município que a construção desta «cidade» dentro da cidade implicará.

Abecasis, entretanto, sentou-se calmo, como quem sabe o sentido que as coisas vão tomar. Avermelhou-se em alguns passos da discussão, é certo, mas não escondeu um sorriso de gozo (?) quando por mais do que uma vez disse já ter intenção de sugerir exactamente o que os socialistas acabavam de pôr na mesa.

Tudo isto, com questões avulsas, servido de aperitivo a uma população-público suspensa de prédios em ruínas em que os senhorios se recusam a fazer obras. Uma situação muito mais próxima do que as casas que serão postas à disposição no Alto do Lumiar no ano quatro do início da sua construção.

Argumentar

A APU, como já dissemos, argumentou ontem, mais uma vez, com todo o seu arsenal contra o projecto: «existem inúmeras razões para denunciar o programa de recuperação das áreas degradadas como irrealista, demagógico, e prejudicial à cidade de Lisboa».

Argumentos, não faltam. A APU não acredita, disse-o, que parcelas restritas da cidade se possam autofinanciar, até porque o preço de uma cidade é duplo do custo dos seus fogos. Depois, acrescentou Rui Godinho, o projecto em discussão é feito como se em Lisboa houvesse 15 por cento de insolventes e 85 por cento de ricos, quando se dá o inverso. E, ainda,

sem esgotar os contras, porque cada área degradada não tem capacidade para realojar os actuais habitantes e mais 85 por cento.

Claro que nesta tomada de posição contam ainda argumentos como o preço dos terrenos: Rui Godinho fala de 1700 escudos por metro quadrado, baseando-se em estudos oficiais; Abecasis esgrime com 35 e 55 contos servindo-se de contas arrebicadas que faz ali mesmo.

Um bico de obra tudo isto que, como já dissemos, parece mesmo que vai avançar. Qualquer coisa como uma cidade com os habitantes do concelho de Almada a ser construída nos limites de uma parcela de terreno que tenha por exemplo três quilómetros por um de lado.

Alarme quanto a esta perspectiva? Há por parte da APU, contra uma evidenciada paz de espírito por parte de Abecasis. Os vereadores socialistas propõem-se diligenciar no sentido da melhoria do projecto.

Os pressupostos para esse esforço assentam, por exemplo, no que consideram ser a incorrecta e errada alienação de terrenos municipais, já que o projecto não deveria compreender integralmente os mesmos.

Entendem ainda os eleitos do PS que o projecto deveria ser parcelado e faseado com diversos concursos para as diferentes áreas do Alto do Lumiar, o que permitiria um melhor controlo do projecto por parte da Câmara e o envolvimento dos serviços camarários e da EPUL na construção de alguns fogos.

E, ainda, os socialistas defendem a criação de um mecanismo de contratos de desenvolvi-

mento para uma certa percentagem de fogos permitindo a venda a preços mais acessíveis a camadas «intermediárias» da população. Até isso, pelos vistos, já estava na mente de Abecasis.

«Atónitos»

«Estamos um pouco atónitos» — eis como Alfredo de Almada, da APU, se manifestaria a propósito de um «órgão municipal de Protecção Civil» que emergiu das recentes inundações em Lisboa. E queria saber, a propósito, qual a legislação em que o presidente Abecasis se tinha baseado para criar esse «órgão» e quais os despachos internos que o suportam.

Uma questão que o «Chefe», na sua parte essencial não esclareceu. Como ficou por responder uma outra pergunta de Ana Sara Brito, do PS, sobre a situação em que se encontra o Luna Parque, depois de uma recente decisão tomada pelos vereadores.

Questões como o Monumental, a criação de um corredor da António Augusto de Aguiar reservada a transportes públicos, a queda de um prédio, ontem, na Avenida Barbosa do Bocage, constituíram outros tantos pontos para reforçar a impaciência do tal público.

Uma assistência que já começa a saber como se fazem estas coisas. Sabe, por exemplo, que as três horas marcadas para o começo da reunião tem uma hora, pelo menos, de moratória. Que não vale a pena vir a correr, basta chegar lá pelas sete, oito horas. Que vale a pena vir preparado para insistir, insistir, insistir...

Catedráticos afirmam em Tróia

Política científica não existe em Portugal

A ausência de uma política científica formulada e aceite foi apontada, ontem, em Tróia, durante o colóquio sobre realidades e perspectivas da investigação em Portugal como um dos pontos fracos do sistema português.

O prof. Ilídio Amaral, em nome da comissão organizadora, começou por fazer uma pequena súplica de relatórios e documentos sobre a investigação científica em Portugal, através da qual apontou pontos de debilidade da investigação científica no ensino superior. Entre estes citou a insuficiência do contexto em que funciona o sistema.

«A clara definição do estatuto de autonomia universitária é fundamental para quebrar o círculo vicioso que enreda a investigação científica em Portugal».

afirmou aquele professor.

Ilídio Amaral falou também de aspectos positivos e, nessa perspectiva, apontou o potencial de conhecimentos adquiridos, a existência de investigadores novos com formação diversificada e o nível de conhecimento no estrangeiro de trabalhos realizados em Portugal.

Quanto aos aspectos negativos, o orador referiu-se ao baixo nível de financiamento, à falta de coordenação dos objectivos de investigação prosseguidos e organização dos vários ministérios.

Neste colóquio, que se realiza em Tróia, participam os reitores, presidentes e vice-presidentes

dos concelhos científicos das universidades portuguesas e o presidente e vice-presidentes do Instituto Nacional de Investigação Científica.

A questão do estatuto de autonomia universitária foi discutida na primeira sessão de trabalhos, durante a qual o prof. Alfredo de Sousa produziu a intervenção

mais polémica do colóquio.

Aquele catedrático preconizou a dissolução do Instituto de Investigação Científica numa estrutura nacional de financiamento da investigação que possua um departamento dedicado à investigação básica universitária.

A questão do financiamento da

investigação científica foi, de resto, de todas, a mais referida nos trabalhos.

Sobre financiamentos, o prof. Diamantino Durão sugeriu o aumento das propinas dos universitários, visto que — disse — «actualmente o aluno de uma Universidade despende em média 23 tostões por hora».

Greve no ISCTE

Os 3 mil professores, trabalhadores e alunos do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa cumprem hoje uma greve, segundo o Secretariado da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública.

Esta forma de luta deve-se ao facto dos trabalhadores não docentes do ISCTE não estarem equiparados profissionalmente aos seus colegas das Universidades.

A greve foi decidida em plenário no passado dia 21, do pessoal não docente, que reivindica a publicação dos seus quadros.

A associação de estudantes solidarizou-se com a luta daqueles trabalhadores «não só porque esta questão nos afecta particularmente mas também porque se integra no problema mais vasto que é a política de ensino que tem sido seguida», divulga-se no comunicado do Secretariado da FN dos Sindicatos da FP. Os 40 funcionários que existiam em 1973 para 269 alunos e 30 docentes são os mesmos, em número, em 1983, para 2600 alunos e 250 professores.

PR inaugura curso do CFJ

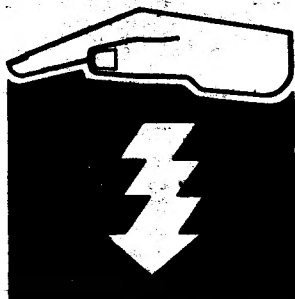
O Presidente da República deslocou-se hoje ao Porto a fim de presidir, às 21 e 30, à inauguração do primeiro curso do Centro de Formação de Jornalistas, em sessão marcada para o Anfiteatro Principal da Faculdade de Letras da Universidade local.

Salários da EPNC

Os trabalhadores da Empresa Pública «Notícias»/«Capital» (EPNC) já receberam a parte dos salários de Outubro em dívida.

Os trabalhadores da EPNC apenas tinham recebido dez mil escudos por conta dos salários de Outubro no dia 4 deste mês.

Um delegado sindical sublinhou que, agora em fins de Novembro, os cerca de 1700 trabalhadores da EPNC não têm quaisquer garantias de recebimento dos salários deste último mês.



POUPE ELECTRICIDADE

TODOS OS ANOS O SEU APARTAMENTO OU FRACÇÃO DE APARTAMENTO TURÍSTICO EM TROIA VALE MAIS

E TEM UM RENDIMENTO SEMPRE A CRESCER

Na realidade o valor de aluguer de um APARTAMENTO TURÍSTICO ESPAÇO T em Troia é determinado pelas tabelas turísticas que todos os anos são actualizadas.

É essa a outra grande vantagem dos APARTAMENTOS TURÍSTICOS ESPAÇO T

Ao comprar uma FRACÇÃO DE APARTAMENTO TURÍSTICO ESPAÇO T em Troia,

compra a garantia de, no fim de cada ano,

receber um rendimento que é sempre superior ao que tinha no ano anterior

O seu rendimento CRESCE DE ANO PARA ANO.

A GRANDE VANTAGEM DAS FRACÇÕES DE APARTAMENTOS TURÍSTICOS ESPAÇO T EM TROIA, É ESTAR SEMPRE A GANHAR DINHEIRO DE DUAS MANEIRAS: VALORIZAÇÃO + RENDIMENTO CRESCENTE.



**ESPAÇO T
O INVESTIMENTO QUE VALE OURO**

**ESPAÇO T
o elo de ligação entre TORRALTA, Associadas
e o mercado imobiliário-turístico.**

INFORMAÇÕES

LISBOA Av. D. Loulé, 24 — 1098 LISBOA (CODEX)
Telef.: 55 76 76-55 46 33

ALVOR Praia dos Três Irmãos, Torre I — 8500 PORTIMÃO
Telef.: 203 53

TRÓIA Tróia — 2900 SETÚBAL Telef.: 441 51 - Ext. 386/387

PORTO Rua Gonçalo Cristóvão, 13 — 4000 PORTO Telef.: 31 14 94/31 69 15

Quero receber, sem qualquer compromisso, informação sobre FRACÇÕES DE APARTAMENTOS TURÍSTICOS ESPAÇO T

NOME _____
MORADA _____
CÓD. POSTAL _____
LOCALIDADE _____
TEL. _____

Corte e envie para ESPAÇO T — LISBOA

SE E INVESTIDOR DA TORRALTA BENEFICIA DE 10% DE DESCONTO NA COMPRA DE FRACCAO OU FRACCOES DE APARTAMENTO(S) TURISTICO(S) ESPAÇO T. PODENDO PAGAR 50% DO SEU VALOR EM CRÉDITOS A QUE TENHA DIREITO NA EMPRESA.

Afirmam professores reunidos em Lisboa

Ordem Económica internacional é prolongamento do colonialismo

A reestruturação e democratização dos organismos internacionais tais como o FMI e o Banco Mundial e a criação de um sistema monetário internacional justo, «retirando ao dólar, moeda nacional dos USA, o seu papel de moeda de reserva e

do padrão monetário internacional», é uma das conclusões constantes da Resolução aprovada na sessão de encerramento do encontro internacional de professores que terminou no sábado, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.

«O papel dos professores e das suas organizações na criação de uma nova ordem económica internacional» foi o tema deste encontro que durante três dias reuniu no anfiteatro II da Gulbenkian representantes de organizações de docentes da América do Norte, América Latina, África, Ásia e Europa.

A Resolução reflecte fundamentalmente dois aspectos: a análise da actual ordem econó-

mica existente no mundo e dos seus aspectos negativos e o empenhamento e compromisso dos participantes na mudança dessa situação.

«A conferência considera que a actual ordem económica internacional é a continuação directa do velho sistema colonial mesmo se as suas roupagens forem renovadas», afirmam os participantes no encontro na introdu-

ção ao texto. «Ela perpetua um sistema caracterizado pela injustiça em que os países menos desenvolvidos são fornecedores de matérias-primas a baixo preço e mercados para os produtos manufacturados e para os bens de consumo produzidos nos países desenvolvidos», prosseguem.

Os termos de troca favorecem as nações desenvolvidas cujas moedas «servem de moeda de

reserva. O endividamento internacional assim como os encargos de dívida colocam os países menos desenvolvidos em situação de bancarrota e põem-nos à mercê dos países credores».

A submissão imposta pelos países ricos e desenvolvidos aos menos desenvolvidos tem outros reflexos, que não apenas os económicos. Assim, indica a Resolução, as sociedades transnacionais sediadas em países capi-



A mesa que presidiu à sessão de encerramento do Encontro Internacional. Ao centro, os presidente e secretário-geral da Fenprof

talistas desenvolvidos «agem como superpotências e mudam a seu belo prazer, quando podem os governos «desobedientes», organizando golpes de estado militares, de acordo com os governos de que são expressão».

Quando os estados recentemente libertados procuram controlar as suas riquezas e recursos naturais, «as multinacionais e os seus governos tutores procuram mais ou menos abertamente desestabilizar tais governos, por vezes mesmo através de intervenção armada».

Mais: «Com o objectivo de garantir aos monopólios e às multinacionais sectores industriais de armamento, um número crescente de armas destrutivas tem vindo a ser produzido e desenvolvido: estas armas põem em perigo a própria existência da civilização do nosso planeta».

A actual ordem económica internacional encoraja ainda a «caça aos cérebros» «que pode ser equiparada a um tributo pago pelos países menos desenvolvidos aos países capitalistas desenvolvidos na medida em que drenam especialistas formados à custa dos países menos desenvolvidos».

A actual ordem económica impede o desenvolvimento de sistemas nacionais de educação.

na Resolução considera-se que a corrida aos armamentos é um meio directo de manter uma ordem económica injusta por que se traduz em «cortes drásticos nos orçamentos educativos, e sociais, mesmo nos países capitalistas desenvolvidos, onde, por outro lado, a inflação e o desemprego se agravam».

NOEI deve basear-se em cooperação e solidariedade

Porque a actual ordem económica internacional está em contradição com os interesses vitais dos povos do mundo inteiro, os participantes no encontro internacional defendem a instauração duma nova ordem, a qual deve basear-se numa cooperação nova entre países desenvolvidos e países menos desenvolvidos e sobre uma estreita cooperação entre países menos desenvolvidos «que podem encontrar na sua própria experiência através duma acção solidária, as vias e o suporte necessário ao seu próprio desenvolvimento».

A implantação da NOEI implica uma nova ordem mundial que passa: pela supressão de todas as formas de dominação, exploração e discriminação nas relações internacionais; soberania absoluta, permanente e efectiva dos Estados e dos povos sobre as suas riquezas naturais e as actividades económicas no seu próprio território; limitação do poder das multi e transnacionais e dever destas sociedades de investir os seus lucros nos países em que exercem as suas actividades, remunerar os trabalhadores que aí empregam e respeitar os valores e objectivos socioculturais dos países em causa; definição de acordos multilaterais sobre os

produtos de base, conferindo-lhes preços estáveis e compensadores; criação das condições para um desenvolvimento endógeno máximo no domínio da agricultura bem como no da industrialização, para responder às necessidades reais dos povos em causa; reestruturação e democratização dos organismos internacionais tais como o FMI e o Banco Mundial e criação de um sistema monetário internacional justo, retirando ao dólar, moeda nacional dos USA, o seu papel de moeda de reserva e do padrão monetário internacional; direito de cada povo a adoptar o sistema económico, social e político da sua escolha.

Os participantes consideram que deve ser aumentada a ajuda internacional para que todos os povos tenham acesso ao desenvolvimento e que a instauração duma NOEI «é inseparável da supressão de todos os factores que ameaçam a paz e a segurança (...)».

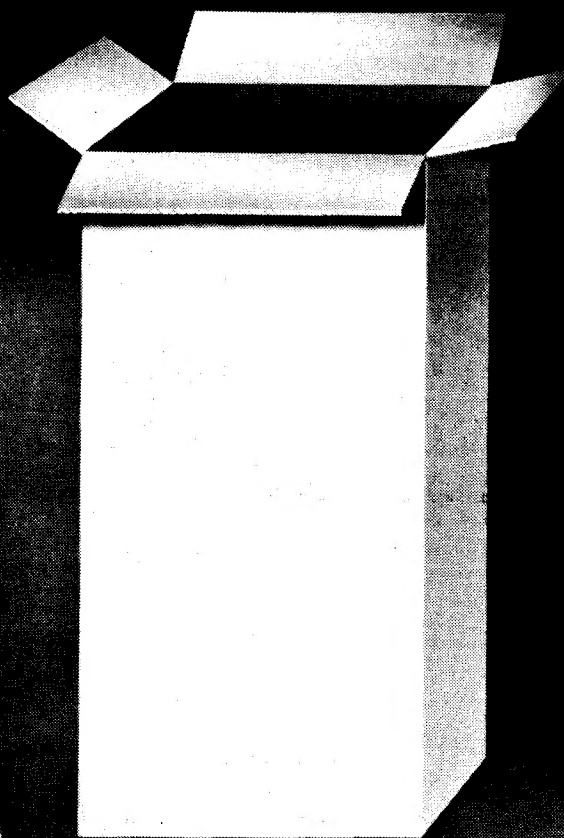
Empenhamento dos participantes na implantação da NOEI

Pronunciaram-se pelo desarmamento a Oeste, bem como a Leste, «negociado, equilibrado, progressivo e controlado». Comprometem-se a lutar para salvaguardar a paz e impedir o holocausto nuclear, e defendem que os professores e as suas organizações têm um papel a desempenhar na instauração de uma nova ordem económica internacional.

O encontro convida os professores a lutar activamente contra as causas e as consequências da crise e do subdesenvolvimento e à prática dum ensino para a paz e o desarmamento, contra o racismo, o colonialismo e o neocolonialismo. Para tal, os docentes carecem de formação, devendo os Governos pôr à sua disposição organismos, informações, documentos e materiais pedagógicos indispensáveis. Convida igualmente os professores a utilizar as possibilidades nacionais e internacionais a fim de contribuir para o desenvolvimento de sistemas educativos e para a elaboração de programas de ensino; a conceder a países menos desenvolvidos a ajuda necessária à formação inicial de operários qualificados, especialistas e diplomados; a exigir que nos países que recebem trabalhadores emigrantes estes gozem dos mesmos direitos que os trabalhadores desses países.

O encontro de Lisboa apela aos professores e suas organizações a prosseguir e reforçar a cooperação bilateral e multilateral, a desenvolver as acções comuns para a realização dessas tarefas e objectivos; a prosseguir dentro dum espírito de cooperação amigável e sem exclusividade, esta troca de experiências; a contribuir para a formação dos militantes sindicalistas dos países menos desenvolvidos e a lutar em conjunto para o reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades profissionais e sindicais.

Embalagem. A outra face do produto



À indústria do nosso povo respondemos com a nossa indústria

Produzimos a outra face dos bens da terra e do engenho dos homens

A que os condiciona os protege os transporta os apresenta

A sua marca é a nossa marca e marca a nossa qualidade

Estamos em todo o País Chegamos onde chega o esforço industrial

Juntos chegamos melhor mais longe

Ser primeiro é sê-lo também na responsabilidade

Há sempre uma embalagem...



PORTUCEL
EMPRESA DE CELULOSE E PAPEL DE PORTUGAL, E.P.



Direcção
EMBALAGEM



Com Ernâni Lopes presente

Agricultura é o ponto quente da reunião de hoje em Bruxelas

A agricultura é o ponto quente da reunião ministerial Portugal/CEE que hoje ao fim da tarde se realiza em Bruxelas e em que deverá participar o ministro das Finanças, Ernâni Lopes, antigo embaixador português junto da Comunidade Europeia.

A questão está em saber se, até lá, os Dez chegarão a um consenso sobre o documento que ontem esteve em discussão no grupo de negociadores comunitários. Este grupo debateu as questões técnicas mas não chegou a uma conclusão quanto ao documento final a apresentar aos portugueses, remetendo a decisão sobre o assunto para os ministros dos Negócios Estrangeiros dos Dez, que estavam reunidos esta manhã.

O ministro português das Finanças fez entretanto saber — notícia veiculada pela ANOP, com base numa fonte da missão portuguesa em Bruxelas — que se os Dez não apresentarem a declaração sobre agricultura não comparecerá à reunião.

Os ministros dos Dez continuarão hoje a análise sobre a reestruturação da política agrícola comum, em que vão entrar as posições portuguesa e espanhola, no quadro da preparação da Cimeira de Atenas a realizar de 4 a 6 de Dezembro em Atenas. No documento de trabalho do Conselho fala-se na possibilidade de fixar a data da adesão de Portugal e Espanha para o dia 1 de Janeiro de 1986, o que implicaria a assinatura do tratado de adesão até meados de 1984. O intervalo entre estas

duas datas seria, assim, preenchido com a preparação da ratificação do tratado por todos os Paramentos dos Estados membros da CEE o que, como se sabe, leva normalmente ano e meio.

O ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Claude Cheysson, no entanto, fez ontem saber, não ser certo que a cimeira de Atenas venha a fixar qualquer data para a adesão dos países ibéricos à Comunidade.

Agricultura: O que está em causa

O grupo que estuda a adesão de Portugal, ontem reunido, procurou um consenso sobre o documento agrícola que círculos comunitários

embora com possibilidade de ser prorrogado até dez.

Na reunião de hoje dos ministros dos Negócios Estrangeiros serão decididas as modalidades, a passagem de uma etapa a outra e a duração de cada uma.

Mais fácil é a resolução sobre assuntos sociais, pois o documento da CEE apresenta posições concretas e baseia-se numa preposição feita pela Comissão em Março — adiaram as mesmas fontes.

A ausência de um documento sobre pescas é justificada pela falta de elementos técnicos, por o acordo sobre pescas na CEE ser relativamente recente.

Os contactos da Comissão com Portugal relativos à

riedade de transição de dez anos.

No «dossier» sobre assuntos sociais encontra-se em aberto a definição dos períodos transitórios para a livre circulação dos portugueses na CEE, a igualdade de tratamento aos emigrantes portugueses relativamente aos cidadãos dos países membros e a aplicação aos emigrantes das prestações sociais em vigor na Comunidade.

Portugal não tem demonstrado grande pressa no encerramento deste «dossier», pois é onde tem algo para dar em troca à Comunidade, preferindo resolver os problemas em aberto no quadro da globalização do tratado de adesão.

Verão de 84, o limite

Ontem mesmo, o ministro grego para os Assuntos Europeus, Gregori Varsis, declarou em Conferência de Imprensa realizada em Bruxelas, haver «uma espécie de consenso» relativamente ao Verão de 1984 como data limite para a conclusão das negociações de adesão de Portugal e Espanha.

Na sétima reunião especial do Conselho Europeu, a decorrer em Bruxelas, está a ser debatido um texto sobre o alargamento da CEE.

A sua aprovação, segundo círculos comunitários, permitiria a apresentação simultânea aos Paramentos nacionais das duas propostas que necessitam de ratificação: uma relativa ao alargamento e outra sobre a criação de recursos próprios a partir do ano de 1986.

Os ministros dos Estrangeiros dos Dez devem decidir ainda hoje se apresentam a declaração sobre Agricultura. Sem ela, o ministro das Finanças diz que não comparece à reunião.

consideram bastante importante, no sentido de concretizar o regime das etapas a aplicar a alguns sectores da agricultura portuguesa.

O documento baseia-se na proposta anteriormente feita pela comissão e refere a existência de duas etapas durante um período fixo e determinado que figurará no acto da adesão.

O período de transição não poderá exceder sete anos,

pescas e a nível técnico prosseguem, aguardando-se que o documento da CEE possa ser apresentado ao Governo português no início de 1984.

O documento sobre os assuntos sociais encontra-se praticamente concluído pelo que deverá ser apresentado hoje à parte portuguesa.

No entanto, mantém-se a reserva do Luxemburgo relativamente à livre circulação de pessoas, pretendendo um pe-

Quase em segredo

Plano de pescas com a Espanha discutido em Madrid

Os secretários de Estado das Pescas de Espanha e Portugal reuniram-se ontem em Madrid para estudar a situação das relações de pesca entre os dois países — informou a ANOP com base em fontes oficiais.

A reunião teve carácter informal e não foram revelados os temas tratados.

A Embaixada de Portugal em Madrid desconhecia a presença de Faria dos Santos e a realização da reunião. No Ministério de Agricultura não foi confirmada oficialmente a reunião: «em termos oficiais não há comentários a fazer» — disse um porta-voz. No entanto, fontes

da Secretaria de Estado das Pescas confirmaram à ANOP a realização da reunião, mas ignoravam no entanto, os temas a tratar e os motivos de tanto segredo.

As negociações entre os dois países com o objectivo de aprovar um Plano de Pesca para o próximo ano tinham sido decididas durante a cimeira luso-espanhola realizada em Lisboa em 11 e 12 de Novembro.

Ficará estabelecido o compromisso de chegar a acordo sobre o novo plano de modo que pudesse entrar em vigor no princípio do ano.



João Salgueiro apresenta aos jornalistas as «obrigações de caixa» do Banco de Fomento

Banco de Fomento lança nova modalidade de obrigações

O Banco de Fomento Nacional vai lançar no próximo dia 2 uma emissão de obrigações de um tipo até aqui desconhecido em Portugal.

Trata-se das «obrigações de caixa» que, na definição do presidente daquela instituição financeira, João Salgueiro, são um instrumento híbrido que se situa entre os depósitos a prazo e as obrigações clássicas.

Em relação aos depósitos a prazo superior a seis meses e inferior a 1 ano apresentam vantagens principalmente de natureza fiscal — o que lhes proporciona um rendimento muito superior 22,5% no primeiro caso e 27,5% no segundo. Em relação às obrigações tradicionais têm, designadamente, o interesse de serem mais facilmente mobilizáveis.

Instrumento conhecido nos países de língua francesa pela designação de «bons de caisse», as obrigações de caixa dirigem-se fundamentalmente a um público aforrador que procura um rendimento superior ao que lhe é proporcionado pelos depósitos a prazo, sem contudo ficar sujeito às dificuldades de reembolso antecipado que as obrigações actualmente existentes no mercado português implicam.

Por um lado, o seu prazo de amortização, ao par, e por inteiro, é de três anos após o início da contagem dos juros. Estes serão pagos semestralmente a uma taxa igual à taxa máxima de juro dos depósitos a prazo superior a 180 dias, mas não a 1 ano, em vigor no primeiro dia de cada período de vencimento de juros (28,5% actualmente). Mantém-se portanto o sistema de actua-

lização dos juros, de acordo com a evolução da taxa dos depósitos a prazo, em vigor para a maior parte das outras obrigações.

Por outro lado, decorridos 12 meses sobre a data da subscrição, as obrigações de caixa podem ser reembolsadas pela entidade emissora a pedido do seu detentor. A penalização neste caso será a da dedução de apenas 3% nos juros a receber, o que representa mais uma importante vantagem em relação a elevada penalização imposta pela banca, em caso de levantamento antecipado dos depósitos a prazo.

O novo instrumento terá a forma de títulos ao portador de 1,5 e 10 obrigações com o valor nominal de 10 mil escudos cada. A sua subscrição far-se-á apenas aos balcões da entidade emissora e, em princípio, haverá sempre títulos disponíveis. Esta é uma outra inovação do sistema, uma vez que não há um prazo de subscrição.

Trata-se de uma emissão contínua cuja primeira fatia, a que vai ser lançada na sexta-feira, atinge o valor de 5 milhões de contos.

Seguir-se-lhe-ão outras fatias à medida que o Ministério das Finanças as for autorizando e que as necessidades de meios de financiamento do BFN o justifique.

Os novos títulos serão igualmente transaccionáveis na bolsa e sabe-se já que outras instituições de crédito se estão a preparar para ocupar o seu lugar neste novo mercado. A primeira a seguir ao BFN será provavelmente a Sociedade Portuguesa de Investimentos.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

8.º Juízo

ANÚNCIO

No dia 19 do próximo mês de Dezembro, pelas 14,30 horas, no Tribunal do 8.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, nos autos de carta precatória n.º 122, vindos do 3.º Juízo Cível da Comarca do Porto — 3.ª secção, extraídos dos autos de execução sumária que A. Monteiro da Silva Lda. move contra TECNISET — Cooperativa de Artes Gráficas, SARL, com sede na Av. da República 46-A c/v, em Lisboa, há-de ser posta em praça, pela primeira vez para ser arrematada ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, uma máquina de contabilidade, marca Arcota, três totalizadores.

Lisboa, 16 de Novembro de 1983

O Juiz de Direito

a) Fernando da Costa Soares

O escrivão

a) João Manuel da Silva Marques

DL — 29/11/83 — 1.ª Pub.

TRÊS GRANDES DAS TELECOMUNICAÇÕES E INFORMÁTICA ASSOCIAM-SE NO RELANÇAMENTO DA TELEMÁTICA

A MARCONI, a CENTREL e a TIME SHARING passaram a repartir entre si o capital da TELEMÁTICA — Consultores de Telecomunicações e Informática, Lda.

Esta empresa, constituída em 1980 já com o apoio e a participação maioritária da Marconi, vê assim criadas as condições para uma ampliação e reforço da sua actividade no campo da informática e das telecomunicações, não só pelo contributo que lhe trazem os novos sócios mas ainda pelo aumento de capital previsto num futuro muito próximo.

A TELEMÁTICA comercializa em Portugal o equipamento da DEC, a segunda maior empresa norte-americana do ramo, tendo já colocado importantes unidades centrais desta marca no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, na CPRM, no Instituto Nacional de Engenharia de Sistemas e Computadores (INESC), na Faculdade de Economia da Universidade Nova de

Lisboa, na Construtora Abrantina e no Instituto de Física Matemática, entre outros. Entretanto, a Telemática acaba de ser escolhida, na sequência de um concurso público a que acorreu a quase totalidade dos construtores de equipamento, para o fornecimento de um package de informática à Universidade Técnica de Lisboa que inclui cinco potentes unidades centrais DEC e cento e quarenta terminais, para além de diverso material periférico e software de exploração.

Refira-se a propósito que este concurso foi decidido a favor da TELEMÁTICA através de uma prova final que consistia na realização de um «benchmark», o que vem de encontro à vocação da TELEMÁTICA, que, num mercado em que proliferam as empresas de informática, pretende consolidar a sua posição de empresa de serviço completo apta a proporcionar aos seus clientes soluções informáticas globais e integradas.

POSTAIS DE TODO O MUNDO

UMA COLECÇÃO DE POSTAIS RARA E PRESTIGIOSA 1.ª PARTE — TEMAS PORTUGUESES

A colecção de postais que em breve poderá contemplar contém as mais belas vistas panorâmicas, seleccionadas entre as inúmeras paisagens que documentam não só o encanto mas também a variedade geográfica do território português, — o verdejante Minho e a planura alentejana, a rudeza alpestre das terras altas e a amenidade das praias atlânticas, as típicas povoações rurais e os grandes aglomerados urbanos, o remanso da paisagem insular e o sortilégio do Oriente, — e ao mesmo tempo, integrados nos mais belos trechos da paisagem ou isolados na sua monumentalidade, preciosos documentos da arquitectura e da estatuária portuguesas, repositório inestimável da nossa cultura, onde se reflecte um passado que não devemos esquecer e se vislumbra o tactear de um futuro que a pouco e pouco vamos construindo. Eis a grandeza e o valor inestimável desta preciosa colecção que a Sculparte criou para

si. Criámos para si um sistema prático de aquisição. Receberá 30 postais mensalmente, pelo preço excepcional de 18\$00 por postal, acrescido de 80\$00 para participação nas despesas de cada envio mensal.

Um Álbum especialmente concebido para classificar os postais será submetido à apreciação de cada subscritor. Esta magnífica colecção é um exclusivo de Sculparte apenas acessível por meio de subscrição.

Nesta fase de lançamento receba em sua casa os 30 primeiros postais enviando apenas um selo de 80\$00 para despesas de portes e embalagem.

Dirija o seu pedido por carta a:

SCULPARTE — Comércio de Arte, Lda. Calç. do Monte, 23 r/c Dt.º 1000 LISBOA ou Apartado 1668 · 1016 LISBOA CODEX

Para poder ser aceite pela Síria

o do acordo israelo-libanês ite por Shamir e Schultz

ra um novo encontro entre o ericano Ronald Reagan e o elita Issac Shamir para hoje, shington que Shamir e Shultz a revisão do acordo israelo-7 de Maio passado. Esta deci-uma fórmula passível de ser

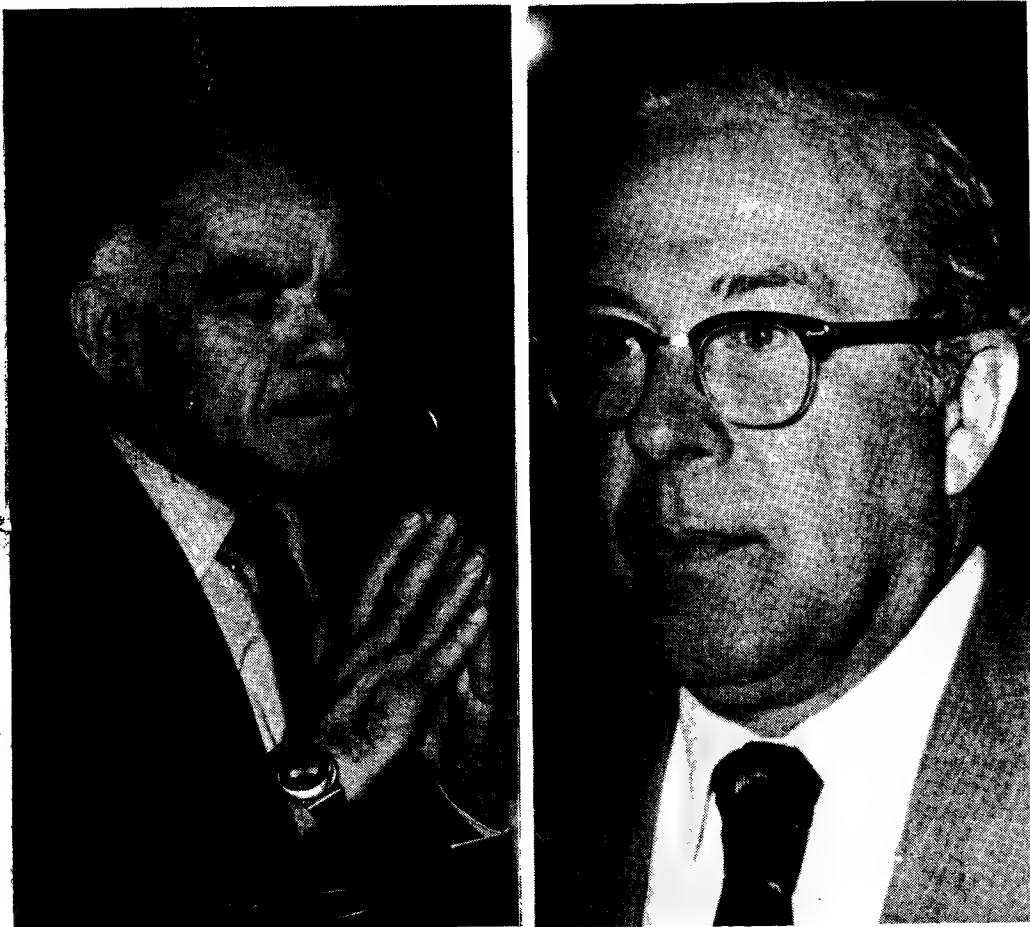
uma das prioridades na via da pacificação é a partida de todas as forças armadas estrangeiras que estão em território libanês sem o acordo do governo. A visita de Amin Gemayel à Itália integra-se na digressão do presidente libanês pelos países participantes na Força Multinacional de Paz, que culminará em Washington, no dia 1 de Dezembro, com o encontro com Ronald Reagan.

Entretanto cinco granadas de artilharia caíram, ao princípio da noite de ontem sobre o sector do porto, que se encontrava em plena actividade, ferindo quatro operários. Segundo a rádio falangista, as granadas vinham de Sofar, zona da montanha controlada pelo Exército sírio. Entretanto, ficou também ferido um fuzileiro

reunião de ontem.

Entretanto, Yasser Arafat afirmou que se conformava com o acordo sírio-saudita, mas declarou temer uma nova acção militar contra as suas forças. Durante uma conferência improvisada, realizada ontem com os seus combatentes no bairro de Zahrieh, em Trípoli, o presidente da OLP declarou que os «sírios tinham, na noite passada, mandado um novo batalhão de pára-quedistas e que, nas últimas 48 horas, um batalhão de veículos blindados e 40 tanques se concentraram na entrada sul de Trípoli».

A propósito de uma eventual saída de Trípoli, Arafat reafirmou que iria deixar a cidade à luz do dia. «Quando me for embora, pre-



Shamir - Schultz: renegociar para obter acordo da Síria

pados por Israel.

A iniciativa de paz do presidente dos EUA, que foi rejeitada por Israel, previa um «congelamento» dessas colónias de povoamento e a criação de uma entidade palestina autónoma em «associação» com a Jordânia. Antes da sua partida de Jerusalém, Shamir tinha, contudo, excluído categoricamente qualquer modificação da actual política israelita de implantações judaicas nos territórios árabes ocupados.

Itália vai retirar do Líbano

o governo italiano reiterou ontem a decisão de retirar as suas tropas do Líbano sejam quais forem os resultados da Conferência de Reconciliação Nacional libanesa. A decisão foi transmitida por Bettino Craxi e Amin Gemayel, durante uma entrevista em que foram analisadas as conversações de Genebra e as perspectivas para o seu relançamento.

O presidente libanês foi também ontem recebido pelo Papa, tendo exposto a João Paulo II a situação do seu país. Gemayel reafirmou ao Sumo Pontífice que

naval americano, o que levou a que os marines fossem colocados imediatamente «em estado de alerta».

Ao princípio da noite de segunda-feira, violentos duelos de artilharia opunham o Exército libanês às forças antigovernamentais na montanha libanesa (sudeste de Beirute).

Pacificação de Trípoli

O longo processo que deverá conduzir à pacificação do Norte do Líbano começou ontem, em Damasco, com a reunião do Comité Superior de Coordenação de Trípoli, presidido por Rachid Karamé, antigo primeiro-ministro libanês. O Comité está encarregado de definir e de fazer aplicar o plano de pacificação sírio-saudita no Norte do Líbano.

Este plano prevê que, quando estiver elaborado e aceite, será aplicado em quinze dias. O Comité é composto por representantes das famílias políticas e dos meios socioeconómicos da capital do Norte do Líbano. No entanto, a principal milícia libanesa de Trípoli, o Movimento de Unificação Islâmica, organização aliada de Arafat, não esteve presente na

vino-os», disse ele aos jornalistas.

Telegrama do Kremlin

O Kremlin voltou ontem a apelar à unidade da resistência palestina em mensagem enviada ao chefe da OLP, Yasser Arafat, por ocasião da Jornada Internacional de Solidariedade com o Povo Palestino.

Nesta mensagem, assinada pelo Comité Central do PC Soviético e pelo Soviète Supremo, a direcção soviética — notam os observadores — convida implicitamente o líder da OLP a cooperar com a dissidência palestina e, consequentemente, com a Síria que não é todavia designada no texto.

Moscou retoma praticamente a posição expressa na passada quarta-feira pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, a Faruk Kaddumi, chefe do departamento político da OLP.

Expondo a sua «preocupação perante as confrontações fratricidas» entre os palestinos, Gromyko convidou nessa altura a OLP a «cooperar com as forças patrióticas nacionais do mundo árabe e em primeiro lugar com a Síria».

A Comunidade Britânica e a Namíbia Política de Pretória e Washington condenada em Nova Deli

Nos seus trabalhos de ontem, a 23.ª Cimeira da Comunidade Britânica, Commonwealth, reunida em Nova Deli, condenou as políticas sul-africana e norte-americana que ligam a independência da Namíbia à retirada das forças cubanas de Angola.

O problema da independência da Namíbia, discutido no âmbito das questões internacionais, provocou, segundo as agências, a unanimidade. Todas as delegações presentes na capital indiana, incluindo dois países do Grupo de Contacto, o Canadá e a Grã-Bretanha, apoiaram a resolução adoptada que, no essencial, condenou a posição de Pretória e Washington em ligar a independência da Namíbia à partida dos cubanos da República Popular de Angola.

Por outro lado, o Canadá e a Grã-Bretanha, enquanto membros do Grupo de Contacto ocidental irão exercer conjuntamente pressões para reactivar e acelerar as negociações.

No entanto, os 48 países integrantes da Commonwealth não decidiram a adopção de quaisquer sanções contra a África do Sul, encaradas como a única chave para a independência da Namíbia por vários representantes de países africanos durante o debate ontem iniciado pela Assembleia Geral da ONU.

Apoio a Chipre

A 23.ª Cimeira da Comunidade Britânica pronunciou-se, igualmente, contra a proclamação da República Turca de Chipre do

Norte. A Commonwealth deu o seu total apoio à acção do presidente cipriota, Spyros Kyprianu, que se opõe à proclamação do novo Estado.

Por outro lado, a Comunidade lançou um apelo ao reatamento das negociações americano-soviéticas de Genebra sobre os euromísseis.

Finalmente, um comité formado pela Grã-Bretanha, Canadá, Fiji, Índia e Nova Zelândia, foi encarregado de examinar a reforma das instituições monetárias internacionais e a possibilidade de convocar uma nova conferência sobre este tema. Este comité deverá apresentar um relatório na próxima reunião dos ministros das Finanças da Commonwealth a realizar em Setembro do próximo ano.

O sexto voo do Vaivém

Columbia partiu ontem levando a bordo laboratório europeu

O vaivém «Columbia» foi ontem lançado com êxito às 16 horas tmG, levando no porão o laboratório europeu «Spacelab», para uma das mais ambiciosas missões científicas jamais cometidas a uma nave espacial.

No seu sexto voo em torno da Terra, o «Columbia», primeiro exemplar da esquadilha dos «camiões do espaço» da NASA, demonstrou uma pontualidade exemplar, subindo majestosamente do seu lugar de lançamento em Cabo Canaveral (Flo-

rida) no minuto previsto.

Seis astronautas — entre os quais o físico-alemão Ulf Merbold —, a tripulação mais importante a ser enviada para o espaço, estão a bordo para esta missão com uma duração recorde de nove dias e onze minutos.

Mais de 70 experiências científicas, concebidas nos EUA e na Europa, deverão ser efectuadas durante este voo.

Logo que a nave foi posta na sua órbita de trabalho, a 250 km

de altitude e inclinada 57 graus em relação ao Equador, a tripulação (composta, além de Merbold, por John Young, comandante, Brewster Shaw, co-piloto, Owen Garriott, Robert Parker e Byron Lichtenberg) procedeu aos controlos de segurança usuais. Uma vez terminada esta sequência de operações, Lichtenberg e Merbold ocuparam-se da abertura da porta do túnel/SAS que liga a cabina da nave ao módulo habitável do «Space-lab».

PHILIPS

novos agentes philips em Portimão

J. Martins & Martins, Lda.

Toda a gama de produtos Philips no maior e mais moderno estabelecimento de electrodomésticos do Algarve

Aberto a partir de 28 de Novembro

- Um concurso com prémios valiosos para todos os Clientes
- Apresentação em Portimão, simultaneamente com outras cidades da Europa, do Audio Compact Disc — o mais moderno processo de reprodução sonora, da Philips

J. Martins & Martins, Lda.
Rua Teófilo Braga, 25 e 27
Tel. 27 168 — Portimão

Galileu, Einstein e a Paz

Continuação da pág. 3

nara a Terra da proeminência cósmica, como Darwin despojava o homem da mítica excelência das suas origens, Marx o desenganava da sua ingênua consciência de insularidade social e Freud lhe revelava os alcapões da sua inocência e liberdade, Einstein espoliou-o de mais alguns remanescentes privilegiados (o seu tempo e o seu espaço) e impôs-lhe outro limite, folgado limite: não pode ultrapassar a velocidade da luz...

Para a ciência da paz

Galileu «tem não sei quê desses filósofos antigos», dizia J.J. Bouchard, em Junho de 1633 (em pleno processo), escrevendo de Roma para Paris. Einstein considerava-se mais filósofo que matemático (como Galileu, se bem que em sentidos não coincidentes), porque os problemas físicos de que se ocupou se relacionavam intimamente com problemas essenciais da história do pensamento, e foi considerado «o maior filósofo vivo» (Sommerfeld).

O pensamento científico postula filosofia, cria filosofia e precisa da boa filosofia. «Quando cientistas dizem que a filosofia está morta, simplesmente não querem dar ouvidos à sua filosofia silenciosa. Todos os sábios transportam a filosofia» (L. Althusser). Ela é «tanto do escravo como do senhor» (K. Jaspers). Portanto, «é melhor que seja consciente e boa do que silenciosa e perigosa» (Engels).

Se há sempre filosofia na ciência, também é certo que não há boa filosofia contra a ciência. Filósofo, na clássica amplitude e dignidade do conceito, é aquele que afirma mais do que sabe, mas nada afirma contra o que sabe. Ciência e filosofia são formas de conhecimento enlaçadas, complementares e cooperantes. Mas a função específica e insubstituível da filosofia é sobrevoar os «domínios estreitos» (Einstein, Infeld) da sua gêmea companhia e «incessantemente abrir diante da ciência um horizonte mais amplo — o do homem, da humanidade, do humanismo» (N. Gogoneata). Para que os homens do poder político não abram sobre a ciência a caixa de Pandora com que os deuses judiciosamente nos presentearam. «No melhor e mais profundo sentido de filosofia, uma compreensão humanista da ciência é uma compreensão filosófica da ciência» (Wartofsky).

Galileu e Einstein compartilharam tal humanismo. Da boca do prisioneiro de Arcetri bem poderiam ter saído estas palavras do Galileu de Brecht: «Estou convencido de que a finalidade única da ciência consiste em diminuir as misérias da vida humana». Do seu admirável amigo disse L. Infeld: «Talvez a verdadeira grandeza de Einstein esteja no simples facto de, apesar de durante toda a sua vida ter observado as estrelas, sempre ter procurado olhar para a humanidade com bondade e compaixão».

Também Galileu esgotou os seus olhos na contemplação pioneira das estrelas, mas consumindo, ao mesmo tempo, a sua vida infatigável no esforço de ensinar os homens a ver insuspeitadas estrelas fora e dentro de si próprios. Nisto divergem os temperamentos dos dois sábios. Galileu, extrovertido, exuberante, iluminista. Einstein, introvertido, discreta figura, príncipe de solidão. Reconheceu «o verdadeiro começo da física» no racionalismo experimental de Galileu, mas o seu «dom-quixotismo» decepçava-o: «No lugar de Galileu, teria dito para mim: a verdade é muito mais forte do que eu». E, no entanto, ele, «o mais pacífico dos homens (...) tímido, delicado e amável» (L. Infeld), preocupou, mais do que se sabia, os serviços secretos norte-americanos. Muito recentemente revelações de um professor da Universidade da Florida (Ri-

chard Alan Schwartz), divulgadas pela imprensa, informam-nos de que o FBI (que sobre Einstein acumulou um 'dossier' de cerca de 1500 páginas, durante 23 anos) o suspeitava de «pacifista», «livre-pensador», «anti-militarista e internacionalista... Também era anonimamente acusado de conspirar para pôr comunistas à frente de todos os estudos de Hollywood, mas os investigadores policiais concluíram, aliviados, que «não existem provas de que seja membro do Partido Comunista»...

A suspeição da famosa polícia norte-americana não era, todavia, imaginária. Contra o mal do capitalismo, escrevia o suspeito em 1950, há um único remédio, «a construção da economia sobre fundamentos socialistas e a educação e preparação do povo para tal». Foi, após a segunda Guerra Mundial, durante alguns anos, presidente da Liga Alemã dos Direitos do Homem.

Em palavras publicadas em 1934, Einstein explicava-se com esta adorável simplicidade:

«O meu apaixonado interesse pela justiça social e pela responsabilidade social tem estado sempre em curioso contraste com a nítida falta de vontade de relações directas com homens e mulheres. Sou um cavalo para arreios simples, não sirvo para empregar ou trabalhar em conjunto. Nunca pertenci inteiramente a qualquer país ou Estado, ao círculo dos meus amigos, ou mesmo à minha própria família. Estas relações foram sempre acompanhadas de uma vaga indiferença, e o desejo de me contentar comigo mesmo aumentou com os anos. Semelhante isolamento é, por vezes, amargo, mas não lamento ter sido segregado da compreensão e simpatia dos outros homens. Perdi, sem dúvida, alguma coisa com isso, mas fui compensado ao tornar-me independente dos hábitos, opiniões e preocupações dos outros e não cair na tentação de assentar a minha paz de espírito em alicerces vacilantes».

Empenhou a sua alta consciência moral e prestígio científico para que a sua e a nossa paz não tivessem vacilantes alicerces.

«É uma ironia amarga que as sementes para a futura utilização da energia atómica tenham sido semeadas pelo homem mais pacífico deste mundo, por um homem solitário que detesta a violência e desprezo a força bruta» (L. Infeld). De facto, foi Einstein o primeiro a demonstrar a possibilidade teórica do uso da energia atómica, antes de se saber se praticamente o seria: a correspondência entre massa e energia, por ele estabelecida na famosa equação ($E = mc^2$), é o prólogo da história da energia atómica, «a maior descoberta depois do fogo» (L. Infeld).

A história da ciência «constitui um drama de incomparável interesse humano. É porventura a mais alta perspectiva que se pode dar da história da civilização em geral» (F. Enriques). O «Guia da Unesco para os professores de ciências» (1981) recomenda que, para os jovens se tornarem cidadãos comprometidos, muito importa que a ciência seja estudada «sob forma integrada, que os ajudará a compreender as possibilidades e os limites da ciência, e também a influência que ela pode ter, que ela não deixará de ter, sobre eles próprios, sobre a sua comunidade, o seu país e o mundo».

O estudo e compreensão humanistas da ciência é um contributo primordial para a fundação de uma ciência nova, a suprema ciência da vida, a ciência da paz. Depois do fogo, depois da escrita, depois da energia nuclear, a paz tem de ser a quarta grande descoberta do homem, ou então será a sua quarta dimensão falhada.

Assim nasceram «Os Verdes» da República Federal Alemã

As bases americanas na República Federal da Alemanha, os Paramentos dos Estados Federais e as Câmaras Municipais são cenários de manifestações pacifistas desde Setembro.

Trata-se de uma campanha rigorosamente planeada contra a instalação dos mais modernos mísseis americanos de alcance médio: os Pershing II.

Cerca de seis milhões de pessoas foram mobilizadas para essas jornadas de protesto, por um conjunto de movimentos situados no denominado «Espec-tro Radical», entre os quais os «Verdes», pacifistas e ecologistas.

As manifestações são preparadas com enorme antecedência. O principal objectivo é a «desobediência civil pacífica», e para o efeito criaram-se autênticas escolas de «desobediência civil» que funcionaram há quase um ano.

Trata-se de campos de preparação doutrinal e psicológica, assim como de treino, para grandes contingentes de jovens «Verdes».

As manifestações são «batalhas» minuciosamente preparadas, com o objectivo de obrigar as forças públicas a desimpedir estradas, escadas de paramentos, bases e instalações militares. Tudo tem decorrido no meio de grande balbúrdia, mas sem violência. Desta forma a simpatia da opinião pública vai para os manifestantes, pondo as forças policiais, o governo ou qualquer outra autoridade em posição desfavorável perante a população.

As manobras dos pacifistas exigem um esforço físico considerável: marchas, bloqueios e cadeias humanas com centenas de metros durante vários dias.

Este desgaste físico e psicológico foi preparado por um longo treino e preparação doutrinal, para que durante as operações de protesto, o cansaço e desgaste emocional não abra brechas face à pressão nervosa. A confiança mútua entre os componentes de qualquer «célula», como são denominadas as unidades básicas, é enorme e estão animados de um grande optimismo. Conversas dois a dois até provocar a confissão total de todos a todos, mantêm um clima coeso. Mantêm um contacto permanente através das mais variadas actividades, desde ac-

tividades culturais a desporto, com carácter lúdico.

Uma das características principais destas escolas é a ausência de chefes. Passam as horas dialogando e discutindo até chegar a uma conclusão aceite por todos. E sobretudo nada de violência. Aos teimosos tenta-se convencê-los da inutilidade das suas posições ou então são ameaçados de serem isolados e ficarem sem ligações dentro da célula. Para o caso de a polícia enveredar por acções duras, um grupo de manifestantes advertirá-a dos seus propósitos: ninguém se defenderá violentamente, por isso a polícia não deve usar a força.

Os ataques de nervosismo e comportamentos agressivos estão ensaiados até ao pormenor: «Por favor não lhe batam», «Está muito cansado», «Não se aproxime dele com armas», «Nós encaregamo-nos de o reanimar» — são ditos frequentes dos manifestantes.

A última quinzena de Outubro foi a mais activa e fértil em manifestações. Todos os centros populacionais importantes assistiram a elas, com a adesão de vários tipos de profissões.

Os alemães têm medo de um confronto nuclear. Sabem que são os primeiros a ser sacrificados. O êxito das manifestações está assim de antemão assegurado.

«Não só jovens aderem. Escritores como Heinrich Böll e Günther Grass ao lado de Petra Kelly, dirigente dos «Verdes», e dos dirigentes do DKP, o partido comunista.

Os «Verdes»

O pano de fundo é o desarmamento unilateral, tese que os «Verdes» defendem com o argumento de que a União Soviética não invadirá o Ocidente.

A protecção da natureza e o regresso às origens são duas das teses que pegam bem na mentalidade germânica. Mas o aproveitamento político de pontos de vista normais torna estes grupos uma amálgama de correntes incoerentes.

Se estes partidos pequenos e minoritários desejam entrar no jogo democrático institucional, para que as grandes formações políticas tradicionais produzam legislação adequada a este objectivo, acabam por admitir, no seu seio, uma grande plurali-

dade de elementos. Esta amálgama oculta muitas vezes a verdadeira orientação ideológica do novo partido.

O período de gestação do partido Verde (Die Grünen) pode situar-se entre 1972 e 1979. Dois personagens alheios em princípio, ao ecologismo, deram o impulso para o aparecimento do grupo radical esquerdista de maior relevo. Trata-se de Rudi Dutschke e Milan Horacek, que abandonaram o Partido Social Democrata (SPD) e se orientaram para posições mais extremistas.

A este facto devem acrescentar-se duas correntes que alimentaram o ecologismo germânico na sua origem: a alimentação naturalista, bastante generalizada entre a população e o pensamento antropológico lançado por Rudolf Steiner, que preconiza uma existência e uma educação em harmonia com as forças naturais que rodeiam o homem. Uma via tão utópica como apolítica.

Juntamente com este ecologismo bem desenhado, surge a ideia paracifista, unida a um marcado nacionalismo, que exige a saída da NATO e o fim da tutela norte-americana, presente desde a Segunda Guerra Mundial. O resultado é um amplo programa defendido por pessoas das mais diversas tendências: da extrema-direita, conservadores, sociais-democratas e da extrema-esquerda, além das «lilas», feministas e dos «rosas», homossexuais. Esta curiosa mistura cristaliza na criação de diversos movimentos ecologistas.

Vermelho e verde

No Outono de 1977, numa reunião em Vlotto, decidiu dar-se uma estrutura aos movimentos, criando uma Comissão Coordenadora Nacional.

A penetração extremista é tão forte que no Congresso de Offenbach, realizado em Novembro de 1978, Rudolf Bahro, antigo dirigente do Partido Comunista Alemão, propôs um «compromisso histórico» entre os «Vermelhos» e os «Verdes», sob o «slogan» «O Verde e o Vermelho Combinam Bem».

Nesse mesmo ano, o Movimento Verde, ainda não constituído em partido, corre o risco de se afundar. Em Troisdorf, cria-se uma nova Comissão Coordena-

dora. E constituída pelo ecologista conservador Grul, um dirigente do Partido Comunista Revolucionário Hamburguês chamado J. Scheer, um representante da Corrente Neutralista Antropológica, Haussleiter, pela actual dirigente do partido, Petra Kelly, e por Milan Horacek.

A seguir à integração do «Movimento Alternativo», em 1979, da extrema-esquerda, o partido Verde cai definitivamente nas mãos da esquerda revolucionária. Ao longo de um ano, qualquer tendência não esquerdista se retirará ou será eliminada nas intrigas próprias dos congressos de um partido em formação.

Por fim, no Congresso de Berlim, realizado em Dezembro de 1979, nascem Die Grünen (Os Verdes). Oficialmente funda-se em 12 de Janeiro de 1980 em Karlsruhe, com bastantes problemas, pois os ecologistas não marxistas são da opinião de que é incompatível pertencer ao partido Verde e, ao mesmo tempo, a outra formação política. Têm receio dos Grupos K, comunistas de várias tendências, cujo domínio se torna cada vez mais patente. Por fim, chegaram a acordo em aceitar a duplicação partidária.

No Congresso de Hagen em Novembro de 1982, a ala Kelly-Bahro (fundamentalista), enfrentou-se com a ala Hansenclever (reformistas e pragmáticos). Os primeiros perfilhavam um distanciamento do SPD, uma economia planificada como nos países de Leste, a luta contra os Pershing II e o abandono da NATO. Hansenclever não quer ir tão longe e é favorável a um compromisso com os sociais-democratas.

Os partido dos Verdes tem actualmente 27 lugares no Bundestag, e é com expectativa que se aguarda o congresso previsto para este Inverno, cuja finalidade, segundo os seus dirigentes, é cimentar a união das várias tendências dentro do partido através de compromisso aglutinador, tendo a social-democracia como pano de fundo.

Este compromisso supõe uma inflexão para a esquerda por parte do SPD, cujos sintomas são perceptíveis pela posição antinuclear tomada recentemente em Bona e pelo facto de o próprio Willy Brandt já ter preconizado uma nova maioria de esquerda. — (ANOP).

O «Rexurdimento»

Continuação da pág. 3

Enriquez estão fora desta suspeita. Mas fora desta suspeita deve estar também também a de Rosalia, como se vê, embora «Follas Nova» tenha sido publicado em 1880. Mas este livro representa uma solução de continuidade dos «Cantares», para além do apuramento expressivo que nele se processa. É no entanto possível que Rosalia de Castro tenha sofrido «influências». O prof. Carballo Calero, em escritos a tal respeito, cita algumas, e, entre elas, a de Camões.(3) Esta questão das «influências» é sempre melindrosa. Todavia, mesmo que ela se ponha a propósito de Rosalia, nem por isso a sua obra sai diminuída. Porque, além do mais, impõe-se sempre o seu relacionamento vivo com um contexto sociocultural, a sua criatividade no contexto histórico duma língua e da sua situação.

Qualquer leitor desprevenido de Rosalia de Castro suspeita finalmente das semelhanças — formais e de fundo (temáticas, por exemplo) — entre a obra da autora dos «Cantares» e a poesia dos Cancioneiros. Esta semelhança é

um facto, mas não deve ser considerada excessivamente sem ter em conta dois aspectos complementares: primeiro, o facto de a poesia de Rosalia se inspirar no cancionero popular; segundo, o facto de este cancionero manter muito da tradição que remontava à época medieval, dos cancioneros. Recorde-se que a Galiza foi sempre uma comunidade predominantemente rural. No tempo de Rosalia já havia emigração, mas a emigração há cem anos era um fenómeno bem diverso daquilo que se tornaria até aos nossos dias. A comunidade rural vivera e continuava vivendo relativamente fechada. A influência do exterior era predominantemente castelhana, mas o isolamento impedia que esta influência destruísse muitos hábitos, designadamente hábitos linguísticos. Certamente que o galego que se falava há cem anos não era já o mesmo que o galego-português de há 300, 400, 500. Mas, sem o impulso criador do tratamento literário que a faz evoluir, desenvolver-se, uma língua como o galego permanece, durante cerca de três séculos e meio, muito próximo das estruturas arcaicas.

Pode ainda pensar-se a poesia de Rosalia em termos depreciativos como «folclore» ou «sentimentalismo», entre outras coisas. Convém no entanto assinalar, quanto ao «folclore», que a poesia de Rosalia é um fruto amadurecido do Romantismo no Noroeste peninsular — e o Romantismo tem com o folclore as relações que se sabe. Quanto ao sentimentalismo, já o poeta galego Luís Pimentel escrevia, pelos anos 30, a propósito de Rosalia: «Non convém chorar mais/Ela chorou por todos e pra sempre».

Na verdade, o sentimentalismo pode dizer-se que é uma frequência excessiva em toda a obra rosaliana, e os próprios poetas galegos que vieram depois reagiram a isso, em muitos casos, evitando idênticas incitências, «poses» assim. Todavia, também aqui, no sentimentalismo de Rosalia, há uma identidade profunda em relação ao popular. E nem por ser — ou parecer que é — demasiado sentimental, a obra de Rosalia deixa de ser — e com grande vigor — uma formidável denúncia contra as injustiças da situação

de contrafacção socioeconómica e cultural da Galiza no seu tempo.(4)

A denúncia das injustiças sociais cometidas contra a Galiza, o povo galego, é, aliás, uma das constantes da lírica galega moderna. E muito provavelmente nunca depois, nem nos anos 40, 50 e 60 deste século, quando essa necessidade se tornou obsessiva para os poetas, em consonância com a tendência dominante em todo o contexto espanhol esta denúncia teve aspectos de tanta naturalidade como em Rosalia.

Luis de Miranda Rocha

- 1) Prefácio à «Obra Poética Completa», de M. Curros Enríquez, Editora Nacional, col. Alfaz, Madrid, 1979
- 2) Em «História da Literatura Galega», Galaxia, Vigo, várias edições.
- 3) «Sobre Língua e Literatura Galegas» (cap. «As fontes Literárias de Rosalia»), Galaxia, Vigo, 1971
- 4) Vd. «La Protesta Social en la Obra de Rosalia», de Nidia A. Diaz, Fundación Penzol, Ed. Galaxia, Vigo, 1976

Impasse nas negociações do CCTV das carpintarias

«Depois de dois meses de conciliação, por iniciativa do Ministério do Trabalho, as associações patronais continuam, de conluio com o Ministério do Trabalho, a protelar as negociações do CCTV para o sector», acusa a Federação Sindical da Construção, Madeiras e Mármore.

Desta forma, anuncia um documento divulgado pelos sindicatos, serão decididas formas de luta em plenário a convocar, caso a reunião de conciliação, marcada para amanhã, não se realize.

O comunicado responsabiliza o Ministério do Trabalho pelas lutas que venham a ser adoptadas e exige que o secretário de Estado receba a Federação

Torres Couto

O secretário-geral da UGT, Torres Couto, participou durante

três dias, em Copenhaga, no Congresso da central sindical dinamarquesa.

Na ocasião, Torres Couto avisou-se com o dirigente sindical chileno, Rodolfo Segel, a quem convidou a estar presente no próximo Congresso da UGT. Segel, por seu turno, dirigiu ao líder da UGT um convite para se deslocar ao Chile a fim de «analisar in loco a actual situação político-sindical naquele país».

Torres Couto participou posteriormente, em Paris, numa reunião das centrais sindicais dos países da OCDE onde foi aprovado um documento que «preconiza uma profunda reestruturação do sistema financeiro internacional». Este documento deverá ser discutido na próxima cimeira mi-

nisterial daquela organização.

Finalmente o secretário-geral da UGT participará amanhã, em Bruxelas, numa reunião com os líderes de todas as centrais sindicais dos países da CEE, na qual apresentará uma proposta de documento a entregar ao presidente da Comissão das Comunidades Europeias, no próximo dia 2, e a todos os chefes dos Governos dos países do Mercado Comum, reforçando o apoio do movimento sindical europeu ao alargamento das Comunidades a Portugal e reivindicando uma posição clara e favorável dos primeiros-ministros europeus à integração portuguesa antes da Cimeira de Atenas a realizar no próximo dia 6 na capital grega.

Desvio de dinheiros da Ormis?

Os trabalhadores da Ormis interrogam-se sobre a possível existência de «abusos na utilização dos dinheiros» da empresa, ou até sobre a possibilidade de se estarem a verificar «fugas de capital».

E isto porque há uma série de perguntas que têm feito à administração e que, de acordo com um comunicado sindical, não têm sido devidamente respondidas.

Assim, perguntam, «para onde vão os dinheiros da Ormis» se desde Setembro de 81 à data actual os trabalhadores tiveram apenas um aumento de salários entre 7 a 12 por cento quando a inflação é mais ou menos de 50 por cento?»; «se os encargos com pessoal baixam de ano para ano, ao contrário da facturação que sobe?»; «se a Ormis não paga aos fornecedores de folha, nomeadamente ao maior, a Siderurgia Nacional?».

Por outro lado, denunciam, estão a sair, «sem facturação», para a Metalbox grandes quantidades de materiais fabricados na Ormis e que orçam já a centenas de milhares de contos.

A ausência de resposta a estas questões está na origem de uma reunião que as ORT's das três unidades de produção (Olhão, Alcochete e Matosinhos) convocaram para hoje à tarde, a fim de apontarem as medidas ajustadas à actual situação.

Madeira

Caseiros dão passos importantes na defesa dos seus direitos

A União de Caseiros da Madeira (UCIM) afirmou em conferência de Imprensa que ultimamente têm sido conseguidos passos importantes em defesa dos direitos dos caseiros e pelo fim da colónia.

Aquela organização considerou que «o adiamento do prazo para a missão das terras deverá em breve ser aprovado na Assembleia Regional dado o consenso entre os partidos aí representados».

Este adiamento era «a única solução possível para o atraso em que ainda se encontra a extinção da colónia, face à recusa dos senhorios, à paragem dos tribunais e aos muitos problemas que há para resolver» — adiantaram os responsáveis da UCIM. Revelaram que a Assembleia

Municipal do Funchal aprovou uma resolução destinada a facilitar a construção de casas pelos caseiros, «reconhecendo o seu direito à habitação e às terras onde trabalham e vivem».

A União de Caseiros considerou também que o acordo conseguido com os senhorios do Jardim da Serra «é uma grande vitória para os primeiros», acrescentando que o Governo regional «comprometeu-se a fornecer apoio técnico aos caseiros do Jardim da Serra e do Curral das Freiras».

«Todos estes passos positivos, resultantes da luta dos caseiros e dos esforços da UCIM, são apenas ensombreados pela péssima situação da agricultura» — comentaram.

França

Sindicato da Magistratura crítica política do Governo para os imigrantes

O Sindicato da Magistratura francês, que reúne cerca de um quinto dos magistrados, acusou o governo de Pierre Mauroy de ter instaurado recentemente um «direito de excepção» para os trabalhadores imigrados.

O Sindicato da Magistratura, uma organização de esquerda nascida na sequência da revolta estudantil de Maio de 1968, reuniu o seu congresso anual, no passado fim-de-semana em Paris, sobre o tema «Os imigrados, excluídos entre outros».

Os magistrados franceses lamentaram que as medidas relativas aos imigrados recentemente adoptadas se concentrem sobre o problema dos clandestinos e que para resolver esse problema a maioria tenha instaurado progressivamente «um direito de excepção para estrangeiros».

Essas medidas prevêem nomeadamente uma melhor inserção para os trabalhadores em situação regular, mas também a expulsão sistemática dos clandestinos, a extensão dos controlos de identidade colectivos e processos judiciais de emergência.

Os socialistas, afirmam os magistrados, estão actualmente a «namorar com a ideologia da segurança», quando lhes é necessário «construir a sociedade não sobre os seus meios, mas sim sobre as suas liberdades».

Vendo apenas o problema dos clandestinos o governo esquece que a imensa maioria dos quatro milhões de imigrados não voltarão a partir de França e que pedem o direito à cidadania, considera o Sindicato da Magistratura, que reclama o direito de voto para os imigrados, pelo menos nas eleições locais e sociais.

«Já é tempo, conclui o sindical-

to, de fazer tomar consciência aos franceses que a sua sociedade se tornou multinacional, multiracial, multicultural (...). Rejeitamos pois definitivamente a noção de «numerus clausus», do limiar de «numerum» e vamos enriquecer-nos com as diferenças».

No entanto, no seu relatório final, o sindicato sublinha que as medidas tomadas a partir do Verão de 1981, que prevêem a regularização de 140 mil indocumentados clandestinos, constitui um «projecto coerente e eficaz», um «autêntico desafio» às políticas levadas a cabo pelos governos anteriores.

Anteprojecto da política de emprego vai ser entregue ao Governo

A Comissão Interministerial para o Emprego (CIME) vai apresentar ao Governo um anteprojecto de medidas de política de emprego de curto e médio prazo recentemente analisado e aprovado — informou o Ministério do Trabalho.

O documento, elaborado pelo grupo que integra um representante de cada ministro, dos secretários de Estado e dos Governos Regionais da Madeira e dos Açores, visa compatibilizar a política de emprego com as condicionantes económico-financeiras envolvidas — afirma o MT em comunicado.

Entre os objectivos prioritários a atingir pela política de emprego entre 1984 e 1986 — período para o qual o documento foi concebido — salienta-se o ajustamento entre a procura e a oferta de

emprego, salvaguarda dos postos de trabalho produtivos situados em empresas viáveis, dinamização e participação selectiva no processo e criação de postos de trabalho e ajustamento do sistema de formação profissional às exigências do mercado de emprego e da própria população escolar.

No mesmo documento, a CIME propõe também «como objectivos importantes a melhoria do sistema de protecção social no desemprego, a eliminação das diferentes formas de discriminação ainda existentes no mercado de emprego e o incentivo dos mecanismos de participação dos parceiros sociais» — refere o comunicado do Ministério do Trabalho e Segurança Social.

Eleições na Associação dos Hoteleiros do Algarve

Apenas uma lista encabeçada pelo industrial Cabrita Neto concorre hoje às eleições para os corpos directivos da Associação dos Hoteleiros e Similares do Algarve.

Na composição da lista estão incluídos os nomes de Oliveira Santos para presidente da assembleia geral e de Palma Borges e António Pereira, para vice-presidente da direcção.

Actualmente com cerca de um milhão de sócios activos que representam hotéis, aldeamentos

turísticos, restaurantes, cafés e clubes nocturnos algarvios, aquela estrutura associativa é presidida por Carlos Fernandes, na direcção, e Cabrita Neto, na assembleia geral.

A seguir ao acto eleitoral, a assembleia reunirá em sessão extraordinária para apreciar, entre outros pontos, uma proposta de denúncia e revisão do contrato colectivo de trabalho para o sector e os reflexos do pacote fiscal, nomeadamente no que se refere ao «imposto de saída».

JAE

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL • SECRETARIA DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS

SERVIÇO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

ACÇÃO DA JAE NOS TEMPORAIS DE 18/20 DE NOV/83

1. — Na situação de emergência resultante dos últimos temporais, JAE pôs em campo todas as suas disponibilidades humanas e materiais, usando inclusive brigadas não só da Direcção de Estradas de Lisboa como, também, de Direcções de Estradas de outros distritos, nas diferentes zonas afectadas, com vista à rápida desobstrução das vias a seu cargo.
2. — Está já em execução um plano de recuperação das estradas nacionais atingidas, contemplando nomeadamente a reconstrução de pontes.
3. — Relativamente às referências vindas a público sobre o agravamento de efeitos provocado pela construção da Via Rápida Lisboa/Loures, convirá ter presente o seguinte:
 - a) Não é verdade que o novo traçado tenha funcionado como barragem, uma vez que a drenagem instalada permitiu que se comportasse em sistema de vasos comunicantes.
 - b) O canal de rectificação e regularização da Ribeira da Costa, incluído nas obras da via rápida, permitiu que se evitasse na baixa de Odivelas uma tragédia semelhante à de 1967.
4. — A Via Rápida em construção, cujo projecto foi superiormente aprovado em 1971, destina-se a servir o eixo viário Lisboa/Loures/Malveira/Torres Vedras e sua continuação para norte, pelo que as urbanizações marginais são uma consequência e não uma causa da estrada.
5. — Não obstante o respectivo projecto ter suscitado algumas objecções por parte da CM de Loures, em 1977, acabou recolhendo parecer favorável na sua generalidade daquela Autarquia e da Assembleia Municipal de Loures.
6. — Estas posições favoráveis, resultaram do facto de se reconhecer que o traçado proposto correspondia ao menor sacrifício em relação aos terrenos de várzea — aliás já então largamente ocupados com edificações — na medida em que a estrada se desenvolve sempre que possível no sopé da encosta e a indispensável travessia da várzea em Frietas se faz na sua menor largura.

Julgamento de dirigentes da F. Pública prossegue segunda-feira

O juiz do Tribunal de Polícia encerrou a noite passada a sessão do julgamento de 23 dirigentes da Função Pública, após a audição das testemunhas de acusação e de defesa.

Os sindicalistas foram detidos no passado dia 9, frente à residência oficial do Primeiro-Ministro, quando aguardavam a marcação de uma reunião com um membro do Governo, com vista à discussão dos salários para 1984 e demais reivindicações contidas nas «Doze medidas consideradas urgentes para a Função Pública» entregues ao Executivo em 22 de Agosto.

A audiência prossegue na próxima segunda-feira, dia 5, às 15 horas.

Entretanto o Sindicato dos Trabalhadores Judiciais de Coimbra protestou contra o julgamento de funcionários públicos, «pela maneira como está a ser tratada a sua questão salarial» — revelou uma fonte sindical.

A assembleia geral do sindicato enviou ao Primeiro-Ministro um telegrama em que manifesta «vivo repúdio por tal julgamento».



ALUGAR UM AUTOCARRO- DIFÍCIL? CONSULTANDO A RN - FÁCIL!

NINGUÉM CONHECE MELHOR AS ESTRADAS
DE PORTUGAL DO QUE O PESSOAL DA RN!

Portanto, se precisa de alugar um autocarro consulte-nos. Ajudá-lo-emos a planear a sua viagem, pois ninguém conhece melhor Portugal do que a RN. E também o estrangeiro, para onde transportamos, anualmente, grande número de pessoas. Confie-se à nossa experiência — à nossa competência. Estamos sempre à sua inteira disposição, para o ajudar a planear o percurso, ou o itinerário que mais lhe convier. Razão por que o desafiamos a consultar-nos.

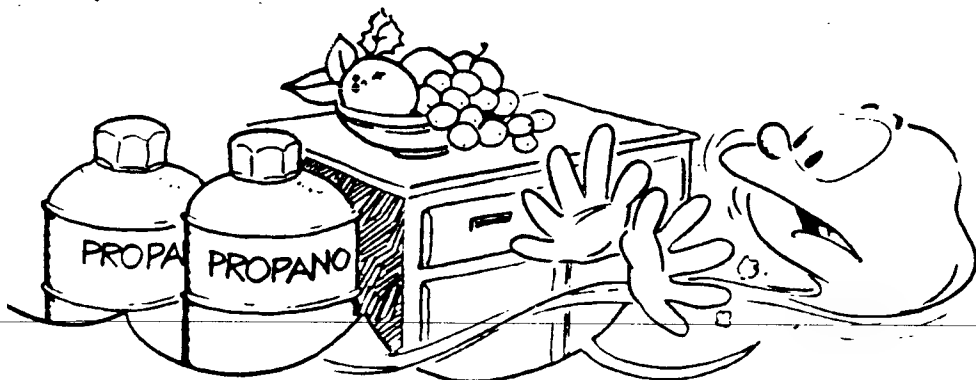


POR ISSO E PARA SI, SOMOS

RN RODoviária NACIONAL

**UMA GRANDE EMPRESA
DE SERVIÇOS**

Não utilize garrafas de propano no interior de habitações
Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

VITÓRIA CLUBE DE LISBOA CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral do Vitória Clube de Lisboa, a reunir em 1.ª convocação e em sessão extraordinária, na sede social, Rua Silveira Peixoto, PAC, no DIA 5 DE DEZEMBRO DE 1983, pelas 20.30 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Deliberar sobre a proposta da Direcção, para aumento de quotas;
- 2 — Deliberar sobre proposta da Direcção sobre a Comissão Pró-Pavilhão e aplicação das verbas arrecadadas.

Se à hora marcada não houver número legal de sócios para deliberar, reunirá, em 2.ª convocação, de acordo com o n.º 7 do artigo 26.º dos Estatutos, uma hora depois com qualquer número de sócios presentes, sendo válidas todas as decisões tomadas.

Lisboa, 26 de Novembro de 1983

O Vice-Presidente da M.A.G. (em exercício)

a) José da Costa Gonçalves

DÉCIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DO NOTÁRIO
LIC. MOISÉS DOS SANTOS MARTINS

CERTIFICO, que por escritura de 10 de Novembro de 1983, lavrada de folhas 3 a 5 do livro 185-A, de escrituras diversas deste cartório, foi entre Luís António de Matos Carroio e Jorge Cid das Neves Barreto, constituída uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação «ATELIER POAIS — ARQUITECTURA E DESIGN, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento na Rua Cruz dos Poais, número trinta e três, segundo andar, freguesia de Mercês, desta cidade, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje;

2.º

O objecto social é o de projectistas e consultores de Planeamento, Urbanismo, Arquitectura de interiores, Desing duas e três Dimensões e Engenharias;

3.º

O capital social é de TREZENTOS MIL ESCUDOS, está integralmente realizado em dinheiro, e corresponde à soma de duas quotas iguais de cento e cinquenta mil escudos, uma de cada sócio;

4.º

A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, será exercida por todos os sócios, que ficam desde já nomeados gerentes, sendo necessárias as assinaturas de dois gerentes para obrigar a sociedade;

§1.º

É vedado aos gerentes obrigar a sociedade, em actos e documentos estranhos aos negócios sociais, tais como letras de favor, fianças, bonificações e outros semelhantes, sob pena de ser individual e não social a responsabilidade assumida;

§2.º

Os gerentes poderão delegar noutro sócio ou em pessoa estranha à sociedade todos ou parte dos seus poderes mediante procuração;

5.º

A cessão de quotas e a sua divisão são permitidas entre sócios, dependendo a cessão e divisão de quotas a estranhos do consentimento expresso do outro sócio, reservando-se à sociedade o direito de preferência, direito que se deferirá ao outro sócio, caso a sociedade o não exerça.

6.º

No caso de morte ou interdição de algum dos sócios a sociedade fica obrigada a amortizar a respectiva quota pelo valor do balanço a efectuar no prazo de sessenta dias, contados da data do falecimento ou do conhecimento do facto pela sociedade;

§ único

Caso o pagamento de tal amortização não possa ser logo efectuado, por falta de disponibilidade em numerário na sociedade, poderá esta pagar a importância da amortização ao herdeiro do sócio falecido ou do interdição, no prazo de dois anos, contados da data do balanço, em prestações mensais e iguais que não vencem juros, implicando a falta de pagamento de uma o imediato vencimento das restantes.

7.º

A amortização de quotas é permitida por acordo dos titulares ou quando elas forem penhoradas, arroladas ou de qualquer forma envolvida em procedimento judicial, fiscal ou administrativo e no caso de transmissão com violação das preferências estabelecidas na cláusula quinta;

8.º

As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias, sempre que a lei não exija outras formalidades.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL, na parte extractada, nada havendo em contrário ou além do que nesta se narra e transcreve.

Lisboa, quinze de Novembro de mil novecentos e oitenta e três.

O escrit.º superior
(illegível)

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Confeccões

Av. João XXIII, 50 - 1300 Lisboa - Rua Infante, 16-55 - 1300 LISBOA

OURO

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/PAGAMENTO. •
das 10 às 12h. e das 14 às 18h.

Av. Almirante Reis 175 1.º (cinema IMPÉRIO)
VICTOR - telf. 53 82 20

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA FIGUEIRA DA FOZ

ANÚNCIO

FAZ SABER, que no dia 12 do próximo mês de Dezembro pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de carta precatória, pendente na 1.ª Secção com o n.º 82, vinda do 15.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, donde foi extraída dos Autos de Execução de Sentença, pendente naquele Juízo e 2.ª Secção de Processos, onde tem o n.º 164-A, em que são Exequentes: Sociedade Portuguesa de Ar Liquido (Arlíquido), SARL, com sede na Rua Quinta do Almargem, 14, 1300 Lisboa, e Executados: Auto Industrial Ancofoz, Limitada, com sede na Gala, Figueira da Foz, há-de ser posto em praça pela primeira vez para ser arrematado ao maior lance oferecido, acima do valor do processo, que a seguir se indica, e que é «UM ESTICADOR DE CHASSIS MODELO ANC-83» com a capacidade de 10 toneladas em ferro, no estado de novo, que vai à praça pelo valor de 60 000\$00, do qual é depositário Victor Manuel Pereira Moniz, comerciante, com residência na Leirosa, freguesia da Marinha das Ondas, desta Comarca.

Figueira da Foz, 17 de Novembro de 1983

O Secretário Judicial,
Armindo Soares Almeida

O Escrivão Adjunto
António Louro dos Santos Copas
2.ª Publicação

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DA LISBOA 16.º JUÍZO

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela Terceira Secção deste Juízo e nos autos de Execução de Sentença n.º 585-A, em que é exequente a SOCIEDADE PORTUGUESA DE AR LÍQUIDO (ARLIQUIDO), SARL e executada PONCAR — INDÚSTRIAS METALÚRGICAS E COMÉRCIO, Ltd., correm editos de vinte dias, a contar da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da referida executada, para no prazo de dez dias, findo o prazo dos editos, deduzirem os seus direitos na execução, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 7 de Novembro de 1983

O Juiz de Direito
Manuel Luís Pinto de Sá Ferreira

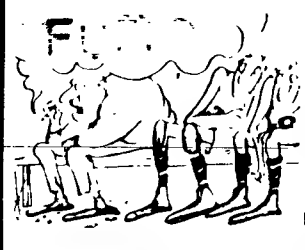
O Escrivão Adjunto
Caetano Afonso Mendes

«DL» — 29/11/83 — 2.ª Publicação

NÃO FUME

EM RECINTOS

FECHADOS



DESPORTO

Desporto: mitos e símbolos

O treino e as ciências do homem

Manuel Sérgio

O professor Monge da Silva, um estudioso incansável dos problemas atinentes ao treino desportivo, já tem, em diálogo comigo (e não só) levantado uma interrogação que dá bem a medida das suas preocupações: **se o treino é uma ciência, como é que muitos treinadores, sem quaisquer hábitos de estudo e sem habilitações académicas, conseguem resultados satisfatórios, com as equipas que orientam?** E conclui, a propósito: **o treino é uma ciência, mas a ciência do treino não é talvez aquela que nos tem sido apresentada, é uma outra que há que pesquisar, que há que teorizar.**

Carlos Sustelo, admirável homem do desporto e pessoa dum trato encantador, escreveu no seu livro, **Ensino do Treino** (1.º volume, Editorial Progresso Social e Democracia, SARL, Lisboa, 1981, p. 21) que **o treino é o emprego sistemático de um complexo de acções motoras do qual resultam, no organismo, alterações morfológicas e funcionais, como adaptação ao esforço realizado. O treino constitui o fundamento para o desenvolvimento das aptidões físicas, quer no âmbito da condição, quer no âmbito da técnica.** Como se vê, percorre esta definição um certo pendão para uma visão do treino, partindo do estudo sistemático das bases biológicas.

Para os sociobiologistas, a importância do determinismo biológico é dominante e todo o comportamento humano e animal deverá referir-se às suas únicas imposições orgânicas. Mas... será mesmo assim? O Homem não é só **physis**, é também **praxis**, produção, **poiesis**. As nossas actividades, mesmo as mais biologicamente elementares, como o beber, o fumar, o defecar, etc., estão intimamente ligadas a valores e símbolos de ordem cultural. A revolução biológica, devido à descoberta da estrutura química do código genético (Watson e Crick) pareceu, de imediato, reduzir os fenómenos vivos a fenómenos físico-químicos. No entanto, a biologia teve também de lançar mão de princípios organizativos, desconhecidos da Química, tais como as noções de informação, código, mensagem, programa, inibição, repressão, expressão e controlo. É que o Homem, segundo a terminologia de Edgar Morin, é **máquina-viva**, não é **máquina-artefacto**.

Há três grandes regiões, no homem, o físico, o biológico e o antropossociológico. É ele portanto uma totalidade organizada, em que estas três regiões (por assim dizer) estão unidas por uma dialéctica incessante, que faz desenvolver e perpetuar o ser vivo. Como ser eminentemente complexo que é, precisa o Homem da dimensão antropossociológica ou cultura, para perpetuar e desenvolver essa complexidade. Relembro, a propósito, Teilhard de Chardin: **No Homem, por uma espécie genial da invenção da vida, a hereditariedade, até certa altura cromossómica (isto é, veiculada por genes) torna-se noosférica (isto é, transmitida pelo meio ambiente e pela cultura).**

Enganam-se os que devoram livros a fio sobre a fisiologia do treino, ou os que não saem do imprópriamente denominado preparo físico, pensando que está aí exclusivamente a chave do êxito. Dizia Pascal que aquilo que está oculto é o que explica tudo. Com um pouco menos de fisiologia e um pouco mais de filosofia e psicologia e pedagogia — conseguem-se milagres. Seria importante que treinadores, como Mário Moniz Pereira, José Maria Pedroto, Teotónio Lima, Mário Wilson, Jorge Araújo e Ângelo Pintado, nos dissessem, sem margem para dúvidas, se as vitórias que têm conseguido radicaram tão-só em conhecimentos profundos da fisiologia. Ou se, de facto, tudo se deveu, acima do mais, a um pouco de fisiologia, a um pouco de conhecimento de métodos de treino, a um pouco de organização e a muita filosofia, psicologia e pedagogia — quero eu dizer: a uma certa visão do Homem e da Vida, a um desejo enorme de vencer, que deixou de ser de um para ser de todos; ao resultado de uma prática assídua e lúcida. Ah! Se eles falassem diriam o que eu não sei dizer. Só que, por certo, diriam o que eu neste momento, pretendo dizer...

Estádios à porta de casa para promover o desporto

É cada vez mais difícil na hora que vai correndo conseguir o tempo livre indispensável para dedicar à prática da cultura física e do desporto. Um dos principais obstáculos ao exercício regular dessa actividade assenta, de um modo geral, nas distâncias longas que é necessário percorrer desde os locais de residência ou de trabalho até aos recintos desportivos. A questão coloca-se com maior acuidade nas cidades grandes, atendendo a que é aí que existem as dificuldades maiores no acesso às zonas menos poluídas, onde (em princípio) se situa a maior parte das instalações de desporto. Não espanta, portanto, que em alguns países se haja optado já pela construção de pequenos complexos ginnodesportivos em cada bairro.

A política dos estádios à porta de casa tem (assim) privilegiado o aspecto funcional dos recintos no que diz respeito aos praticantes em detrimento da sua capacidade no tocante aos espectadores. Entre os soviéticos (por exemplo) também se optou pelo aumento do número de pequenos complexos ginnodesportivos em cada bairro, precisamente porque tanto a cultura física como o desporto constituem parte integrante do quotidiano dos cidadãos.

Pelo país fora

● **VILA REAL** — A sensibilização das Casas do Povo e seus associados para a prática desportiva foi o objectivo do primeiro convívio desportivo das Casas do Povo do distrito transmontano, realizado em Vila Real.

Participaram no encontro, organizado pela Junta Central das Casas do Povo (JCCP), em colaboração com o Inatel e Direcção-Geral dos Desportos (DGD), treze equipas das Casas do Povo de Fontes, Pinhão, Vila-real, S. João e S. Miguel de Lobrigos, Mondim de Basto, Cerva, Carlião, Covas do Douro, Pegarinhos, Ermelo, Celeiros do Douro e Campeã.

A iniciativa constou de um torneio de ténis de mesa e jogo da malha, tendo a primeira prova, escalão de iniciação, sido ganha pela Casa do Povo de Vilarandelo e no escalão competição, da mesma modalidade, venceu a Casa do Povo de Campeã.

● **FUNCHAL** — A assembleia geral do Club Sport Marítimo deliberou aumentar em 50 por cento as quotas dos associados do clube.

Na mesma ocasião foi resolvido realizar uma festa de homenagem ao futebolista Noémio, que, durante quase duas décadas, defendeu as cores do Marítimo, seu clube de sempre.

● **PORTO** — A Associação de Andebol do Porto abriu as inscrições para candidatos à carreira da arbitragem, como árbitros, ou cronometristas.

Os candidatos autopropostos poderão requerer gratuitamente a sua inscrição, quer para árbitros estagiários, quer para cronometristas, na secretaria da Casa do Desporto, ou na AAP, Rua António Pinto Machado, ao Bessa, no Porto, juntando quatro fotografias à ficha que deverão preencher devidamente.

Os limites de idade dos candi-

datos variam entre os 16 e os 40 anos e as inscrições encerram no dia 15 de Dezembro.

O curso decorrerá nas instalações da Casa do Desporto, com uma a duas sessões semanais, de Janeiro a Março de 1984.

A primeira sessão do torneio de abertura do campeonato regional de iniciados, de boxe, terá lugar no dia 3 de Dezembro, no Pavilhão do Infesta, em S. Mamede de Infesta.

Para o campeonato regional de iniciados estão marcados os seguintes encontros: NA CATEGORIA DE MOSCA — Zacarias Cunha (FC Porto)-Carlos Augusto (Valongo); na de meio-médio ligeiro, Narciso Gonçalves (Beira-Mar)-Carlos Jorge (Beira-Mar) e Rafael Barros (FC Porto)-António Miranda (Beira-Mar), na de meio-médio.

Luís Carvalho (Beira-Mar) - Armindo Fontinha (Ramaldense) e Vítor de Sousa (Porto) - Francisco Ribeiro (Valongo) e na de médio ligeiro José Henriques (Beira-Mar)-Adão Coelho (Valongo), tendo José Soares (FC Porto) ficado isento.

Para o torneio de abertura, estão marcados os seguintes confrontos: na categoria de meio-médio ligeiro, Joaquim Rocha (FC Porto)-Alcino Palmeira (FC Porto) e António Peça (FC Porto)-Fernando Penada (Ramaldense), na de meio-médio, Francisco Pinto (FC Porto)-Fernandes Fontinha (Ramaldense) e na de médio-ligeiro, Adelino Mota (Ramaldense)-Oldemiro Caldas (Ramaldense), tendo ficado Fernando Gonzaga (Gueifães) isento.

Treinador de futebol: um arquitecto do jogo

Hemingway, dizia ser a prosa uma arte de arquitecto e não de decorador: poder-se-á afirmar (igualmente) que também um treinador de futebol não é um decorador mas um arquitecto do jogo. Há 30 anos, a arte táctica e a própria intuição de um técnico tinham menos importância do que hoje: o trabalho de um treinador de futebol poder-se-ia, de certo modo, comparar ao de um decorador.

Na verdade, as questões tácticas eram abordadas praticamente da mesma maneira, sem grande profundidade, variando apenas a qualidade técnica de cada jogador. No entanto, do «WM» ao «4x2x4», do «4x2x4» ao «4x3x3», do «4x3x3» ao «4x4x2» (que predominou no «Mundial-82») longo foi o caminho percorrido e vasta foi a experiência recolhida.

O futebol de alta competição constitui, hoje em dia, uma actividade muito complexa e (também) muito exigente, envolvendo toda uma gama de conhecimentos sem os quais não é possível ganhar os jogos. Arquitectar um esquema táctico que possa levar à vitória e do adversário não está ao alcance de qualquer técnico. Torna-se cada vez mais indispensável a profissão de um bom treinador de futebol a conjugação harmoniosa de factores tão importantes como o talento, a inteligência, a cultura, a disciplina e o rigor.

Xadrez: Korchnoi à frente de Kasparov

A quarta partida da meia final do Torneio de Candidatos, em Londres entre Viktor Korchnoi (Suíça) e Garry Kasparov (URSS) adiada no domingo à noite ao 41.º lance das negras, acabou por se saldar, na segunda-feira, por um nulo.

Sem retomar o jogo, Korchnoi propôs a nulidade a Kasparov, por intermédio de um dos responsáveis do torneio, o grande mestre britânico Raymond Keene, o que Kasparov aceitou. No domingo à noite, após o adiamento, a maioria dos especialistas presentes inclinava-se para esse desfecho.

Quanto ao próprio Garry Kasparov, declarou à AFP:

«É uma forma bem curiosa da parte de Korchnoi de se dirigir ao seu adversário. É perfeitamente contrário ao regulamento

As propostas de nulidade fazem-se por intermédio do árbitro-chefe, no caso o grande

mestre jugoslavo Svetozar Gligoric».

«Após esta quarta partida, a pontuação da meia final é de 2,5 contra 1,5 pontos, a favor de Korchnoi, que tinha ganho a primeira partida.

Entretanto, o húngaro Zoltan Ribli e o soviético Vassili Smyslov empataram a sua quarta partida do match das meias-finais do torneio de candidatos ao título mundial de xadrez.

Ribli propôs o empate a Smyslov, ao 45.º movimento.

Com este resultado, a eliminação está igualada a dois pontos.

Smyslov ganhou com as brancas a primeira partida, Ribli venceu com as mesmas a segunda, e as duas restantes terminaram em empates. A quinta partida realiza-se amanhã.

Torneio de candidatas

A soviética Nana Aleksandria

venceu a sua compatriota Irina Levitina, na sétima partida do match das meias-finais do torneio de candidatas ao título mundial de xadrez.

Nesta meia-final, que decorre em Dubna, Aleksandria venceu por 4-3.

Entretanto, em Sochi, a sétima partida da outra meia-final, entre as soviéticas Nana Ioseliani e Lidia Semionova, foi suspensa ao movimento 42.

As duas pretendentes ao título mundial feminino de xadrez estão igualadas a três pontos, neste match da meia-final do torneio de candidatas.

Campeonato de Portugal

A Federação Portuguesa de Xadrez informou que nove equipas já confirmaram a sua presença no vigésimo sexto campe-

Basquetebol: novos técnicos

De acordo com o plano de intenções a que a direcção da Federação de Basquetebol se propôs dar execução, aquando da aceitação para integrar uma lista de consenso das Associações filiadas, foi em devido tempo pedido ao Instituto Nacional dos Desportos a aprovação da «Carteira de Treinador», a qual respeita a legislação e regulamentação existente. Recebida a aprovação da proposta apresentada, é necessário desenvolver o trabalho seguinte: organizar os cursos necessários por forma que, a partir da época de 1984-85, todas as equipas que praticam a modalidade, tenham à sua frente, técnicos com a respectiva «carteira de treinador».

O esforço a desenvolver é grande, mas existe capacidade de resposta da Federação e do seu Grupo de Apoio Técnico e Quadro Técnico para levar a cabo mais esta missão. Torna-se necessário, porém, saber com antecedência o quantitativo e localização dos colaboradores do basquetebol que desejam frequentar o Curso de Treinadores Estagiários por forma a serem programadas as respectivas acções de formação.

Assim solicita-se às associações, e clubes que, em apoio do basquetebol, divulguem a abertura de inscrições para o Curso de Treinadores Estagiários, devendo os interessados fazerem as inscrições no clube ou Associação da sua área de residência que as remeterão posteriormente à associação respectiva ou Federação. As inscrições terminam em 20 de Dezembro, sendo os interessados posteriormente informados dos locais onde se desenvolverão os cursos, que terão a sua realização durante o mês de Junho de 1984.

onato nacional por equipas, que amanhã se inicia na Amadora.

O Sporting defenderá no torneio que se desenrola até domingo na Câmara Municipal da Amadora, o seu título de campeão nacional. Além da equipa leonina participam as do FC Foz (Porto), Grupo de Xadrez da Guarda, Associação Académica de Coimbra, Académica da Amadora, Quimigal, Zona Azul (Beja), Varense e Hotel São João (Madeira).

O campeonato em que cada equipa participa com quatro xadrezistas, será arbitrado pelo novo juiz internacional João Abrantes e é disputado pelo campeão e os vencedores dos torneios regionais.

Até segunda-feira à noite faltavam confirmar a sua presença as equipas do Sporting de Braga e do 1.º Maio, da Marinha Grande.

MICROSEPIO

Setúbal: atletismo

Encontra-se formada a Associação de Atletismo de Setúbal (AAS). Para complemento do processo deste organismo, efectua-se no próximo dia 30, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Setúbal, cerca das 17 horas, a tomada de posse dos elementos eleitos para os diversos órgãos sociais da associação. São os seguintes, na mesa da assembleia: Silvério Pereira Jones, dr. Luís Correia da Cunha e José Manuel Gomes da Conceição; direcção: João Eduardo da

Cunha Rebelo, Francisco Cardoso, José Tadeu de Freitas, Raul Machado, eng. Vítor Hugo Ribeiro, José Novais Rego, Fidelino Duarte de Almeida, Fernando Oliveira Lopes e Carlos Conceição Bicho; conselho fiscal: Bernardino dos Santos Primo, António Herminio Miranda e José Luís Luz Ganço; conselho jurisdicional: dr. António Cândido Casimiro, dr. Manuel Bernardo Torres e Francisca Anacleto Freitas; conselho técnico: prof. Carlos Sustelo, Francisco Batista e José Manuel Barambão.

Coimbra: atletismo

O 8.º Grande Prémio Pedestre de Santa Clara, aberto a todos os atletas com mais de 17 anos, realiza-se a 1 de Dezembro, em Coimbra. A prova, com uma extensão de 9500 metros, é organizada pelo Clube de Futebol de Santa Clara.

José Ferreira (Sobral de Ceira - Cristalina) ganhou a primeiras Meia Maratona de Coimbra. Participaram 120 concorrentes que correram um percurso de 21 quilómetros, entre Meãs do Campo e

Coselhas. O vencedor cobriu o percurso em 1h 8m 22,5s, seguido pelo seu companheiro de equipa, Carlos Santos.

Manuel Gomes (Revelos do Campo) em veteranos e Maria Carvalho (Cruz de Cristo) em senhoras, foram os primeiros a cortar a meta.

Ponta Delgada: salão

Vinte e oito equipas participam no campeonato de futebol de salão que se inicia hoje em Ponta Delgada (Açores).



DESPORTO

ponta esquerda

“Somatropina”: droga a combater?

Foram detectados rastros de «Somatropina», nas análises de urina efectuadas durante os campeonatos de atletismo de Helsinquia: acaba de revelar um artigo do «Los Angeles Times», baseando-se em declarações do professor Manfred Donike (RFA), membro da Comissão Médica do Comité Olímpico Internacional (COI). Segundo esse artigo, a «Somatropina» seria um medicamento fabricado a partir de uma hormona de crescimento retirada da hipófise de cadáveres que, injectada em pequenas doses, provoca um reforço muscular sem aumento de peso e retarda o limiar do cansaço. Outras vantagens: o organismo humano pode eliminar todos os rastros em 48 horas, ao passo que os efeitos são duradouros, senão quase permanentes.

Como a «Somatropina» não está na lista dos produtos proibidos pelo COI, estar-se-ia na presença de uma arma absoluta que poderá desacreditar os resultados dos próximos Jogos de Los Angeles. No estado actual dos trabalhos científicos relativos a essa substância, está fora de questão poder inscrevê-la na lista dos produtos dopantes antes de 1988 e a concorrência será muito desigual entre os utilizadores e não utilizadores do fármaco.

O caso pode ser (portanto) extremamente grave. Tanto mais porque um médico desportivo californiano (dr. Robert Kerr) apressou-se a desmentir um assunto que o prof. Manfred Donike só tinha evocado discretamente. Segundo o dr. Kerr (que possui uma ampla clientela repartida por 19 países) a «Somatropina» seria de utilização corrente em diversos desportos, entre os quais o atletismo e o halterofilismo. Um dos seus clientes teria conseguido estabelecer um fantástico recorde do mundo alguns meses depois de se ter submetido a um tratamento com «Somatropina».

Resta agora distinguir a parte de publicidade que esse médico possa querer obter através destas declarações e a realidade. Assim, os halterofilistas norte-americanos que teria «tratado» não foram especialmente brilhantes nos recentes campeonatos do mundo.

TV da URSS dá futebol sem pagar à Federação

O desporto ocupa posição de relevo na programação televisiva da URSS, sendo de sublinhar que, no respeitante ao futebol, a TV soviética nada precisa de pagar à respectiva Federação pelas transmissões realizadas. Com efeito, representantes da TV e da Federação reúnem-se nas vésperas do início de cada temporada futebolística a fim de elaborarem o «mapa-tipo» das transmissões, no qual se incluem os jogos no âmbito europeu de clubes e ao nível mundial de selecções.

O facto de a TV proceder à transmissão de espectáculos desportivos exerce (obviamente) alguma influência no número de espectadores que, em regra, afluem aos estádios. Deve, porém, salientar-se que, no caso concreto do futebol, mais de um milhão de pessoas assiste, em média, aos jogos dos clubes que ocupam as primeiras posições na tabela classificativa.

De acordo com os dados disponíveis, 231 encontros de um dos últimos campeonatos da URSS foram presenciados por 4 857 033 espectadores, o que proporciona uma média de vinte mil pessoas por jogo. Isto, note-se, não obstante a TV transmitir dois ou três encontros do campeonato ou da taça, desde que, compreensivelmente, não haja concorrência. De resto, os jogos menos interessantes são englobados num programa com 30 minutos de duração intitulado «Futebol em Revista» que dá a ver os lances mais emocionantes de cada encontro.

No que diz respeito ao espectáculo «ao vivo», registre-se, por curiosidade, que o preço de cada bilhete varia entre um rublo e um rublo e meio, sendo o salário médio de 175 rublos (cerca de 26 150 escudos, atendendo a que o rublo está a 150 escudos). Contudo, há bilhetes especialmente destinados aos estudantes ao preço unitário de vinte copeques (o rublo tem cem copeques) e muitos estádios emitem cadernetas de bilhetes (por assinatura) para a totalidade ou apenas metade da temporada, o que proporciona um desconto de dez por cento em cada entrada.

Cerezo pai de duas gémeas

O futebolista brasileiro Toninho Cerezo, ao serviço da equipa italiana da Roma, viu a família aumentada com o nascimento, em Belo Horizonte, de duas gémeas. Toninho Cerezo celebrou o nascimento das suas filhas com amigos e companheiros de equipa no campo de Triguira, onde se encontrava em treinos. O jogador brasileiro só poderá conhecer as duas filhas quando se deslocar ao seu país, por ocasião dos festejos de Natal, já que os compromissos com o futebol não lhe permitem que faça agora tal viagem.

Toninho Cerezo afirmou (a propósito) que este será um mês particularmente longo, acrescentando que vai procurar passá-lo o mais rapidamente trabalhando duro. Toninho Cerezo, que já é pai de dois rapazes, esqueceu-se das duras críticas que lhe foram dirigidas pela Imprensa italiana pela derrota que o Roma sofreu frente ao Ascoli.

Olimpismo: comercialização

A ampla participação de companhias norte-americanas na organização dos Jogos Olímpicos de Los Angeles foi denunciada como precedente perigoso por Magalhães Padilha, presidente do Comité Olímpico do Brasil. Entrevistado pelo «Jornal do Brasil», Padilha afirma que aquele facto contraria as ideias do olimpismo, porque contribui para a comercialização do desporto e para o seu profissionalismo. Manifestamos-nos contra toda e qualquer discriminação do desporto e pela materialização dos princípios da paz e da fraternidade — declarou ainda o presidente do Comité Olímpico do Brasil.

Futebol sem fronteiras

● RFA: PRECIOSA VITÓRIA DO BAYERN

Pela primeira vez desde há oito anos, o Bayern de Munique consegue ganhar em Kaiserslautern, graças a um livre apontado por Augenthaler (1-0). A equipa bávara é agora primeira na classificação geral, «exaequo» com o Estugarda, que venceu em Francoforte (3-1) e Hamburgo, fácil vencedor perante o Nuremberga (4-0). Werder Bremen, que goleou o Offenbach (8-1), é quarto, a um ponto do trio da frente.

● BÉLGICA: BEVEREN CONSOLIDA A SUA POSIÇÃO — O Beveren, vitorioso em Malines (2-0), conta agora com cinco pontos de avanço em relação ao Seraing, batido pelo Standard de Liège (1-2), e Anderlecht, que empatou frente ao Waregem (2-2). De realçar, a vitória do Beringen (lanterna vermelha), sobre o La Gantoise (3-1).

● INGLATERRA: «STATU-QUO» NA FRENTE — Liverpool conseguiu um empate (1-1) em Ipswich, graças a um soberbo gol do seu avançado Kenny Dalglish. Os «vermelhos» seguem isolados na frente, com um ponto de avanço sobre o «duo» West Ham e Manchester United, que ontem empataram a um gol.

● HOLANDA: JORNADA INCOMPLETA — As más condições atmosféricas provocaram o adiamento de cinco dos nove encontros do campeonato holandês previstos para este fim-de-semana. Somente uma das

equipas da frente, o PSV Eindhoven, pôde jogar... e ganhar, frente ao AZ '67 Alkmaar (1-0). Feyenoord, em repouso forçado, continua, contudo, a liderar o campeonato, com um ponto de avanço sobre o PSV.

● ESPANHA: SURPRESA EM MÁLAGA — Os «grandes» do campeonato espanhol mantiveram as suas posições, após os jogos da décima terceira jornada: Real Madrid, que cedeu um empate no seu terreno (0-0) perante o Atlético de Bilbao, continua primeiro, com um ponto de avanço sobre o Barcelona, que empatou em Cadiz (1-1) e Saragoça, fácil vencedor perante o Salamanca (3-0). O fim-de-semana foi marcado, contudo, pela derrota do Málaga (a revelação da temporada) no seu estádio frente ao Osasuna de Pamplona (1-2).

● ITÁLIA: JUVENTUS NA FRENTE — A Juventus, de Turim, que foi empatar (3-3) ao campo da Fiorentina, tem agora um ponto de avanço em relação ao Roma, batido pelo Inter de Milão (0-1), a uma semana do grande jogo que oporá frente a frente as duas formações, no Estádio Comunal de Turim. A «Juve», contudo, compartilha o primeiro lugar juntamente com o Verona, que venceu o Avellino (3-0).

● SUÍÇA: SION PERDE EM GENEBRA — O FC Sion já não comanda isolado o campeonato da Suíça. Com efeito, ao deslocar-se a Genebra, perdeu

frente ao Servette (1-2), deixou-se igualar pelo Saint-Gall, que venceu o Vevey (3-1).

● JUGOSLÁVIA: UM BOM PONTO PARA O HAJDUK — O Hajduk Split salvaguardou a sua posição de líder, ao empatar (1-1) no terreno do Rijeka, um dos seus mais perigosos concorrentes. O Partizan de Belgrado, que derrotou o Tuzla (2-1) aproveitou o empate do Hajduk para se aproximar, estando agora a um ponto.

● RDA: DESDREN BATIDO NO SEU TERRENO — O Dynamo Dresden, um dos três líderes, perdeu em sua casa perante o Dynamo de Berlim (1-2), que compartilha o primeiro lugar com o Magdeburgo, que derrotou o Francfort Oder (4-1).

● FRANÇA: BORDÉUS NA FRENTE — Graças à sua vitória (3-0) frente ao Sochaux, os Girondins de Bordéus têm agora um avanço de três pontos sobre os seus perseguidores. Auxerre, que surpreendentemente venceu (2-1) em Nantes a equipa local, actual campeão francês, é segundo na geral, com um ponto a mais que o trio formado pelo Mónaco, que perdeu com o Laval (2-0), pelo Paris S.G., batido igualmente em Toulou (1-0) e pelo Nantes.

● BRASIL: CAMPEONATO DO RIO — A final da segunda fase do campeonato regional de futebol do Rio de Janeiro disputa-se quinta-feira entre Flamengo e Bangu — anunciou a Federação local.

As duas equipas têm um bom palmarés nesta segunda fase da prova, podendo ambas aspirar ao triunfo.

O Flamengo, depois de atravessar séria crise iniciada com a transferência de Zico para o Udinese, de Itália, conseguiu uma notável recuperação. No seu último jogo, contra o tradicional rival Vasco da Gama, o Flamengo deu «show» no Maracanã, o que lhe deu acesso à final com o Bangu.

Esta equipa, até agora praticamente considerada de bairro, teve excelente actuação, somando 33 pontos, o que lhe dá possibilidades, mesmo perdendo com o Flamengo quinta-feira, de disputar o campeonato do Rio de Janeiro.

● GUINÉ-BISSAU: SPORTING LIDERA — A quarta jornada do campeonato de futebol da Guiné-Bissau disputada, sábado e domingo, teve os seguintes resultados:

Sporting de Bissau - Bolama, 2-0; Tennis C. de Bissau - Balantas de Mansoa, 1-1; Ajuda de Bissau - Bula FC, 1-5; Canchungo - Farim, 2-1; Bissora - Tombali, 2-2; Sport Bissau e Benfica - UDIB (União Desp. Int. de Bissau), 0-2; Bafatá - Estrela Negra (militar) de Bissau, 0-1; Quinara - Desport. do Gabu, 1-1.

O Sporting Clube de Bissau lidera com quatro vitórias em quatro jornadas, estando o Bafatá e o UDIB, ambos com seis pontos, respectivamente nos segundo e terceiro lugares.

Campeonato de reservas de Lisboa

A Associação de Futebol de Lisboa acaba de divulgar a lista dos jogos do campeonato distrital de reservas, marcados para hoje, amanhã e sexta-feira, que é a seguinte:

Jogos marcados para dia 29 (terça-feira)

Campeonato Distrital de Reservas - I/II Divisões Nacionais - 13.ª jornada - 49 - Benfica-Torriense, às 21 horas; 50 - Sporting - Estoril, às 15 horas; 51 - D. Olivais - Sacave-

nense, às 21 horas; 52 - Amadora - Belenenses, às 21 horas.

Jogos marcados para dia 30 (quarta-feira)

Campeonato Distrital de Reservas - III Divisão Nacional - 11.ª jornada - 41 - Tires - Olivais, às 21 horas; 42 - Bucelenses; Vialonga, às 21 horas; 43 - Atlético - Sintrense, campo treinos, às 21 horas; 44 - Casa Pia

-Oriental, Já realizado em 17-11.

Jogos marcados para dia 2-12 (sexta-feira)

Campeonato Distrital de Reservas - I/II Divisões Nacionais - 14.ª jornada - 53 - Torriense - D. Olivais, às 21 horas; 54 - Estoril - Benfica, às 15 horas; 55 - Odivelas - Sporting, às 21 horas; 56 - Sacavenense - Amadora, às 21 horas.

“Nacional” de ténis de mesa

Benfica isolado

O Benfica isolou-se no comando da Zona Sul do «Nacional» da I Divisão, ao bater o Clube Philips por um conclusivo 5-1. Recorde-se que ainda há duas semanas apenas o Philips havia conquistado a Taça Imprensa batendo esta equipa do Benfica na final, o que, para alguns observadores, constituiu surpresa. Para nós, uma viragem tão radical em apenas duas semanas faz-nos crer que algo vai mal em ambas as equipas neste início de época. Na Zona Centro o Casa Pia continua na liderança, não sendo previsível o seu afastamento dessa posição, dada a forma categórica como venceu todos os encontros até agora disputados. No Norte as coisas parecem mais complicadas, aguardando-se com expectativa o embate (sexta-feira próxima) entre o CPN e o Cultural das Antas, que isolará um dos intervenientes no comando.

Passemos aos resultados desta 5.ª jornada: Zona Norte: Alpiar-D. Henrique, 5-0; CPN-FC Porto, 5-3; Ponte Nova-C. Antas, 0-5, CDUP-Alvi-

negro, 5-3. Zona Centro: Sp. Caldas-Acad. Santarém, 5-3; S. Martinho-Emp. Comércio, 5-1; Casa Pia-Caldas SC, 5-1. Zona Sul: Philips-Benfica, 1-5; Sporting-Vit. Setúbal, 5-2; P. Arcos-Est. Amadora, 2-5; Camarinha-D. Operário, 5-0.

VIII Torneio do Casa Pia AC

A secção de ténis de mesa do Casa Pia leva a efeito em 14 e 15 de Janeiro o seu VIII Torneio Aberto, no pavilhão do estádio da Luz, o qual consta do calendário oficial de provas da Federação e conta para a classificação nacional dos atletas. As inscrições estão abertas até ao dia 14 de Dezembro e poderão ser enviadas para a sede do clube, sita no Largo do Conde Barão, 50-2.º, 1200 Lisboa.

Torneio do jornal «Comércio do Porto»

Também o jornal «Comércio do Porto» vai realizar o seu I Tor-

neio Aberto para atletas filiados na FPTM (todas as categorias, excepto veteranos). As inscrições terminam no próximo dia 10 de Dezembro e poderão ser enviadas para a Associação de Ténis de Mesa do Porto, Rua António Pinto Machado, 60, 4100 Porto.

Individuais de Lisboa

Iniciaram-se este último fim-de-semana os campeonatos individuais de singulares da Associação de Lisboa, os quais deverão ficar concluídos no início de Janeiro. Estes campeonatos serão disputados nos moldes habituais (grupos de três ou dois atletas, que jogarão todos entre si) com uma ou duas jornadas semanais. A classe de cadetes masculinos, por ser muito numerosa, terá seis jornadas em apenas quatro dias e disputadas num único local (pavilhão do Ramiro José) com início às 15 horas de 1 de Dezembro, dia feriado.

Cuba: boxe de 1.ª

Cuba conquistou o 2.º Campeonato Mundial de Juniores de Boxe Amador, disputado no Palácio dos Desportos Professor Virgílio Travesio Soto, em São Domingos. Os pugilistas cubanos alcançaram o 1.º lugar, com um total de quatro medalhas de ouro, três de prata e três de bronze. No 2.º lugar classificou-se a República Dominicana (com três medalhas de ouro e duas de bronze) e a 3.ª posição foi para os Estados Unidos (com três medalhas de ouro, uma de prata e uma de bronze). Os resultados das finais foram os seguintes:

● 48 quilos: Manuel Herrera (República Dominicana) venceu Rafael Ramos (Porto Rico), por 3-2.

● 51 quilos: Júlío Gonzalez (Cuba) venceu Terry Jacos (França), por 5-0.

● 54 quilos: Juan Molina (Porto Rico) venceu Fana Tean Marian (Roménia), por «RCSH» (superioridade).

● 57 quilos: Abrahan Mieses (República Dominicana) venceu Ramon London (Cuba), por 5-0.

● 60 quilos: Angel Beltre (República Dominicana) venceu Jorge Alvarado (Cuba), por 3-2.

● 63,5 quilos: Angel Espinosa (Cuba) venceu Melrick Taylor (Estados Unidos), por «RCSH» (superioridade).

● 67 quilos: Mylon Watkins (Estados Unidos) venceu Kralio Vanev (Bulgária), por «RCSH» (superioridade).

● 71 quilos: Ulisses Castillo (Cuba) venceu Hector Ortiz (Porto Rico), por KO.

● 75 quilos: Ramon Batista (Cuba) venceu Adam Santiago (Porto Rico), por desclassificação.

● 81 quilos: Orbit Pugh (Estados Unidos) venceu Roberts Karilov (Bulgária) por superioridade.

● 91 quilos: Arturo William (Estados Unidos) venceu Dais Miklos (Roménia), por 3-2.

em duas palavrões

Consumo de tabaco é epidemia do século

O consumo de tabaco é comparável às devastadoras epidemias infecciosas do passado, afirma um relatório divulgado pela Real Sociedade dos Médicos Britânicos.

O relatório critica os políticos e os Governos, que se mostram quase insensíveis a um problema «que devia ser encarado com a mesma preocupação com que anteriormente se encarou a cólera, a difteria, a pólio e a tuberculose».

O documento dos médicos britânicos é o sétimo relatório sobre este tema publicado desde 1962 pela Real Sociedade, e de todos o mais contundente.

A Real Sociedade recomenda a total proibição da publicidade ao tabaco, um constante agravamento dos impostos e a redução drástica dos níveis de nicotina, alcatrão e carbono permitidos nos cigarros.

Na Grã-Bretanha morrem anualmente cem mil pessoas com doenças relacionadas com o uso do tabaco, diz o relatório, que salienta o facto de a indústria tabaqueira gastar dez vezes mais a promover a venda de cigarros do que o Governo a desaconselhar o seu uso.

No entanto, as vendas de cigarros baixará cerca de 20 por cento nos últimos quatro anos na Grã-Bretanha, onde a população fumadora é minoritária.

Inventor de vacina contra poliomielite está paralisado

Albert Sabin, o inventor da vacina oral contra a poliomielite, encontra-se paralisado devido a uma inflamação dos nervos.

«Não deixa de ser irónico — disse o cientista aos jornalistas — acabar os meus dias paralisado depois de passar meio século a estudar as diversas causas da paralisia».

Tudo começou em Maio deste ano, quando os médicos diagnosticaram uma hérnia discal que estava a fazer pressão sobre a medula espinal na zona do pescoço.

Em Agosto, Sabin foi submetido a uma intervenção cirúrgica que não teve êxito e gradualmente começou a deixar de mover as pernas e os braços, encontrando-se agora totalmente imobilizado numa cama de hospital.

A Vacina oral de Sabin constituiu um progresso em relação à de Salk, anteriormente usada, tendo sido adoptada internacionalmente.

Grças a este progresso, a poliomielite foi praticamente eliminada nos países industrializados, onde todas as crianças são vacinadas logo nos primeiros meses de vida.

Fronteiras portuguesas em abertura permanente

As fronteiras de Valença do Minho, Vilar Formoso e Caia ficarão permanentemente abertas para pessoas e mercadorias a partir de Janeiro — revelaram ontem directores gerais de alfândegas de Portugal e Espanha.

Delegações oficiais dos dois países, presididas pelos directores gerais de alfândegas, Miguel Sanchez e Nunes Barata, reuniram-se em Madrid para dar andamento a algumas das decisões da área, tomadas na cimeira luso-espanhola.

A decisão mais importante foi a de manter a abertura permanente das três fronteiras. Inicialmente, só estavam previstas as de Vilar Formoso e Caia, mas finalmente decidiu-se incluir também a de Valença do Minho.

Em Vilar Formoso será estabelecido o sistema de justa posição pelo que haverá apenas um controlo. Foi decidido criar uma comissão dentro das duas direcções gerais de alfândegas para estudar a melhoria do funcionamento dos 26 postos fronteiriços entre os dois países, assim como o conjunto das instalações e acessos.

As duas delegações decidiram cooperar nas áreas que os afectam e sobretudo na troca de informação e na luta contra a fraude e contrabando, sobretudo de tabaco.

Prémios «Médicis» e «Femina» foram atribuídos

Kenneth White, romancista escocês de 46 anos, e o jovem escritor francês Jean Echenoz, de 35 anos, foram escolhidos pelo júri dos dois prémios literários «Médicis», enquanto que o prémio «Femina» ia para uma universitária francesa, Florence Delay, de 40 anos.

Prémio «Médicis-estrangeiro» pelo seu livro «Estrada Azul», Kenneth White, poeta e romancista, define-se como um «nómada intelectual» que colhe das viagens que efectua o fundo da sua inspiração, realizando uma síntese original de várias culturas. «Palavras como partida, passagem, movimento dizem-me alguma coisa», escreve.

Viajante infatigável, White traça em «Estrada Azul» — a forma de notas, reflexões e poemas — um longo itinerário entre Montreal e o Labrador. Nesta longa caminhada para o Norte, evoca autores como Coleridge, Melville e Nietzsche.

Evaristo

Melodrama de desampate

C. Sampayo & F. Solano

4



© AGÊNCIA DIAS DA SILVA - LISBOA

Continua





ANTRAM — ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTADORES PÚBLICOS RODOVIÁRIOS DE MERCADORIAS DELEGAÇÃO REGIONAL DO CENTRO

A Assembleia Regional da Indústria que teve lugar no passado dia 26 do corrente em Coimbra, tendo discutido os gravíssimos problemas que afectam a indústria, decidiu fazer uma concentração de viaturas nas ruas adjacentes ao Estádio Universitário, em Santa Clara-Coimbra, no próximo dia 2 de Dezembro pelas 14 horas.

Tal concentração tem por fim chamar a atenção do Governo e alertar a opinião pública para a situação económica alarmante em que se encontra a indústria e simultaneamente para a necessidade imperiosa de serem satisfeitas, com a urgência solicitada, as medidas propostas pela ANTRAM aos poderes públicos.

A concentração processar-se-á com todo o respeito pelas regras de trânsito e sem prejuízo da circulação dos restantes veículos e pessoas, de forma a não causar prejuízos a ninguém.

Pede-se a melhor compreensão para o trabalho e para as instruções dos agentes da PSP.

COIMBRA, 28 de Novembro de 1983
A Direcção da Delegação Regional do Centro da ANTRAM

NOTARIADO PORTUGUÊS

OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
RUA DA HORTA SECA, NÚMERO SETE, SEGUNDO

NOTÁRIO

LIC. EDUARDO ANTÓNIO CORREIA DE AZEVEDO

CERTIFICO para efeito de publicação, que por escritura de 8 de Novembro de 1983, lavrada de fls. 83-v. a 86 do Livro 57-H de notas deste Cartório, foi constituída uma Associação com a denominação de C. J. - CLUBE DE JORNALISTAS, à qual poderá associar-se a de Press Club, tendo em consideração as relações no plano internacional. A sede é em Lisboa, tendo por objecto fundamental constituir um espaço de informação e cultura, convívio e intercâmbio, aberto a quantos tenham o jornalismo como ocupação principal, por forma pública e notória. A sua actividade, de âmbito nacional ou internacional, terá como referência básica, a defesa da liberdade e da dignidade da informação e o respeito pelas regras de deontologia profissional. O C. J. - CLUBE DE JORNALISTAS apenas representa a vontade dos seus associados, perante os quais responde, em completa independência relativamente ao poder político e económico e a quaisquer organizações partidárias, sindicais, religiosas ou de outra natureza. Esta associação sem fins lucrativos é constituída por tempo indeterminado. O referido CLUBE é constituído pelos sócios fundadores e por aqueles, que igualmente titulares de carteira profissional de jornalista ou equiparados, sejam admitidos nos termos estatutários. As propostas de admissão serão submetidas por um mínimo de 2 sócios e aprovadas pela Comissão Executiva, de cujas decisões cabe recurso devidamente fundamentado para a Assembleia Geral. A Comissão Executiva poderá propor à Assembleia Geral a exclusão que será sempre fundamentada e só poderá ser aprovada por maioria de 2/3 dos sócios presentes à respectiva assembleia.

É certidão de narrativa sob a forma de extracto e vai conforme com o original.

Lisboa, 15 de Novembro de 1983

O Terceiro Ajudante

Zoé Corona de Azevedo Francisco Pedro

A Traviata de Verdi assassinada por Zeffirelli

QUEM teve a sorte de ver na R.T.P., há cerca de dois anos, a transmissão feita em directo do Metropolitan de Nova Iorque da ópera *La Traviata*, muito dificilmente reconhecera no nome do encenador de tão maravilhosa e fantástica produção a mesma pessoa que agora em filme iria «assassinar» de um modo vergonhoso a célebre obra de Verdi. Referimo-nos a Franco Zeffirelli.

Com uma publicidade fora do vulgar, este filme há muito era esperado não só pelos amantes de ópera como também pelos cinefilos de todo o mundo, e pensamos que para qualquer pessoa de bom gosto o resultado da visão de tal obra só poderá ser desilusão e, mais ainda, revolta. Este apontamento não se irá debruçar, obviamente, em aspectos que directamente se liquem à técnica cinematográfica (pois para isso servem os críticos de tal arte), mas tão-só procurar descrever e discutir a visão que Zeffirelli apresenta de uma das maiores obras-primas não só da Música como do Romantismo em geral.

O problema, de um modo mais vasto, não se prende só com este filme, pois que, a nosso ver, quase todas as adaptações cinematográficas — que conhecemos — de óperas célebres, pecam por erros e visões que destroem quase por completo o espectáculo que lhes serve de base, por não respeitarem no mínimo as particularidades que lhe são inerentes: o *Don Giovanni* de Losey; o *Parsifal* de Syberberg e esta *La Traviata* são disso prova. Ao alterar, acaba-se por destruir, e o único filme de ópera que nos satisfizesse por completo foi *A Flauta Mágica* (pese no entanto a versão sueca) de Ingmar Bergman, que não só não assassinou a obra de Mozart como no-la apresentou de um modo claro e transparente, servindo-se até de uma leitura quase didáctica. É por isso que esperamos com ansiedade o anunciado *Les contes d'Hoffmann* do mesmo realizador.

La Traviata de Franco Zeffirelli é, porém, de todos, o que mais nos chocou (e assustou, ao

pensar nos seguidores que porventura possa vir a ter) por ser o único que **tacava e destruía** o aspecto mais sagrado da ópera — a própria música de Giuseppe Verdi — alterando a sua significação e a sua estrutura. Não compreendemos de facto o porquê de várias coisas: o porquê dos cortes mais que abusivos feitos no Acto II, no dueto entre Violetta e Giorgio Germont. Maria Callas, ao propor cortes nas partituras que cantava, para tornar a ópera um espectáculo crível no nosso século, fê-lo sempre em pontos que repetiam exactamente outros anteriores e que, portanto, em nada avançavam em relação à acção dramática.

E, no entanto, preciso ser-se completamente insensível (ou não compreender minimamente a ópera — o que nos recusamos a acreditar por ter já visto encenações fabulosas de Franco Zeffirelli) para assim mutilar o dueto do acto segundo de *La Traviata*: será que é muito difícil perceber que as repetições ali das frases de Violetta são factor estruturalmente necessário para marcar a angústia do personagem e para marcar a sua recusa (inconscientemente) de abandonar Alfredo? Será tão hermético o facto da repetição criar tensão dramática (como nos ensinou, neste mesmo acto, de maneira definitiva e magistral Maria Callas)? Será que o facto de se repetirem as frases não marcam, por isso mesmo, a **não-verdade da acção** de Violetta em relação à **verdade da sua vontade**? A nosso ver é isso mesmo que fazem. Zeffirelli tornou a resolução de Violetta numa coisa rápida e fácil. Facto inexplicável.

Depois, o enorme corte na música do Acto III. A maravilhosa introdução de Verdi, numa das mais belas e conseguidas criações de ambiente dramático da história da ópera, é pura e simplesmente ignorada. Facto ainda mais inexplicável.

Não contente com isto, Franco Zeffirelli propõe a repetição de música do Acto I, a começar (ou a ligar) o Acto II. Aqui julgamos já que é brincadeira.

Ainda de realçar a escolha «intelligentíssima» do intervalo, a

cortar a meio a primeira cena do Acto III!

Decorrente da sua visão e numa escolha acertada para suporte dela (que não da música de Verdi) surge a intérprete principal, Teresa Stratas. Esta cantora não consegue fazer «tout court» o Acto I. As falhas vocais e técnicas são por demais evidentes. Os outros actos pecam por falta de realização, por tiques veristas (sim, é isso mesmo!) nada adequados a Violetta — como por exemplo cantar com uma emissão próxima da asma e da tosse para emitir uma física. O que francamente não só não contribui para a criação de ambiente como ainda dá vontade de rir. Da actuação cénica desta cantora nem queremos falar — a correria digna de uma louca no final do Acto I (talvez fosse ideia pôr Violetta como alienada e alucinada, o que consideramos puro disparate); o «lindo» gesto final (digno de qualquer filme realizado pelas «Seleções do Reader's Digest» ou como capa da «Crónica Feminina») e muitos mais exemplos servem para termos vergonha do que vimos.

Cornell McNeil se tem a idade física ideal para um Germont não a tem porém vocal. A sua voz está cansada, o que origina constantes e afritivas desafinações, cortes de frases, etc.

O único intérprete a todos os níveis genial é Plácido Domingo. Diga-se o que se disser, este cantor é um dos raros que, quer com a sua actuação cénica quer com a musical, consegue, desde logo, criar um ambiente tenso, dramático, correcto. Isto não só neste filme, como em todas as actuações que dele temos tido a possibilidade de ver e ouvir. *La Traviata*, se vive, um pouco é pelas suas intervenções.

James Levine (o maestro) será também responsabilíssimo pelos cortes drásticos da partitura.

Na primeira vez que Franco Zeffirelli encenou esta ópera, em Dallas em 1958, fê-lo para Maria Callas e pôs toda a acção como um «flash-back» na memória de Violetta que morre. É uma ideia interessante e maravilhosa, pois mais não faz que se inspirar no romance de Alexandre Dumas e de seguir a própria música de

Verdi: o Prelúdio começa pelo tema da morte, que se encontra no último acto. É uma ideia que sempre o perseguiu — com Mirella Freni no Scala em 1965 e Maria Chiara em Buenos Aires em 1979. Não o fez com Ileana Cotrubas no Metropolitan.

O filme apresenta também esta visão e, decorrente dela, uma cerrada decadência (herdada da célebre leitura de Visconti para o Scala de Milão, apresentando o último acto com os mesmos cenários do primeiro, só que estragados) que está correcta, só que exagerada. Penso que para significar decadência não é preciso mostrar tanto ouro, tanto cristal, tanta seda para depois os mostrar em proporção exacta como trastes e mobília de revenda. A palavra-chave desta realização é «EXAGERO»: de «décors»; de movimento; de figurantes; de ruído (não compreendemos nem aceitamos o ouvirem-se copos a tilintar, pessoas e cavalos a correr por cima da música de Verdi); de acusação; de movimentos de câmara. Os efeitos fáceis são também abundantes — os filtros nas cenas do campo; a família Germont (que tivemos muito gosto em conhecer); as sobreposições de imagens, etc.

Também não percebemos a aparição do carregador de mobílias que nos aparece deslumbrado pelo retrato de Violetta (numa imagem já esgotada por Hollywood nos anos 40), mas a aparição de personagens que nada têm a ver com o elenco da obra vem sendo habitual nas adaptações cinematográficas de óperas célebres. Esperemos sinceramente que na nova *Carmen* anunciada não nos apareça a mãe de Don José.

Claro que neste filme está patente a plasticidade inata de Franco Zeffirelli, em particular na cena da festa. A cor e o ritmo são aqui deslumbrantes, bem como a movimentação das massas — mas estragadas pelo final da mesma cena.

Se gosta de Verdi, não vá ver *La Traviata* «written by Zeffirelli» (como, para nosso espanto, aparece no genérico).

Manuel Jorge Correia

Babilónia: de «capital do mundo» a um montão de ruínas

«Babilónia, capital do Mundo, foi erguida em colinas cobertas de mato. Ergo as mãos a Marduk, meu Senhor: Marduk, meu soberano, primeiro entre os deuses! Oh tu, poderoso rei, conserva a cidade de Babilónia!»

Mas as preces de Nabucodonosor não foram ouvidas pela divindade e dessa «Capital do Mundo» ficaram apenas ruínas. Cabe aos homens atenuar o resultado catastrófico desleixo do deus caldeu. O que existe ainda da antiga Babilónia vai sendo arrancado às entranhas da Terra. E a História e a lenda vão sendo contadas pelas torres da muralha julgada inexpugnável, salas de palácios de esplendor sem igual ou por simples tabuinhas de argila nas quais um candidato a funcionário público aprendia as lições.

A cento e cinquenta km de Bagdad, capital do Iraque, à beira do Eufrates fica a Babilónia, uma das mais antigas do Oriente e talvez a mais lendária de todas as antigas capitais de Impérios. Mas o que a fez, afinal, tão famosa?

Os célebres jardins suspensos — uma das sete maravilhas do mundo — construídos «para repouso e distração da rainha Semiramis»? Por ter sido fundada em 2105 a. C. por Hamurabi, que

legou à Humanidade o primeiro código de leis? Ou pelo esplendor de palácios e templos mandados construir pelo poderoso Nabucodonosor II, o Grande?

O comprimento das suas muralhas no tempo desse rei conquistador atingia 16 km. No interior, erguiam-se palácios e templos sumptuosos, entre os quais se estendiam, em quadrados precisos, as zonas habitacionais.

«Babilónia, capital da Terra, foi erguida em colinas, cobertas de mato. Ergo as mãos a Marduk, meu Senhor: Marduk, meu soberano, primeiro entre os deuses! Oh tu, poderoso rei, conserva a cidade de Babilónia!» — diz uma inscrição deixada por Nabucodonosor recentemente descoberta.

O deus não atendeu às preces do rei. Apesar de ter conhecido, depois disso, períodos de glória — foi capital da Ásia no tempo de Alexandre — a «capital do Mundo» entrou em decadência.

Dos tempos gloriosos, em que viu partir, por ordem de Nabucodonosor II os exércitos que se dirigiam à Síria, à Fenícia e ao Egipto, só falamos as ruínas. Em ruínas se desfez o palácio de Baltasar, que confiava na força das muralhas esquecia em festins o tédio do cerco imposto por Ciro, rei dos

Persas. Mas «Deus contou-lhe os dias do seu reinado e marcou-lhe o fim». E Ciro desviou o curso do Eufrates, penetrou na Babilónia pelo leito seco do rio e matou o último rei da Babilónia.

No roteiro turístico está escrito que esse célebre «Palácio Azul», do qual já foi restaurado parcialmente o 1.º andar posto a descoberto nos anos 20 pelos arqueólogos, era construído por «quatro cortes, cercadas de salas luxuosas e quartos entre os quais se encontra a sala do trono, decorada com azulejos coloridos. O edifício, que media 300 metros por 190, tinha linhas simples e rígidas, onde se impunham os ângulos rectos».

Há ainda vestígios de outra extraordinária construção — os portões da deusa Ishtar, adornados com ladrilhos, onde estão representados touros e unicórnios fantásticos, formando como que uma coroa sobre os portões maciços. As escavações vieram a confirmar as descrições dos antigos, que se tinham mostrado espantados com as fortificações da cidade: foram descobertas 15 torres, distando 44 metros umas das outras e que não constituem senão uma parte mínima da muralha exterior que se supõe ser formada

por mais de trezentas torres.

Ainda que os arqueólogos tenham trazido à luz do dia um número ínfimo de relíquias arquitectónicas — ou o que resta delas — ainda uma importante questão precisa de ser resolvida: como conservar o que já foi descoberto?

O Departamento Estatal do Iraque para Defesa do Património trabalha na elaboração de métodos para conservar os monumentos milenários. A tarefa apresenta-se difícil. É preciso ter em conta as condições atmosféricas — ventos com rajadas fortes e chuvas torrenciais — e a qualidade dos materiais utilizados pelos antigos nas edificações. Na Mesopotâmia não há pedras que sirvam para a construção e cada árvore é considerada um tesouro, razão por que toda a Babilónia foi construída em tijolo. Isto significa que só um tratamento contínuo e eficaz do que resta dessas construções pode salvá-las da destruição total.

No entanto, pretende-se não só conservar as ruínas mas restituí-las, tanto quanto possível, a sua forma original. Aqui levanta-se

Continua na pág. 21

*** COMUNA * TEATRO DE PESQUISA ***

sexta e sábado às 21,30h

CASTRO

ANTONIO FERREIRA

INCENAM JOAO MOTA

10 MESES

DE LOTACOES ESGOTADAS

2 salas

2 espectáculos

praça II espanha

TEL 72 08 18

no espaço de **CAFE-TEATRO**

UM ESPECTÁCULO

★ NOVO ★

QUERO

O MEU VITOR

A CORES

UMA FARSA DE CORPO PRESENTE

quintas às 22 h

sexta e sábado às 23,30h

SUB. INC.

SERVIÇO DE BAR

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Claro, claro

UMA Televisão não deve ter programas culturais: deve ser uma televisão cultural. Tudo o que não for isto, é construir na areia.

Há dias, no programa «E a festa continua...» o pintor Nuno Barreto manifestava o seu horror à Televisão. Afirma-o que, em determinado momento, milhões de pessoas estivessem a ver a mesma coisa, a seguir um caminho imposto do exterior, a reagir segundo fórmulas estudadas para provocar certos estímulos.

Infelizmente, o ritmo do programa não permitia o desenvolvimento de uma questão importante como aquela. Questão que não pode ser iludida. Importa dar às pessoas, cada vez mais, a

possibilidade de uma decisão pessoal, não a prender a este ou aquele consumo. Ora isto passa por organizar a vida doutro modo. Com meios de transporte fáceis, cómodos, baratos: com a libertação da angústia económica; sem o medo do dia de amanhã; com o desenvolvimento da vida comunitária e com a oferta variada de opções (o desporto, a música, o teatro, o estudo, etc.), assim sendo, as pessoas ganhariam sua própria expressão, construiriam a sua própria personalidade, criariam a sua própria alma, em vez de a hipotecarem.

Não esperemos que aconteça isto plenamente numa sociedade cujo objectivo é a destruição

do humano e não a sua construção. Sociedade que volta contra o povo as armas que o deviam servir.

Autocarro para Santa Apolónia. Sete horas da manhã. Apinhado. A rapariga consegue lugar sentado. Por sobre os joelhos o cesto onde leva o almoço. De cima da toalha, tira uma revista de fotonovelas, indústria pesada da mentira. No mesmo cesto, a ilusão e o pão. Saber ler, deveria servir à jovem operária como instrumento de cultura: transformam-no em instrumento de desvio e de sujeição. Ou seja: às forças que exploram a mais-valia interessam-lhes que os trabalhadores saibam ler, mas não lhes interessa que utilizem essa arma em seu proveito. Então produzem para eles doses industriais de um produto que os intoxica e os destrói...

O mesmo sucede com a Televisão. As forças que estão no Poder, em Portugal, tudo fazem para que a TV não cumpra a sua missão cultural, tão valiosa num país como o nosso, desertificado por dezenas de anos de prática repressiva da inteligência. O que mais se favorece é a evasão, a facilidade, a digestão rápida. Resultado: quando acontece alguma emissão que foge a esse esquema, o descontrolo é inevitável. Em todos os sectores, a habitude obriga.

Por isso, não tenho grandes ilusões quanto ao êxito da emissão de ontem, com a participação da soprano romena Ileana Cotrubas e com patrocínio de um banco privado estrangeiro. É culpa da Televisão, se todo o mundo conhece uma qualquer cançonetista barata e desconhece Ileana Cotrubas. Pois que admiração, se a própria Televisão nem sequer lhe sabia escrever o nome e ninguém, lá, deu por isso. Afinal de contas, não é verdade, que importa agora se é Cotrubas ou Contrubas. Grave, grave sim, grave até ao escândalo,

seria se, na Televisão, em lugar de Maradona se escrevesse Matafona, Deus, Deus eu nem quero pensar nisso.

Mas descansem. Tal facto nunca sucederá...

A vocação cultural da TV não passa por uma certa forma de ensino escolar. Tem mais a ver com percurso do que com curso. Será sempre mais convívio do que cátedra. Televisão, enquanto erudição, é chateação.

Repare-se no já citado «E a festa continua», de Júlio Isidro. Quando ali acontece cultura é exactamente quando acontece convívio; quando o fio do convívio se quebra, quebra-se tudo o mais.

Alina Vaz e seus camaradas de profissão organizam visitas ao mundo do trabalho, no S. Luís. A Televisão anda sempre atrás das visitas guiadas de domingo; a visita ao S. Luís não a atrai. Prova de que mais vale cair em graça do que ser engraçado.

Mas em «A festa continua» Alina Vaz, com algumas crianças voluntárias, mostra como se sobe do artifício ao natural. Aquele quarto de hora é percorrido por uma grande emoção.

Em «As estátuas e a História» tudo se altera. O que se pretende cultural, transforma-se em pepineta, com laivos de ridículo. Agarrem naquele De Gaulle, façam-lhe o retoque apropriado e têm uma figura de Parque Mayer.

Com a agravante de que se trata, nitidamente, de um frete publicitário, oculto ou contabilizado, não importa. Cultura e frete são inimigos de longa, longa data.

Cotrubas calou-se, o programa tem qualidade para exportação, lá seguirá seu caminho, e quando por esse mundo fora souberem que é uma produção da RTP haverá quem pense: «Puxa, a Televisão portuguesa tem uma excelente programação cultural!»

Claro, claro.

ATENÇÃO

GANHE 30 contos ou mais...

Para as suas Férias/84
e fins-de-semana
visite a exposição de

CAMPISMO E CARAVANISMO
NA LUARCAMPO, LDA.

Dias — 26/11 a 4/12 das 9.30 às 20 h
DOMINGOS E FERIADO DAS 15 às 20 h

LUMIAR: Rua Quinta das Lavadeiras, 10 A-B
1700 LISBOA — Tel. 7589095-7589156
(ao fundo da Estrada do Desvio)

Babilónia

Continuação da pág. 20

outra questão: que material utilizar? «Estamos a trabalhar arduamente na elaboração de projectos de salvação e reconstrução das antigas cidades da Mesopotâmia — diz o director do Departamento Dr. Muaid Said — salientando que pediu ajuda à UNESCO e a outras organizações internacionais e conta com a colaboração de cientistas de vários países, entre os quais a Grã-Bretanha, Itália, França, Bélgica e URSS».

Os arqueólogos estão a dedicar especial atenção à reconstrução do Palácio Sul, do templo de Isangeli e dos portões da deusa Istar. «Infelizmente, a cidade sofreu grandes prejuízos, com as expedições estrangeiras, que aqui fizeram escavações até à altura em que o país se tornou independente. Todos os objectos de valor que foram encontrados, incluindo estátuas gigantes, foram levados quer para a Alemanha, para França e para o Museu Britânico» — sublinhou Said.

Ms. a Babilónia continua uma fonte inesgotável de documentos. Recentemente, durante as escavações ao templo de Nabuchihari, foram descobertas centenas de pequenos quadros de argila, cobertos de escrita cuneiforme. O achado é considerado de valor incalculável para os historiadores. As tabuinhas não são mais do que cadernos escolares, nos quais, os jovens que estudavam para funcionários públicos escreviam as «lições» passadas pelos preceptores.



Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira

Sede:

Rua 18 de Janeiro, n.º 13 — Telef. 52 783
2430 MARINHA GRANDE

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do Art.º 38.º e para exercer as atribuições previstas na al. d) do Art.º 37.º dos Estatutos, convoco uma reunião ordinária da Assembleia Geral deste Sindicato, a realizar em 17, 18 e 19 de Dezembro de 1983, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1 — Apreciação e votação do Orçamento para o Exercício de 1984
- 2 — Informações

A Assembleia funcionará descentralizadamente, por zonas, nos seguintes locais, datas e horários:

ZONA	DATA	HORA	LOCAL
Zona Norte	17/12	10.30	Sede da Secção Regional do Norte Rua Firmeza, 365-2.º — PORTO
Zona Centro	19/12	18.30	Sala de Reuniões do Sindicato Rua Alexandre Herculano, 6-1.º Dt.º MARINHA GRANDE
Zona Sul	18/12	10.00	Sede da Secção Regional do Sul Rua dos Navegantes, 5-1.º LISBOA

Marinha Grande, 22/11/83

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) Sérgio Inácio Salgueiro Moiteiro

Hoje



O convidado desta noite do programa Grande Informação, 1.ª Página, da RTP-1, é Carlos Mota Pinto, vice-primeiro-ministro, ministro da Defesa e dirigente do PSD

- 12.00 Meio-Dia
13.00 Jornal da Tarde
Das 13.35 às 17.15 Ciclo Preparatório TV
18.02 Sumário
18.10 Janela Mágica — «O Esquadrão das Estrelas»
19.00 Teleregios
19.30 Artistas Portugueses — Jorge Barradas. Uma poética para a cerâmica.
20.00 Teledireto
20.30 Direito de Antena — PSD e Sociedade Portuguesa de Contabilidade.
20.50 Telenovela — «Pai Herói»
21.45 «Das Nove às Cinco» — intérpretes: Rita Moreno, Valerie Curtin, Rachel Dennison, Peter Bonerz e Howard Hesseman. Realização: Michael Zinberg.
22.15 Grande Informação — 1.ª Página. Carlos Mota Pinto, vice-primeiro-ministro, ministro da Defesa e dirigente do PSD é o convidado de Primeira Página.
23.15 Últimas Notícias



Exibe-se na RTP-2 o 7.º episódio da série «A Família Bellamy», realizado por Raymond Menmuir



- 19.30 Desenhos Animados
20.00 Teledireto
20.30 Um Toque de Música
21.00 Os Acores e o Património — Palácio dos Capitães Gerais, ilha Terceira.
21.30 «A Família Bellamy» — 7.º episódio, realizado por Raymond Menmuir.
22.30 «Gabriela»
23.00 Último Jornal

Amanhã



12.00 Meio-Dia; 13.00: Jornal da Tarde; das 13.35 às 17.15: Ciclo Preparatório TV; 18.00: Sumário; 18.10: Janela Mágica; 19.00: Teleregios; 19.30: Três Tons; 20.00: Teledireto; 20.30: Direito de Antena — Partido Socialista; 20.45: «Pai Herói»; 21.30: Cinema Lumiar — com o filme «Vencendo o Medo»; 23.15: Últimas Notícias.

19.30: Desenhos Animados. 20.00: Teledireto; 20.30: Adágio; 21.00: Estúdio Aberto; 21.30: Estórias da História — 7.º episódio; 22.30: «Gabriela»; 23.00: Último Jornal.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



Grande Informação
(22.15)



«A Família Bellamy»
(21.30)



André diz a Gilda que se casou com Carina e que, quando ela ficar boa, vai levá-la para junto deles. Gilda fica emocionada, quando ele a chama de mãe. Zélia diz a Carina que mandou o telegrama para André, dizendo que está muito sentida porque ele não respondeu à sua carta. Carina sai do chalé para passear e é fotografada. André manda um telegrama para Carina dizendo-lhe que não poderá ir no Natal, pois a sua mãe foi hospitalizada. No hospital, Romão pede a André que não viaje, porque sua mãe vai ter que ser operada.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



roteiro cultural

Teatro

O «1383» de Virgílio Martinho, pelo Grupo de Campolide, numa encenação de Joaquim Benite, vai hoje, às 21.30, ser apresentado nas Caldas da Rainha, na Sociedade de Instrução e Recreio, «Os Pimpões» (iniciativa da Casa da Cultura local, com o apoio do município caldense).

Em Évora, no Garcia de Resende, no âmbito do Festival de Teatro que ali tem estado a decorrer, o TEUC apresenta hoje, às 21.30 «O Despertar da Primavera», de Frank Wedekind, numa encenação de Ricardo Pais. O Festival termina amanhã com a apresentação no mesmo local e à mesma hora da «Longa Jornada para a Noite», de Eugene O'Neill, pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II.

Cinema

A primeira fase do ciclo dedicado a John Ford, está a chegar ao fim. Hoje, às 18 horas, será exibido «Young Mr. Lincoln», e às 21.30, «Four Men and a Prayer» e «Drums along the Mohawk». Amanhã, às 21.30, «The Iron Horse» e «Cavalgada Heroica», prova-

velmente o mais famoso dos filmes de Ford (sessões na Cinemateca).

Música

Peter Seeger, uma lenda viva, vem passar uma noite connosco na próxima sexta-feira, às 21.30, no Pavilhão dos Desportos. Não perca a ocasião de ouvi-lo: não abundam hoje no mundo os músicos populares famosos que não cedem às pressões e alienamentos dos gostos da «pesada» nem da indústria discográfica.

Exposições

Uma exposição de gravura de Manuel Cargaleiro inaugura-se amanhã, às 14 horas, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Quinta da Torre, Monte da Caparica, com a presença do artista. «Obra Gravada 1978/1983» é o título da exposição de 40 gravuras que se insere nas Actividades Culturais patrocinadas pela Comissão de Animação Cultural da FCT-UNL e que igualmente decorre na semana da Faculdade de Comemoração do 10.º Aniversário da Universidade Nova de



Adelaide Cad'oro expõe pintura na Galeria Arcano XXI e no Espace Alliance

Lisboa. A exposição estará patente ao público até ao dia 5 de Dezembro das 10 às 17 horas.

Uma exposição de pintura de Adelaide Cad'oro está patente ao público na Galeria Ar-

cano XXI, ao Príncipe Real. A mostra encerra em 30 de Dezembro e poderá ser visitada de 2.ª feira a sábado, das 15 às 20 horas. A artista, filha de portugueses, nasceu em Paris, em 1944. Fez várias ex-

posições individuais e colectivas, nomeadamente em Portugal, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Julho de 1978. Entretanto, até 20 de Dezembro, estará patente na Galeria Espace Alliance (Rua Braancamp, 13-1.º) uma ex-

posição de guaches de Adelaide Cad'oro.

Uma exposição de tapetes de Arraiolos que inclui cerca de duas dezenas de exemplares representativos das três grandes fases da evolução deste tapete, está patente ao público na Galeria de Arte do Casino Estoril. Durante esta exposição será feito o lançamento de um tapete com cartão de Francisco Relógio, que terá a tiragem estritamente limitada de 10 exemplares. A mostra encerra em 8 de Dezembro próximo, e pode ser visitada todos os dias, das 15 às 24 horas.

Passeios

Quatro dias em Évora e arredores será a proposta do Centro Nacional de Cultura, para aproveitar a ponte do 1.º de Dezembro. Partida do Marquês de Pombal, no dia 1, pelas 8 horas, e regresso no dia 4.

O programa inclui percursos a pé pela cidade, visita a monumentos e instituições e deslocações a diversas localidades, como Viana do Alentejo, Monsaraz, Redondo, Arraiolos, etc.

Serão guias Jorge Gaspar e Túlio Espanca.

CONCURSO
OURO OU MINA

CONCORRENTES

MORADA

TELEFONE

LICENÇA DE TV

COLAR EM BILHETE POSTAL E ENVIAR PARA:
R.T.P. MONTE DA VIRGEM - V.N. GAIA

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; 17.00: ZGHIBZ; 18.30: Informativo de trânsito; 19.00: Informação e música; 20.00: Folhetim - o espaço é seu; 21.00: A voz da solidariedade; 21.30: Viva a noite; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.30: Música portuguesa; 16.35: Música sinfónica; 17.30: Intérpretes portugueses; 18.05: Cultivando; 19.30: Música em diálogo; 20.10: Alfa e omega; 21.00: Ciclos da História; 21.55: Festival da Costa do Estoril, 1983; 22.30: O gosto pela música; 23.00: Ciclo Wagner; 00.30: Música de piano; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Rádio em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Cinco estrelas; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Programa da LAR; 19.50: Bola branca (2.ª edição); 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Ouvir e pensar; 22.30: Máquinas ao vivo; 23.00: Última hora; 23.55: Meditando. Notícias intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

13.00: Onda; 13.30: Encontro para dois; 14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama.

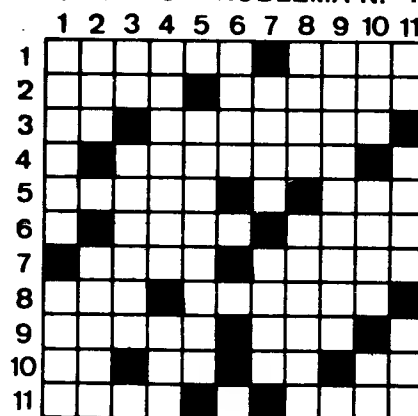
Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 897

HORIZONTAIS:

- 1 Que número. Em mais alto grau.
- 2 Freguesia do conelho de Barcelos. Tornai amigo.
- 3 Duas vogais desiguais. voltaram.
- 4 Aldeias.
- 5 Espécie de papagaio. Bigorna de aço sem hastes.
- 6 Cidade da Grécia. Antiga língua de Java.
- 7 Estimai. Saudável.
- 8 Espaço de doze meses. Ruelas.
- 9 Atitude. Oíerces.
- 10 Interjeição de dor. Pertences. Pronome pessoal. Érbio (s. q.).
- 11 Agarrar. Semelhante.



VERTICAIS:

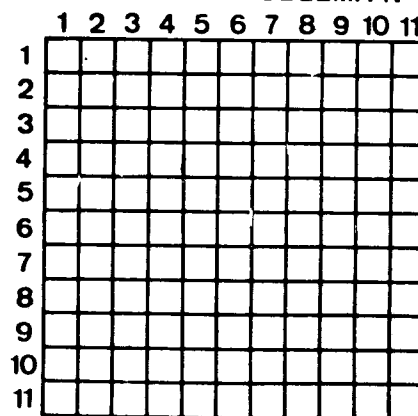
- 1 Distrito de Nova Iorque. Suor.
- 2 Espécie de formiga (bras.). Elos.
- 3 Interjeição que exprime admiração. Fechamos as asas para descer mais depressa.
- 4 Província da Espanha setentrional. Possuir.
- 5 Dedutivos.
- 6 Ilha do Pequeno Belt.
- 7 Além disso. Secura.
- 8 Rio de Portugal. Ocultara.
- 9 Zangadas.
- 10 Seguiam. Vila e conelho do distrito de Portalegre. Nota musical.
- 11 Nota musical. Uma das partes do Mundo. Um cento.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9749

HORIZONTAIS:

- 1 Erro.
- 2 Bolo da farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Desabaram.
- 3 Cavaleiro da milícia turca. Rezar.
- 4 Fulgir. Arsénio (s. q.).
- 5 Cidade do Japão. Picante.
- 6 Clima. Doutor. Autores. Utensílio doméstico.
- 7 Rio dos Estados Unidos. Brisa. Ente.
- 8 Prendes. Neste momento.
- 9 Vedados. Pedras de moinho.
- 10 Nome de mulher. Seguiu. Bário (s. q.).
- 11 Disfarce. Grande quantidade.



VERTICAIS:

- 1 Esquadrão. Recusa. Possui.
- 2 Estacionara. Antiga capital da Birmânia.
- 3 Fulgir. Soluções.
- 4 Mio.
- 5 Preposição e artigo (inv.). Transfere para outro outro.
- 6 Era Cristã. Batráquio. Levar à toa.
- 7 Recusa. Rostos.
- 8 Retirara.
- 9 Cólera. Oceano.
- 10 Involgar. Vergonha.
- 11 Amónio (s. q.). Ecoaras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 896

HORIZONTAIS:

- 1 CAVALGA. Pag.
- 2 Adem. Uma.
- 3 Sola. Acasos.
- 4 Prós. Ocre.
- 5 Ia. Suel.
- 6 Orça. Macaca.
- 7 Ardia.
- 8 Io. Leitor.
- 9 Alasca. Riso.
- 10 Ror. Ati.
- 11 AAA. Morosas.

VERTICAIS:

- 1 Cáspio. PARA.
- 2 Adorara. Loá.
- 3 Velo. Criara.
- 4 Amassados.
- 5 Cem.
- 6 Guatemala.
- 7 Aro. Ia. Cr.
- 8 NAO. CAIR.
- 9 Páscoa. Tias.
- 10 Or. Crosta.
- 11 Gisela. Rois.

Provérbio: CAVALGA PARA NÃO CAIR.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9748

HORIZONTAIS:

- 1 Brava. Apará.
- 2 Alra. Quem.
- 3 Raiz. Lena.
- 4 Rs. Avelá. Or.
- 5 Cré. Amava.
- 6 Seara. Bi.
- 7 Mel. Sal. Dá.
- 8 Irada. Isar.
- 9 Antes. Dr.
- 10 Trama. Comeu.
- 11 Aula. Nós. Sa.

VERTICAIS:

- 1 Barra. Minta.
- 2 Rias. Ser. Ru.
- 3 Ari. Cela. Al.
- 4 Vazara. Dama.
- 5 Ver. Ana.
- 6 Que. As.
- 7 Au. La. Eco.
- 8 Pelam. Lisos.
- 9 Ame. Ab.
- 10 Novidades.
- 11 Amara. Arrua.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO CENTENÁRIO
UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	97\$50	103\$50
ALEMANHA FED (marco)	47\$15	48\$25
ÁUSTRIA (schilling)	6\$60	6\$80
BÉLGICA (franco)	2\$157	2\$357
BRASIL (cruzado)	\$0\$50	\$1\$20
CANADA (dólar - notas de 1 a 2)	103\$00	105\$00
(notas de 5 a 1000)	103\$50	105\$50
DINAMARCA (coroa)	13\$05	13\$45
ESPAÑA (peseta)	\$7\$84	\$9\$04
EUA (dólar - notas de 1 a 2)	127\$90	129\$90
(notas de 5 a 1000)	128\$40	130\$40
FINLÂNDIA (marca)	22\$05	22\$65
FRANÇA (franco)	15\$50	16\$20
HOLANDA (florim)	42\$10	43\$10
INGLATERRA (libra)	187\$15	191\$15
IRLÂNDIA (libra)	147\$25	151\$25
ITÁLIA (lire)	\$07\$1	\$08\$1
JAPÃO (yene)	\$5\$17	\$5\$52
NORUEG. (coroa)	16\$00	16\$60
SUÉCIA (co. se)	15\$95	16\$55
SUÍÇA (franco)	58\$65	59\$75
VENEZUELA (bolívar)	7\$85	8\$85

Observações:

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

Cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 887480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
MEGAFORCE

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
JULIA E OS HOMENS

BERNA 778098

Av. Marquês de Tomar

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
- M. 6 a.
FLASHDANCE
3.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795083

Campo Grande

Às 15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
TESS

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
OS GRANDES AVENTUREIROS
2.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30.
- Int. men. 13 a.
ESPOSAMANTE
Às 24
AS BALAS NUNCA SE PERDEM

CINE BLOCO 558824

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
- M. 12 a.
ADOLESCENTES
Às 24.00
ASSALTO IMEDIATO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A VIOLAÇÃO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
O REGRESSO DE JEDI
6.ª Semana

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O CONQUISTADOR

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
MEGAFORCE

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM
ESTAR LOUCOS
71.ª Semana

ESTÚDIO 444 778095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A AJUDICA

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alameda

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
Para todos
O REGRESSO DE JEDI

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 24
M. 12 anos
O SEGREDO DO AMOR

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
OPERAÇÃO THOR
3.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
LA TRAVIATA
de Verdi

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 12 a.
ALVO AGUIA
Às 24
A FACE DO VINGADOR
c/ Bruce Lee

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O ANO DE TODOS OS PERIGOS
Às 24
PARA ALÉM DA AVENTURA
DO POSEIDON

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
- M. 12 a.
OCTOPUSSY

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
- Não acons. men. 18 anos -
OFICIAL E CAVALHEIRO
Com Richard Gere e Desha Winger
Um filme de Taylor Hackford

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
O BAILADO DAS NUVENS

POLITEAMA 326716

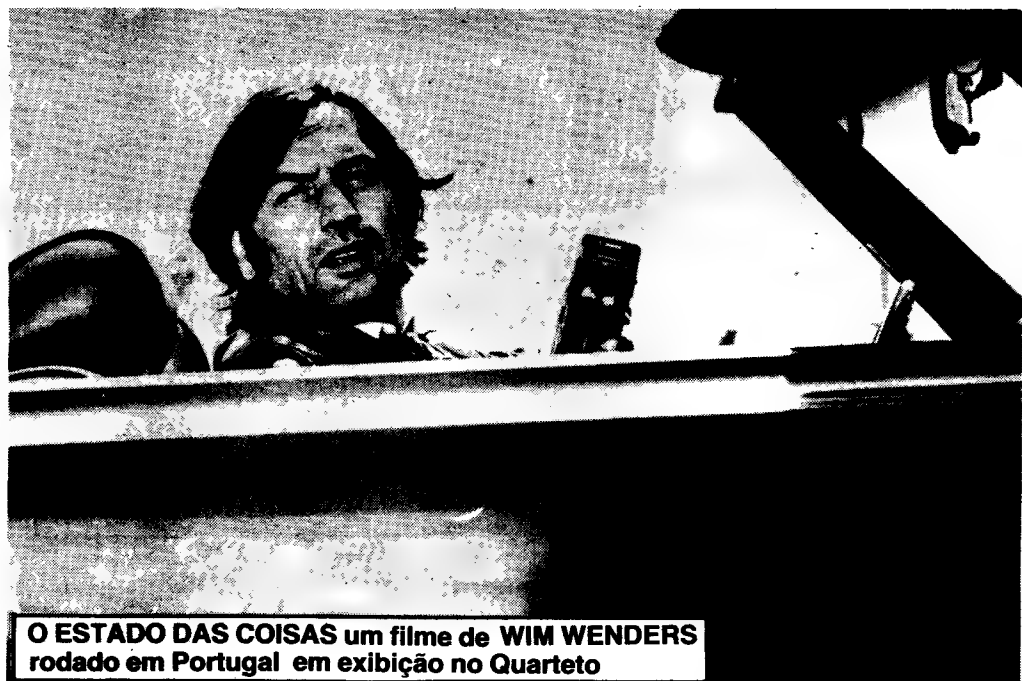
R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OPERAÇÃO THOR
3.ª Semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
CHEGA-LHE, AMGO



O ESTADO DAS COISAS um filme de WIM WENDERS rodado em Portugal em exibição no Quarteto

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 12 a.
O ESTADO DAS COISAS
Às 23.30 - M. 18 a.
BALBÚRDIA NO LESTE

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 18 a.
QUERELLE
Às 23.30 - M. 18 a.
A GRANDE FARRA

SALA 3

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 12 a.
O ANO DE TODOS OS PERIGOS
Às 23.30 - M. 18 a.
A LEI DO ÓDIO

SALA 4

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 12 a.
O QUE FAZ CORRER DAVID
Às 23.30 - M. 18 a.
A TRAGÉDIA DE UM HOMEM
RÍDICO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
EXPLOSAO DA PUBERDADE

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
ALVO AGUIA

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO
TENTÁCULO
5.ª Semana

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
- N. ac. men. 13 a.
THE IDOLMAKER - O FABRICANTE
DE ÍDOLOS
2.ª Semana

SALA 3

Às 14.30, 18.15 e 21.15 h
- Maiores 12 anos -
SOPHIE'S CHOICE
14.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

ENCERRADO

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17.00, 19.10, 21.30, 24.00
- M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO
TENTÁCULO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
A VIDA É UM ROMANCE

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23
- N. ac. men. 13 a.
CINCO DIAS UM VERÃO

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
- Não acons. men. 18 anos -
OFICIAL E CAVALHEIRO
Um filme de Taylor Hackford
10.ª Semana

VOX 880608

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
OS GRANDES AVENTUREIROS
2.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O GOLPE DOS ENRASCADOS

Outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - "Flashdance", às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 - "McQuade, o Lobo Solitário", às 21.15 (12 anos)
ALFA-3 - "Oficial e Cavaleiro", às 21.45 (18 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS - "O Amigo Meu", às 21.15 (12 anos)
CAPITÓLIO - "Escola Técnica Sexual", às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CITY-CINE - "Um Difícil Adeus", às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL - "Flashdance", às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA - "Matúleos, Alugam-se", sessões permanentes (18 anos)
APOLO 78 - "O Jogador de Xadrez", às 21.30 (13 anos)
RESTELO - "O Profissional", às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - "Basta de Guerra... Façam Amor", às 21.30 (13 anos)
CINEMATHECA PORTUGUESA - "Ouvem-se Tamborões ao Longe", às 21.30 (13 anos)
ROYAL - "Os Guerreiros de Chinatown", às 21.30 (12 anos)

Outra banda

ALMADA - "Incrível - Rumor de Guerra", às 21.15 (13 anos)
ALMADA - "Acidente - Os Aventureiros do Fim do Mundo", às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA - "Paralisação Jardim - O Passageiro", às 21.15 (13 anos)
ALMADA - "Cine-Estúdio - A Classe de 1984", às 21.30 (18 anos)
COSTA DE CAPARICA - "Sílvia - A Grande Paródia", às 21.30 (6 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - "Lido - Bullitt", às 21.30 (13 anos)
AMADORA - "Cineestúdio - Quatro Amigos", às 21.30 (13 anos)
CINEMA - "Cine-Estúdio Flores - As Algas do Fúlgido", às 21.30 (13 anos)
SINTRA - "Carlos Manuel - Shogun, o Senhor da Guerra", às 21.30 (13 anos)

ERICERA - "Cineestúdio - O Presente", às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - "A Cidade Branca", às 21.15 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - "O Leopardo", às 21.15 (18 anos)
OERAS - Oeiras-Cine - "O Assalto à Escola de Kung Fu", às 21.15 (18 anos)
PAREDE - Royal-Cine - "E a Bomba na Marinha", às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Impala - "O Senhor do Ferro", às 21.30 (12 anos)
ESTORIL - Casino - "O Rei da Montanha", às 21.15 (13 anos)
CASCAIS - Oxford - "A Lagoa Azul", às 21.30 (13 anos)

Porto

TRINDADE - "Lições Privadas", às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA - "A Fuga do Caçador Soviético", às 21.30 (16 anos)
BEBE - "Contos da Loucura Normal", às 21.30 (18 anos)
CHARLOT - "Beja-me e Adeus", às 21.30 (12 anos)
JULIO DINIS - "O Campo Interior das Mulheres Perdidas", às 21.30 (18 anos)
RIVOLI - "Os Fantasmas do Estrangulador", às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL - "A Escolha de Sofia", às 21.15 (12 anos)
SÁ DA BANDA - "A Criadilha Francesa", às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO - "Oficial e Cavaleiro", às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO - "Lições Privadas", às 21.30 (18 anos)
COLUMBI - "Megaforce", às 21.30 (6 anos)
LUMIERE-A - "Caddie", às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-L - "Smic, Smac, Smoc", às 21.45 (12 anos)
PEDRO CEM - "O Mensageiro", às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO - "O Passageiro da Chuva", às 21.30 (13 anos)
RAIONE - "A Calúnia", às 21.30 (13 anos)
BATALHA - "Montanha Assassina", às 21.45 (12 anos)
FOCO - "Flashdance", às 21.30 (6 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALFAMA - ESCOLAS GERAIS: Anunciada, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); ALTO DE SÃO JOÃO: Nova Luz, R. D. Domingos Jardim, 28-A (T. 843439); ALVALADE: Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (T. 892582); ANJOS - CHILE: Antolin, Av. Almirante Reis, 88-B-C (T. 821773); AVENIDA DA REPÚBLICA: Cardote, Av. Visconde de Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); BAIXA - COLISEU: Frazão, R. Portas de Santo Antão, 70-72 (T. 328180); BELÉM - ALTISSIMO: Gomes Suc., R. da Junqueira, 326-328 (T. 638193); BENEFICÊNCIA - SETE RIOS: Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 761035); CEMITÉRIO DOS INGLESES: Urbano de Freitas, R. Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); LUMAR: São Tomé, E. do Desvio, lote 12-A (T. 790704); PICHE-

teatros

Lisboa

MARIA VITÓRIA - "Quem Me Acaba o Resto?", às 20.30 e 22.45 (16 anos)
CASA DA COMÉDIA - "Marlowe", às 22.00 (13 anos)
MARIA MATOS - "Ariete", às 21.00 (6 anos)
ABC - "Todos Tesos", às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES - "Um Fantasma Chamado Isabel", às 21.30 (13 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE - "Um Cálice de Porto", às 21.45 (13 anos)
MODESTOS - "Sem Dinheiro, Ivan Turgueniev", às 21.45 (13 anos)
TEP - "Quase um Conto de Fadas", às 21.30 (13 anos)
REALEJO - "No Alto Mar", às 21.30 (13 anos)

LEIRA: Martiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); ALTO DE ALGÉS: H. Amaral, R. X, lote 146-A (T. 2104556); ODVELAS - PATAMEIRAS: Amaral, R. Antero de Quental, 8/8-A (T. 925455); PONTINHA: Pimentel, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO

ALCANTARA: Vieira Rosa, R. Prior do Crato, 72 (T. 660187); AREIRO: Vera Cruz, P. Afonso Peixoto, 28 (T. 884941); BENFICA - ESTACÃO - URUGUAI: Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-B (T. 704828); CAMÕES: Santos, P. Luis de Camões, 22-24 (T. 322798); CAMPO GRANDE: Nova Ligeira, Av. Estados Unidos da América, 140-B (T. 769658); CAMPOLIDE: Oliveira, R. de Campolide, 54-A (T. 684424); ENCARNACÃO: Ascenso, P. do Norte, 11-A (T. 311216); GOMES FREIRE: Salazar, R. Conde Redondo, 98 (T. 683694); GRACA: Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); SÃO SEBASTIÃO: Novais, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); OLIVAL BASTO: Nova, R. Açores, 11-A (T. 910305); PRIOR VELHO: Matos, T. Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 276466). Permanente; Cristo Rei, Av. Cristo Rei, 31-A (T. 2766398). Até às 22 horas; COVA DA PIEDADE: Tovar Chaves, R. Dr. António Elvas, 104-D, Feijó (T. 2296119). Até às 22 horas; COSTA DE CAPARICA: Chel, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; SESMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); BARREIRO: Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (T.

2073035); AMORA: J. Campos, Cruz de Pau, R. Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; SEIXAL: Alves Velho, L. Camões, 27, Torre da Marinha (T. 221132). Até às 22 horas; MONTIJO: Montepio, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035); MOITA: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029); ALHOS VEDROS: Portugal, Av. da Bela Rosa, 28 (T. 204250); ALCOCHETE: Gameiro, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100); SETUBAL: Brasil, P. do Brasil, 14. Permanente; Costa, R. da Misericórdia, 38. Até às 22 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Dias & Brito, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 934589). Permanente; Carmelo, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 933303). Até às 22 horas; DAMAIA: D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; QUELUZ: Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117). Até às 22 horas; CAMARATE: Nova da Charneca, R. Cid. de Lisboa, 9-A (T. 970461). Até às 19 horas; CACÉM: Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; MEM MARTINS: Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; MERCES: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 92521575). Até às 22 horas; RIO DE MOURA: Riquelme, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; SINTRA: Marrazes, Estefânia (T. 9230058). Permanente; COLARES: Abreja (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Até às 22 horas; SACAVÉM: Soares, R. José L. Moraes, 15-A (T. 2518025). Permanente; LOURES: Saralva, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; AL-

farmácias

CABIDECHES: Carvalho, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERRA: Luz, Até às 22 horas; NOVA OERAS: Leal, Quinta das Palmeiras, lote 24, r/c (T. 2478737). Permanente; CARCAVELOS: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente; SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; PAREDE: Grincho, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; SASSOEIROS: Amaral Sembalino, Quinta dos Encostas. Até às 22 horas; MADORNA: Madeira. Até às 22 horas; AMOREIRA: Abreantes, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; ESTORIL: Marques dos Santos, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; CASCAIS: Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Porto

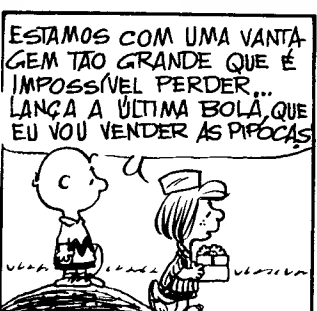
DAS 9 À



DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASÇENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1 - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARES DE HOJE				
PREIA-MAR BAIXA-MAR				
10.43	3,8 m	4.12	1,7 m	
23.27	3,7 m	16.56	1,4 m	
Dia 30				
11.47	3,9 m	5.17	1,5 m	
		17.53	1,2 m	
TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS				
VIANA DO CASTELO	6°			
BRAGANÇA	3°			
VILA REAL	6°			
PORTO	8°			
COIMBRA	9°			
CABO CARVOEIRO	14°			
PORTALEGRE	15°			
LISBOA	11°			
ÉVORA	11°			
BEJA	11°			
FARO	12°			
SAGRES	—			
PONTA DELGADA	17°			
FUNCHAL	18°			

tempo

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu temporariamente muito nublado nas regiões do Norte e Centro, pouco nublado no Sul. Nebulinas de nevoeiros matinais.

últimas

FRAUDE DE 800 MIL CONTOS esteve prestes a consumir-se em Novembro do ano findo numa instituição bancária de Lisboa que a Judiciária se recusa a referenciar. No entanto, os indivíduos envolvidos na ilícita operação, quatro dos quais um era funcionário da instituição lesada, conseguiram ainda assim levantar cerca de 6 mil contos. Através da emissão de ordens de transferência, com imitação das assinaturas procediam ao seu envio para contas bancárias abertas com identidade e documentos falsos sob pretexto de financiamento a habitação. Caso se realizasse todo o esquema planeado conseguiriam apoderar-se de 800 mil contos. Com idades compreendidas entre os 30 e 50 anos, encontram-se detidos e o processo vai agora ser remetido a Tribunal.

A POLÍCIA DINAMARQUESA prendeu dez brasileiros, entre os quais uma criança de dez anos, no aeroporto de Kastrup, quando tentavam fazer entrar no país 40 quilos de cocaína e 20 gramas de marijuana dissimulados em cinco malas. O valor dos estupefacientes apreendidos é, avaliado em cerca de 100 milhões de coroas dinamarquesas (cerca de 1300 mil contos). Os dez brasileiros, quatro homens, cinco mulheres e uma criança eram provenientes do Rio de Janeiro, precisou a Polícia.

BARES DE UNIVERSIDADES ASSALTADOS visando dinheiro e gêneros alimentícios. Esta noite entraram por arrombamento no bar da Universidade Católica onde furtaram 79 contos entre dinheiro e artigos. Por arrombamento da porta entraram também no bar da Faculdade de Letras de onde levaram 2 contos em dinheiro e 3 caixas de pastilhas elásticas no valor de 1200\$00.

Continuação da pág. 1

nar o nome proposto pelo Governo, ou escolher outro de entre a lista original de três nomes ou, finalmente, solicitar ao ministro da Defesa nova lista, fazendo reiniciar o processo.

O CSE, presidido pelo chefe do Estado-Maior do Exército interino, Salazar Braga, integra mais sete generais do Exército, Ramires de Oliveira (inspector-geral), Firmino Miguel (ajudante geral), Pereira Pinto (Quartel-Mestre Geral), Artur Beirão

Vai ser lançada uma "campanha contra a banca nacionalizada"

— preveniu João Salgueiro

É inevitável que vá ser lançada nos próximos meses uma campanha contra a banca nacionalizada, porque será necessário descreditar-lá, de modo a forjar um espaço para a banca privada. Quem o disse foi o ex-ministro das Finanças da AD, João Salgueiro, que ontem falou aos jornalistas no acto de apresentação das obrigações de caixa do Banco de Fomento, a cuja direcção preside (ver notícia na página 11). De acordo com o deputado social-democrata, a banca nacionalizada já está neste momento a ser alvo de uma concorrência muito importante por parte da banca estrangeira.

Subscrevendo uma denúncia frequente das Comissões de Trabalhadores da Banca (a que nunca deu ouvidos enquanto ministro), João Salgueiro disse que essa concorrência provém, designadamente (ao nível dos depósitos), de bancos de antigos banqueiros portugueses estabelecidos no estrangeiro. Trata-se neste aspecto de uma forma de fuga de capitais, mas a acção daqueles bancos desenvolve-se

também em dois outros domínios: o do fornecimento de créditos no estrangeiro a empresas nacionais de baixo risco e o da captação de uma importante parcela das remessas dos emigrantes. Os recursos obtidos por esta última via poderão agora ser utilizados, sustentou, na criação de bancos privados.

Em sua opinião a abertura da banca ao sector privado deverá ser acompanhada de uma profunda reestruturação da banca nacionalizada e de alterações ao papel do Banco de Portugal. Não é normal haver concorrência bancária e haver uma intervenção do banco central do tipo daquela que o Banco de Portugal pratica, disse.

A propósito da polémica questão do montante de capital a exigir para a criação de bancos privados, Salgueiro limitou-se a dizer que há seis meses tinha apontado para o milhão e meio de contos. O número para o qual o actual Governo parece estar a inclinar-se, recorde-se, é o de 3 milhões de contos.

Restrições a mais

Quanto à política económica

do Governo PS/PSD, o ex-ministro considerou que ela é demasiado restritiva, mas que talvez tenha justificação em termos políticos e de estratégia. Segundo disse, esta política de exagerar a crise tem vantagens nomeadamente porque dificulta a contestação, mas tem inconvenientes pelos seus efeitos nos agentes económicos, que se podem assim sentir incentivados a praticar a fuga de capitais. Em sua opinião, a melhoria que já se está a sentir na balança de transacções correntes decorre de medidas tomadas desde o tempo de Morais Leitão e não da política do actual Governo.

O problema, disse João Salgueiro, é o de se estar a pagar o custo da dramatização da crise sem se aproveitar essa situação para efectuar as alterações estruturais que se impõem. Noutro passo do diálogo que travou com os jornalistas afirmou que vamos ficar em crise durante duas ou três dezenas de anos e que a propósito de eventuais desvalorizações do escudo, talvez se tenha já desvalorizado «de mais e não de menos».

Rendas podem aumentar até trezentos por cento

Continuação da pág. 1

no citado projecto, uma renda anterior a 1960 subirá 215 por cento em 1984, 34 por cento nos anos seguintes até 1988, 29 por cento em 89 passando a partir daí a suportar o aumento geral de 17 por cento.

Um arrendamento anterior a 1966, segundo o projecto, teria em 1984 um aumento de 95 por cento e nos anos seguintes um

ritmo de aumentos semelhantes ao anterior.

Estabelece-se também um princípio de «adiamento por cinco anos do começo da actualização das rendas e por isso as rendas fixadas em 1979 só serão actualizadas em 1985 e assim sucessivamente».

Segundo o mesmo projecto, «a análise do impacto desta proposta não foi feita e está dependente de uma aceitação prévia da sua concepção global».

Está ainda em estudo a possibilidade de criar um subsídio de rendas a atribuir no caso de agregados familiares com mais dificuldades em suportar os aumentos.

Prevê, também, o projecto uma moralização do regime de subarrendamentos e dos contratos de hospedagem.

Este aumento de rendas não interfere nos contratos de arrendamento que já prevêem actualizações anuais.

Sucessão do CEME

(governador militar de Lisboa), Sanches da Gama (comandante da Academia Militar), Belchior Vieira (director do Instituto de Altos Estudos Militares) e Aurélio Trindade (director da arma de Infantaria).

O Conselho integra ainda os brigadeiros Loureiro dos Santos (director do Departamento de Operações), Lucena (Departamento de Instrução), Júlio Silva (Departamento de Finanças).

Pelo que o «DL» conseguiu apurar, os elementos que com-

põem o CSE tiveram em conta o melindre da situação e numa tentativa de preservarem a unidade e a solidariedade entre si chegaram a acordo quanto a este modo de votação, que não corresponde ao habitual neste tipo de situações. Por outras palavras, como alguém dizia esta manhã ao «DL», foi «passada a bola» aos chefes de Estado-Maior...

Registe-se, finalmente, que os nomes que têm sido mais frequentemente citados como eventuais sucessores de Garcia dos San-

tos (no caso de vencer a linha que defende que a antiguidade é um posto...) são os de Salazar Braga (interinamente na chefia do EME), Ramires de Oliveira, Pires Tavares, Firmino Miguel, Belchior Vieira, Artur Beirão, Aurélio Trindade e Tomé Pinto. Esta tarde, entretanto, e como já noticiámos, o general Garcia dos Santos recebe, das mãos do Presidente da República, a Ordem de Cristo pelos seus serviços prestados ao Exército Português.

ao telefone com

RUI GODINHO



Demolição do Saldanha é errada, leviana e irresponsável

Ontem, na reunião pública da Câmara Municipal de Lisboa, o eng. Krus Abecassis anunciou ter autorizado a demolição do edifício do Monumental, a maioria dos vereadores (APU e PS) ficou estupefacta: Abecassis justificava o seu despacho com a existência de uma decisão judicial que permite a demolição, «esquecendo» que no Supremo Tribunal Administrativo está pendente um recurso sobre a questão, posto pela própria... Câmara Municipal!

Ao telefone com o vereador Rui Godinho, da APU, abordamos esta questão e soubemos mais pormenores.

«O espantoso» — começou Rui Godinho — «é que o presidente autorizou a demolição sem que dentro da Câmara estejam reunidas todas as condições para o poder fazer»

«Condições? Quais?»

«Olhe, não existe nenhum projecto aprovado para o local. Ora, continua em vigor um despacho do eng. Santos e Castro, de 1971, que regulamenta os processos de demolição na cidade de Lisboa e que é muito claro a esse respeito: nenhuma demolição pode ser autorizada sem que esteja aprovado um projecto para esse local.

Mas parece que há um projecto...

Desculpe mas não é verdade. O que existe é simplesmente um anteprojecto baseado num estudo de volumetria que ultrapassa em duas vezes e meia o que o Regulamento do Plano Director estipula para aquela área.

Não se importa de traduzir isso em números? Seria mais claro. Certo. O Regulamento do Plano Director estipula uma volumetria de 8 metros cúbicos por metro quadrado e o anteprojecto é de 20 metros cúbicos por metro quadrado. Está a ver a enormidade...

Não é difícil. Olhe, o eng. Abecassis, pelo que li esta manhã, justifica o seu despacho com uma decisão judicial...

«Não é verdade. Olhe, o eng. Abecassis, pelo que li esta manhã, justifica o seu despacho com uma decisão judicial...

«Isso é só e só para inglês ver. Na verdade ele despatchou argumentando que o juiz da auditoria administrativa deu provimento ao recurso apresentado pela Sociedade do Teatro e Cinema Monumental contra o embargo de demolição que a Câmara Municipal de Lisboa já tinha decidido em Junho passado, com os valores dos vereadores do PS e da APU. Diz ele que isso é que é a lei e isso é que conta. Esquece a que a Câmara, no prazo legal, interpôs recurso dessa decisão e o Supremo ainda não decidiu. Mais ainda: na Câmara está a trabalhar uma comissão de vereadores presidida pelo dr. Gomes de Pinho (CDS) que tem por missão apresentar uma proposta de regulamentação urbanística para a área do Saldanha».

Esses enriquecimentos são, no mínimo, estranhos ou suspeitos. Ou não? «As pessoas que julguem. Dir-lhe-ei apenas que nessa Comissão quer o PS, quer a APU, têm vindo a defender que esse regulamentação do Saldanha se aproxima muito daquilo que o Plano Director da cidade estipula quanto a volumetria — tendo em conta razões urbanísticas, de tráfego, de estética e económico-financeira. A imagem da cidade naquela zona ficaria completamente destruída com a construção de uma torre de 17 andares, que é o que o eng. Abecassis e a Sociedade proprietária do Monumental querem».

E o futuro como vai ser?

«O futuro? Bom, se o Supremo vier a decidir favoravelmente ao recurso da Câmara, das duas uma: ou a demolição fica a meio ou, se ela chegar ao fim, ali ficará um enorme buraco... Esta decisão de Krus Abecassis é errada, leviana e irresponsável».

Ribeiro Cardoso

Morto "saiu" da morgue mas deixou "recado"

PORTO, 29 — Foi com grande surpresa que o responsável pela casa mortuária do Hospital de Gaia encarou o facto insólito de no lugar onde deixara um cadáver encontrar um grande papel com um «recado»: «Sr. Magano, fui à terra e volto logo. Obrigado. José Manuel Magalhães».

Surpreso e ao mesmo tempo confuso, o empregado tardou a perceber o que se havia passado. Mas, quando chegou a

uma conclusão, não deixou de lamentar o desaparecimento do cadáver em tais circunstâncias e o humor negro do «recado».

O mistério foi, entretanto, esclarecido pelo dr. Mário Santos, delegado do Ministério Público no Tribunal de Gaia, que, ao tomar conhecimento da insólita ocorrência, logo se pôs em campo, a fim de apurar responsabilidades e de «chamar a capitulo» os infractores.

Escolaridade obrigatória é condição para o exercício do comércio

Possuir as habilitações mínimas correspondentes à escolaridade obrigatória passa a ser a única condicionante geral ao exercício da actividade comercial, segundo o decreto-lei 419/83 hoje mesmo publicado no «Diário da República».

Além disso, os candidatos a comerciantes não podem ter sido condenados nos últimos

cinco anos com pena e prisão efectiva por crime fraudulento contra a propriedade, salvo havendo reabilitação.

Este diploma, publicado pelo Governo na linha de um outro, também, recente, que pôs fim ao condicionamento industrial, revoga a legislação de 1978 sobre esta matéria, com base em que ela já não se aiaustava «aos prin-

cípios de austeridade de meios, agilidade de actuação e eficácia de resultados».

No preâmbulo do diploma hoje publicado afirma-se que o decreto-Lei 247/78 nunca foi implementado «o que acarretou graves consequências para muitas empresas» e apresenta desfasamentos com as reformas por que passou o comércio ao

longo dos últimos anos.

O novo diploma estabelece e define as actividades de exportador, importador, grossista, retalhista, vendedor ambulante e agentes de comércio. O exercício de qualquer destas actividades carece de inscrição prévia, no registo de acesso à actividade comercial na Direcção do Comércio Interno.

INFORMÁTICA

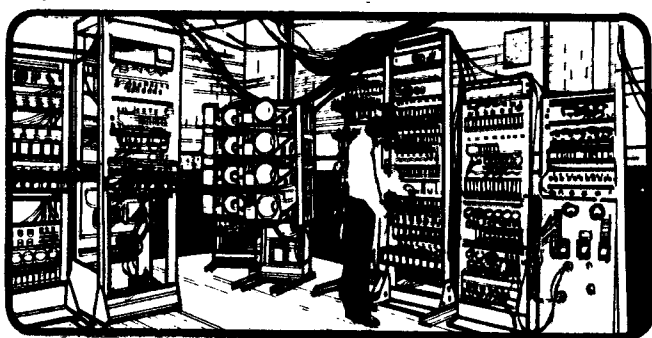
APETECE-ME
INVENTAR
O MAGNETOSCÓPIO!



*O Terrível hábito
de estar certo de ter razão*

Entrevista com Clive Sinclair, o 'rei' dos 'micros'

Pág.8



Para quem ainda não sabe

A evolução vertiginosa dos computadores

Pág.4

O que é um microcomputador

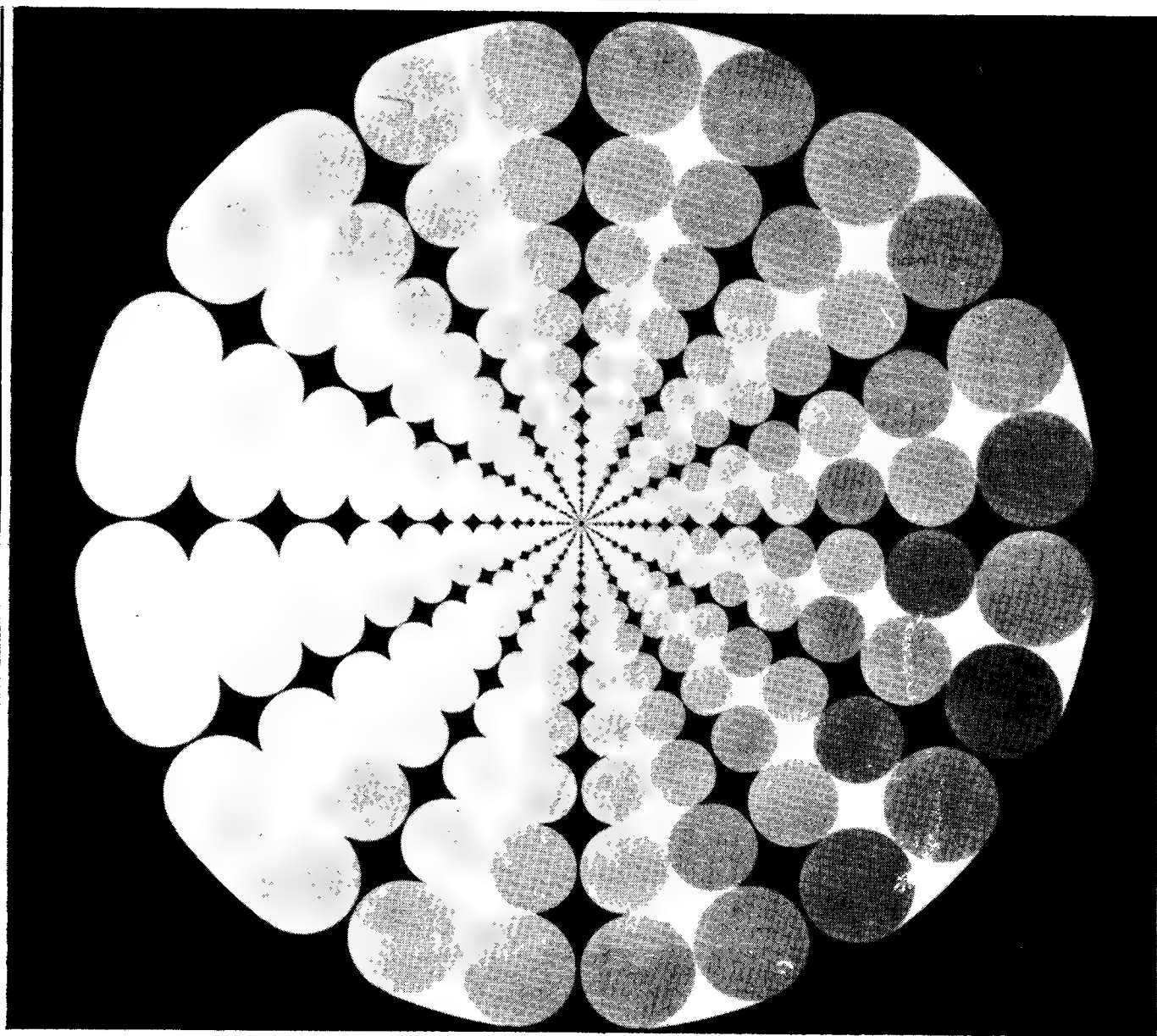
Pág.4

O 'DL-Informática' na Telecom/83

Pág.3

Os ecologistas face à telemática —a opinião dos Amigos da Terra franceses

Pág.5



Um acontecimento a não perder

Arte por computador exposta em Lisboa

Pág.4/5



A caminho de uma sociedade sem "dinheiro líquido"

informática revoluciona hábitos dos consumidores

Pág.2

A informática revolucionou as relações entre o público, os bancos e o dinheiro

A Caminho de uma sociedade sem "dinheiro líquido"

Os bancos melhoraram consideravelmente a eficácia das suas operações internas e interbancárias, nomeadamente no plano dos custos, graças à introdução de processos de automatização electrónica que lhes permitiram reduzir o volume de documentos a tratar, assim como os efectivos em pessoal. No entanto, para que possam extrair todo o benefício das técnicas informáticas, é necessário que os seus clientes desempenhem também o papel que lhes compete no «jogo electrónico»: utilizarem cada vez mais os cartões plastificados em vez do dinheiro líquido ou dos cheques, e aceitar ser servidos por uma máquina anónima em lugar de um funcionário mais ou menos simpático. Se é verdade que todas estas técnicas deveriam traduzir-se em economias consideráveis para os bancos, poderiam igualmente, como o indica um recente estudo da OCDE, anunciar o advento de uma época em que o custo dos diferentes serviços bancários será avaliado separadamente e pago pelo cliente, enquanto que no actual sistema os benefícios dos bancos ficam dependentes das margens que podem garantir entre os empréstimos e os serviços que realizam. Haveria, nessa circunstância, uma correspondência entre os custos e as comissões.

O modo como os particulares, as empresas e os diversos organismos efectuam ou recebem os pagamentos das compras de bens e serviços modificou-se profundamente nos últimos decénios nos países industrializados. O pagamento em dinheiro permanece, nos pagamentos de baixo montante, o meio mais praticado: entre 80 e 95 por cento do total de transacções são realizadas deste modo nos países da OCDE (embora, em valor, a proporção seja bastante mais baixa). Se é certo que a ideia de uma «sociedade sem dinheiro líquido» deverá ser afastada durante mais alguns decénios, os esforços empreendidos para limitar a utilização daquele sistema não deixarão de prosseguir, em virtude do custo, para o banco central e bancos comerciais, da impressão e distribuição das notas de banco.

Quanto ao crescente uso dos cheques, implicou igualmente pesados encargos para os bancos, sobretudo nos países onde este modo de regular transacções é preferido ao sistema de «giro» (1).

Nestes países, o aumento do volume de papel tratado pelo sistema bancário acabou por se tornar uma preocupação de primeiro plano: constata-se sem dificuldade que o número de cheques aumenta sete por cento ao ano, e o ritmo de progressão atinge 11 por cento ou mais em países como a França, onde a quase totalidade da população tem uma conta bancária e o sistema do «giro» não chegou realmente a pegar.

Reduzir o papel

Para reduzir o volume de papel a tratar, os bancos adoptaram, a partir dos anos 60, novos meios de pagamento, e modificaram os métodos clássicos de gestão das suas operações. A introdução do levantamento antecipado (despesas reguladas por cartão de crédito, por exemplo), o crescente recurso às ordens de pagamento periódicas e a utilização das transferências directas para o pagamento de salários e pensões de segurança social, constituem verdadeiros progressos no sentido da criação de sistemas generalizados de transferência electrónica de fundos. Todavia, estas inovações nem sempre foram bem recebidas pelo público. Além disso, elas implicam naturalmente que os particulares tenham uma conta bancária. Ora, em numerosos países da OCDE, uma elevada parte da população não recorre aos serviços dos bancos, e os salários são pagos todas as semanas em dinheiro contado. Isso é verdadeiro no caso da Grã-Bretanha, onde de acordo com os números mais recentes, 44 por cento dos operários ainda são pagos deste modo — o que é menos espantoso — da Espanha e da Itália, onde essa percentagem é ainda mais elevada. Nos outros países industrializados, a grande maioria dos trabalhadores são pagos por cheque ou transferência bancária: a proporção dos que são pagos em espécie é de ape-

nas um por cento nos Estados Unidos, de cinco por cento na Alemanha e no Canadá, de quinze por cento na Holanda, e de vinte e cinco por cento em França.

É particularmente na organização da sua contabilidade interna que os bancos se esforçaram por reduzir o volume de papéis e documentos. Embora a utilização do computador não se tenha ainda traduzido, no seu conjunto, pelo estabelecimento de ligações directas entre os diferentes bancos, as operações são registadas em bandas magnéticas, depois transportadas fisicamente de um banco para outro. Isso permite aos bancos não trocarem entre si enormes pilhas de cheques, formulários de transferências e outras minutas justificativas das operações efectuadas. Quando estes documentos são conservados pela primeira agência de banco onde são depositados, fala-se de «limitação da circulação física de fórmulas». Na maior parte dos países, esta evolução não suscitou qualquer oposição, mas nos Estados Unidos os clientes ainda exigem que lhes seja devolvido o cheque pago, como prova do depósito. Por outro lado, se em tempos se considerava importante que o banco sacado entrasse na posse do cheque, era para lhe permitir controlar a sua regularidade e verificar a assinatura.

Mas, hoje em dia, as assinaturas raramente são verificadas, excepto quando se trata de cheques de elevado montante, porque é menos oneroso para os bancos pagarem nos raros casos de negligência, comprovada do seu pessoal, do que empregar pessoas num sistema complexo de verificação. A limitação da circulação física dos cheques foi posta em prática na Bélgica, na Suécia e na Dinamarca sem aparentes dificuldades; a França e o Reino Unido encaram actualmente esta solução como meio de resolver o problema colocado pelo crescente volume de documentos a tratar.

Cartões de garantia de pagamento

O uso de cheques foi favorecido pela difusão de cartões de garantia de pagamento em numerosos países, enquanto que em França os mesmos resultados foram obtidos por via legislativa. Nos países em que os cheques são amplamente utilizados, os bancos foram apanhados na sua própria armadilha, na medida em que muito pequenas operações que, no passado teriam sido pagas em moeda corrente, o são agora em cheque. O sistema do eurocheque, a que a maioria dos bancos europeus aderiu, também contribuiu para fazer aceitar mais amplamente este modo de pagamento e, no fim de contas, aumentou paradoxalmente os pedidos de cheques de viagem.

A principal revolução ocorrida nestes últimos anos no domínio dos meios de pagamento é a extensão, muito rápida dos cartões

de crédito. Estes pedaços de plástico de formato normalizado, são de três tipos:

Os cartões de crédito emitidos pelos bancos, que em geral implicam uma limitação de crédito aberto ao seu detentor, e lhe oferecem um crédito maior, permitindo-lhe diferir o pagamento de uma parte da importância em débito.

Os cartões ditos de viagem e tempos-livres, que implicam para a maioria o pagamento de uma quotização anual, mas que não fixam um tecto nas despesas, o que não significa todavia um dilatação da duração do crédito, pois as contas são apuradas mês a mês.

Os cartões de crédito entregues por sociedade de vendas a retalho e outros organismos não-bancários (cartões de comércio) aos seus clientes, para lhes permitir regular as suas compras de uma só vez no final do mês.

Os cartões de crédito não constituem um meio de pagamento, pois as compras em que são utilizados devem ser posteriormente reguladas por cheque ou depósito bancário. Garantem, no entanto, uma maior eficácia nos pagamentos, pois várias compras poderão ser pagas globalmente numa única operação mensal. São os precursores dos sistemas de transferência electrónica de fundos propriamente ditos, mesmo se as correspondentes transferências têm na sua maioria «suportes papel». As operações através de cartões de crédito estão já automatizadas com a instalação de material electrónico nos locais de venda; certos sistemas de entrega de autorizações para pagamento por cartões comportam, por outro lado e desde já todos os elementos necessários ao débito directo nas contas por computador, à limitação da circulação física dos documentos e à completa automatização da comunicação dos dados relativos aos pagamentos (pelo jogo combinado de terminais, permitindo obter via-telefone a autorização de pagamento e de caixas registadoras electrónicas).

Sem obstáculos técnicos

Um sistema de transferência electrónica definido compõe-se essencialmente de quatro elementos:

- Os terminais que asseguram a entrada das instruções no sistema, e a recepção das mensagens;
- Os computadores que executam as instruções;
- As linhas ou redes de telecomunicações que ligam os terminais e os computadores;
- O lógico que determina o modo de funcionamento do sistema.

Para os particulares, a automatização das operações bancárias reveste todavia a forma de distribuidores de notas, guichés automáticos de banco e de ter-

minais de venda. As câmaras de compensação automatizadas, a quem os grandes clientes e os próprios bancos remetem um importante volume de instrumentos de pagamento a partir por outros bancos, constituem um aspecto menos visível, embora essencial, dos sistemas electrónicos de pagamento.

Os clientes podem ter acesso aos serviços electrónicos dos bancos através do omnipresente cartão plastificado. Este, de tipo estandardizado para os pagamentos electrónicos, é bem conhecido de toda a gente, integrando no vers pistas magnéticas. Na superfície frontal, surgem em caracteres em relevo, que se prestam à leitura óptica, o nome do titular, o número da sua conta bancária e o código numérico da agência onde a conta foi aberta. As pistas magnéticas incorporadas no verso são necessárias para as aplicações electrónicas: integram, para além dos dados que figuram na superfície frontal, outras indicações como o saldo disponível do crédito aberto, que podem ser actualizadas de cada vez que o cartão é utilizado.

O cartão de memória

Um novo tipo de cartão está actualmente prestes a surgir — o «cartão de memória». Oferece possibilidades muito mais vastas do domínio da troca de dados com um terminal electrónico, pois incorpora um pequeno miniprocessador que pode armazenar muito mais informações do que as pistas magnéticas.

A principal diferença reside no facto do cartão magnético não passar de um receptor passivo de dados, enquanto o cartão de

memória pode reagir e registar operações na sua própria memória. Por outras palavras, enquanto o primeiro exige o acesso ao computador do banco, o cartão de memória é «inteligente» e pode realizar numerosas operações, apenas ligado a um simples terminal. Além disso, pelo facto de ser mais difícil de falsificar que um cartão magnético, oferece uma maior segurança.

O cartão de memória, pode substituir, com utilidade os cartões de crédito, pois pode ser dotado por inscrição, de um crédito aberto e acompanhar as operações, de modo a impedir o titular de ultrapassar esse crédito. Também se pode inscrever no cartão o poder de compra, cuja cobertura o banco terá recebido antecipadamente; neste caso, o cartão deixaria de funcionar logo que esse poder aquisitivo tivesse cessado. Ao ser pago adiantadamente, o banco poderia entregar este cartão a todos os seus clientes, qualquer que fosse a sua solvência teórica.

A França, abriu esta via, ao criar este tipo de cartão. As principais instituições financeiras agruparam-se para fornecer a tecnologia necessária e realizar experiências em colaboração com os comerciantes. Algumas, porém, opõem-se a esta fórmula, sublinhando a importância dos investimentos que os bancos já consagraram aos cartões magnéticos, e ao fazerem valer o ponto de vista de que o novo cartão é caro e pode facilmente sujar-se ou deteriorar-se.

Uma das vantagens que o cartão bancário de memória apresenta, consiste em poder dar-lhe um carácter polivalente, e permi-

tir ao seu titular comunicar directamente instruções ao terminal. Poderia ainda tornar intercomunicáveis os cartões das diferentes instituições, o que constitui uma incontestável vantagem relativamente à fenomenal proliferação de cartões plastificados emitidos por toda a espécie de estabelecimentos, com uma grande variedade de utilizações.

Nos Estados Unidos o titular de cartões possui em média 7,6. O titular europeu fica muito atrás, com apenas 1,4 cartões. No entanto, mesmo na Europa, já se pode atingir muito facilmente o número de cartões dos americanos com um ou dois cartões de crédito bancário, um ou dois cartões de viagem a tempos livres, um cartão para levantamento de dinheiro e alguns cartões de crédito comerciais. Se as tendências actuais se mantiverem, qualquer pessoa teria dentro de pouco tempo uma vintena de cartões plastificados na carteira. Em consequência, a criação de um cartão bancário polivalente seria certamente bem recebida pelos consumidores, como pelos comerciantes e pelos bancos a quem simplificaria oportunamente o trabalho.

(Extraído de um trabalho publicado em L'Observateur de L'OC-DE de Setembro último)

NOTAS

(1) O inverso do sistema do cheque, este instrumento de pagamento predomina em numerosos países europeus e no Japão. Não tem equivalente exacto em França, mas aproxima-se do TUP (Título Uniformal de Pagamento). O pagador solicita a uma estação de correios ou a um banco para debitar na sua conta e para dar ordem de pagamento ao banco do beneficiário para creditar na conta deste último.

NCR lança novo computador



Os homens não nascem todos iguais.
Os computadores também não.

DECISION MATE V o computador que trata os seus negócios com coração.

NCR
Complete Computer Systems

Telecom-83 em Genebra: a feira dos "gadgets" sob o signo da desregulação americana

De 26 de Outubro a 1 de Novembro decorreu em Genebra, sob o signo da «desregulamentação americana», e com o patrocínio da UIT, a Telecom — a mais importante mostra do ano em matéria de telecomunicações, ponto de encontro das empresas, instituições de investigação e representantes de poderes nacionais ligados ao sector.

Fundamentalmente, a Telecom foi uma enorme exposição de equipamentos dominada pelas principais companhias que disputam um mercado mundial de 60 biliões de dólares (88 biliões dentro de cinco anos). Mas o ar que nela se respirou estava impregnado da decisão americana de rever o «Communication Act» de 1934, pulverizando, a partir de 31 de Dezembro próximo, o quase monopólio de A.T.T. (American Telegraph and Telephone), que vai ser desmembrada em 22 companhias independentes.

A «desregulamentação» americana é a reanimação, pela administração Reagan, da velha doutrina liberal: dê-se liberdade ao mercado! A competitividade industrial, a qualidade dos serviços e mesmo as tarifas praticadas só terão — nesta perspectiva — a ganhar com isso. Este sopro de liberalismo tornou-se a ideia-chave do relançamento económico nos EUA, atingiu em cheio o sector das telecomunicações e, através da Inglaterra da sr.^a Thatcher, penetrou na Europa, e deixa perplexos, ou sonhadores, os líderes políticos e industriais do velho continente.

Face ao incrivelmente rápido desenvolvimento da informática e das telecomunicações, que antecipou numerosas previsões do relatório Nora-Minc de 1978 sobre a informatização da sociedade, e ao exemplo liberal dos EUA, os Estados europeus desenvolvidos estão hoje perante as seguintes questões de fundo, que terão de resolver a curto prazo: que estatuto atribuir aos CTT? Como e porquê definir uma política de tarifas, se a concorrência tem tendência a determiná-la? Que meios de comunicação vale a pena privilegiar? Como defender as indústrias nacionais perante a avançada poderosa dos gigantes americanos, remotivados para a expansão e para a conquista de novos mercados pela «desregu-

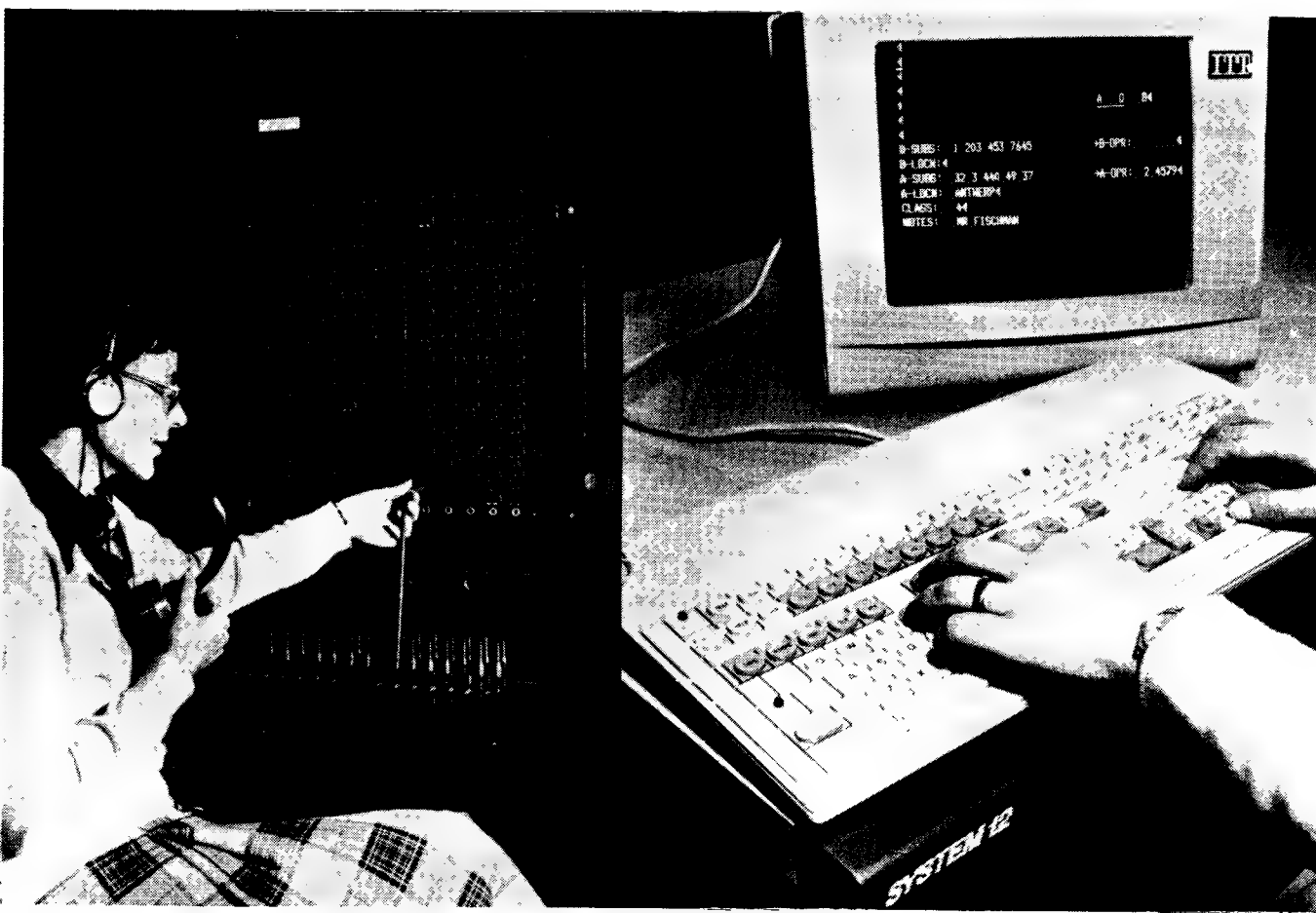
lação»? Para não falar da tradicional implantação multinacional (ITT, IBM, Siemens, Phillips)...

A partir do telefone

A Telecom-83 foi, evidentemente, o espectáculo, minuciosamente preparado, das «performances» alcançadas pelas companhias que lideram o progresso tecnológico. Na esplanada ao ar livre do Palexpo, uma dúzia de antenas parabólicas asseguravam as ligações com os satélites OTS, Meteosat, Intelsat, Immarsat e Horizon sobre o Atlântico e o Índico. De «stand» em «stand», a gama dos «gadgets» que mataram o avô-telefone, ou lhe deram um rosto digitalizado, encantou o «usager» médio, demonstrando-lhe a sua próxima submersão pela irrecusável «third wave».

Por um lado, o aumento da capacidade de tratamento de dados por computadores cada vez mais pequenos, dotados de circuitos integrados; por outro, a disputa entre laser, fibras ópticas e satélites no tocante à transmissão de informações numéricas — eis o que está por detrás daquilo que o «usager» percebe sob a forma de cada vez mais eficazes associações do telefone ao banco de dados e à televisão.

Esse futuro — dizê-lo tornou-se um lugar comum — já começou: a demonstrá-lo está a introdução do videotex nos EUA (Florida) e na Alemanha Federal, e o seu ensaio em França e na Inglaterra. O videotex é um terminal barato, comparável a um vulgar televisor associado ao telefone, que permite interrogar bancos de dados destinados quer a empresas, quer a particulares. A quantidade e variedade de informações por ele fornecidas não tem, em princípio, limite, podendo abranger resumos de noticiário, encomendas de compras ao domicílio, informações de tipo enciclopédico, programas educativos, serviço meteorológico, horários de transportes ou de espectáculos, ou, enfim, «apenas» a informação habitualmente recolhida nas «Páginas Amarelas»... É no contexto gerado por este tipo de inovações que os Estados terão de decidir qual o papel dos tradicionais CTT. Por exemplo, em França, a versão «lista telefónica» do



A digitalização das centrais telefónicas perante o mercado em expansão

videotex que está a ser testada com a designação de «Minitel» é, exactamente, distribuída pelos PTT, através da sua rede de assinantes...

Mudança de estratégia

Testemunho da expansão dos mercados das telecomunicações é, entre outras, a ITT, de quem fomos convidados em Genebra. Ali ouvimos o sr. Araskog, presidente da companhia, enumerar as suas vendas à Bélgica, RFA, Espanha, México, Itália, Venezuela, China, Noruega, Áustria, Suíça, Nepal, Filipinas... O novo «Sistema 12», integrador de toda a produção digitalizada da ITT, foi vendido, entre outros países, à República Popular da China, ignora-se em troca de que contrapartidas. A semelhança dos outros gigan-

tes americanos, GTE, Harris, IBM, Mitel, Northern Telecom, Rolm, a ITT está a preparar-se para disputar o novo mercado dos EUA aberto pela «desregulação», mas não conta enfraquecer as suas posições na Europa (onde só a França de Mitterrand, defendida por forte legislação de protecção à indústria nacional, lhe fecha a porta) e no Terceiro Mundo. De momento está, por exemplo, a fornecer um milhão de telefones por ano à Índia (contrato de 27 milhões de dólares).

A renovação dos sistemas e das redes telefónicas nacionais é, aliás, à escala mundial, um dos mais vastos mercados disputados pelas principais companhias: os mais variados Estados vão gastar, nos próximos cinco anos, cerca de 39 biliões de dólares em equipamento neste sector — mas

aqui os americanos enfrentam a concorrência dos japoneses (Hitachi, Fujitsu, NEC) e dos europeus (CIT-Alcatel, Ericsson, GEC, Italtel-GTE, Phillips-ATT, Plessey, Siemens, Thomson).

Quanto aos investimentos em CTT na Europa dos «Dez», a Comunidade espera atingir, no próximo decénio, os 150 biliões de dólares...

A nova agressividade dos fornecedores de além-Atlântico respondem os europeus com as necessárias adaptações. Na realidade, a «desregulação» americana modificou totalmente a estratégia das principais companhias, e multiplicam-se os acordos, as fusões e os contratos de associação: Phillips com a ATT, Ericsson com a Honeywell, Italtel com a GTE...

Em Portugal, a Centrel, que

também esteve representada na Telecom-83 de Genebra, disputa à Standard Eléctrica (ITT) os principais contratos e esforça-se por firmar a sua posição nos mercados dos países de expressão portuguesa, que, aliás, visitaram atentamente o seu «stand» na exposição. Raul Junqueiro, o jovem secretário de Estado que preside, entre nós, aos destinos do sector, disse-nos porém, em Genebra, que Portugal não está comprador de grandes, ou pequenos «gadgets»: também neste sector o Estado, em Portugal, vai evitar, até ao termo da austeridade socialista, gastar em importações: o seu objectivo é modernizar e ampliar o sistema telefónico, sim, mas através da indústria e da investigação nacionais.

João Mendes



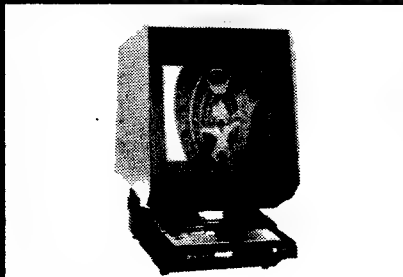
Dactilografe a pergunta, que o écran responde: em empresas, serviços públicos e residências particulares, este é o novo lema nas comunicações



BELL & HOWELL

reduz o seu arquivo
à expressão mais simples

Reduza as toneladas de papel da sua Empresa, para um espaço mínimo, utilizando o nosso SERVICE BUREAU. Microfilmmos documentos administrativos, desenhos, projectos de arquitectura, etc. em 16 e 35 mm.



Agora também
em regime de
SERVICE BUREAU



LIMA MAYER

Lisboa - Tel. 854071 - Porto - Tel. 693445 - Coimbra - Tel. 75562

rtudein
nbiw fec
vxhe ik
xzad ml

A evolução vertiginosa da história dos computadores

Em poucos anos os computadores deixaram de ser máquinas enormes e pesadas, com capacidades extremamente limitadas, e passaram a constituir um produto de grande consumo, muitas vezes de dimensões reduzidas, mas de capacidades bem superiores às dos mastodontes de há 30 ou 40 anos. A evolução verificada em quatro décadas foi vertiginosa e hoje os computadores vendem-se, como qualquer pequeno electrodoméstico, em lojas especializadas ou mesmo em supermercados. O percurso que levou o homem do ábaco chinês ao microcomputador dos nossos dias é sobejamente conhecida para muitos dos nossos leitores e nestas mesmas páginas já a ele nos referimos por mais de uma vez. Outros ignoram porém tudo o que respeita a essas máquinas, que a muitos ainda intimidam. Entre eles numerosos jovens que vão chegando à idade da leitura de jornais. Por isso não se impaciente leitor, mais uma vez aqui fica um pouco da história dos computadores para quem não a conhece. Em complemento, um outro pequeno texto, também de divulgação, apresenta uma explicação ainda que sumária do que é um microcomputador.

O desejo de mecanizar trabalhos repetitivos remonta a milhares de anos atrás. Na antiga China, por exemplo, recorria-se ao ábaco para simplificar as contas. Mais tarde, em 1643, Blaise Pascal inventou uma máquina de somar que automatizou o «transporte» na adição. Por volta de 1830, um homem chamado Charles Babbage desenvolveu um modelo rudimentar do actual computador.

Contudo, o verdadeiro computador automático só surgiu nos Estados Unidos bastante mais tarde. O recenseamento de 1880, que levou 7 anos a completar, foi o responsável pela invenção do cartão perfurado. Esta invenção permitiu a entrada no campo do processamento de dados, de uma companhia conhecida como International Business Machine (IBM). A investigação neste domínio conheceu um grande passo em frente e, no fim dos anos 40, dois grandes computadores estavam já em funcionamento. Na Universidade de Harvard, o Mark I estava a ser desenvolvido por investigadores financiados pela IBM. O MARK I, pertence à «primeira geração de computadores» utilizava relés electromecânicos, bastante incómodos.

Entretanto, na Universidade de Pensilvânia, com financia-

mentos das Forças Armadas dos Estados Unidos, era criado o Electronic Numerical Integrator and Calculator (ENIAC). Esta enorme e dispendiosa «segunda geração de computadores» foi inicialmente utilizada para traçar a trajectória de mísseis. Quando o programa do computador precisava ser mudado, isso levava vários dias, pois era necessário trocar e voltar a soldar vários fios. Quando em funcionamento, o ENIAC consumia uma energia de 150 000 watts. Isto é, energia suficiente para manter a funcionar o ar condicionado de 30 grandes casas.

Infelizmente, o ENIAC tinha muitos problemas: o computador nunca conseguia trabalhar mais do que umas horas, sem que alguma avaria acontecesse. Imaginam o que é procurar uma avaria numa caixa com 30 metros de comprimento, 3 metros de altura e 9 metros de largura? Ao contrário dos computadores portáteis que se fazem hoje em dia, o ENIAC pesava cerca de trinta toneladas. A pouca confiança inspirada pelo ENIAC e os conhecimentos altamente especializados necessários para trabalhar com ele, tornava-o pouco vantajoso, tendo ainda em consideração a pouca capacidade da sua memória. Actualmente, uma capacidade de memorização muito

maior pode caber na palma de uma mão.

A invenção do transistor

A invenção do transistor (para rádio e televisão) no fim dos anos 50, tornou possível a «terceira geração de computadores». Mas os transistores também tinham um problema: soltavam-se frequentemente da placa onde estavam soldados. Jack Kilby, da Texas Instruments, resolveu o problema, desenvolvendo aquilo que se tornou um rectângulo preto onde se inseriam os componentes electrónicos. Baptizados «chips», estes dispositivos tinham «pernas» que encaixavam na placa. Visto que um «chip» dispensa soldadura, foi possível eliminar muitas falhas, tornando muito mais segura a «quarta geração de computadores».

No princípio dos anos 60, Sunnyvale, na Califórnia, era uma pacífica zona agrícola. Actualmente, está transformada numa extensa selva industrial, conhecida por «Silicon Valley». Nesta zona altamente competitiva, a tecnologia dos computadores progrediu rapidamente. A investigação tornou possível reunir-se vários transistores e outros componentes num único «chip». No início dos anos 70, vários milhares de transistores podiam ser inseridos num único «chip».

Menos peças separadas significava menos ligações, menos trabalho, menos consumo de energia, menor aquecimento, menores possibilidades de avaria e manutenção facilitada. Torna-se assim fácil de compreender porque é que as calculadoras e os computadores se foram tornando mais acessíveis, enquanto o resto dos produtos foram encrenecendo.

No início dos anos 70, estes «chips» altamente eficientes eram apenas utilizados na indústria, ciência ou aviação. A invenção dos jogos-vídeo, criou um novo mercado para os «chips». A popularidade alcançada por estes jogos, levou a investigação a encontrar aplicações mais práticas para os circuitos integrados.

Em 1974, apareceu à venda, num catálogo, um microcomputador. Conhecido pelo nome de

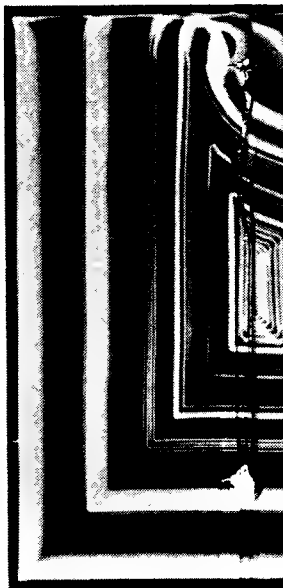
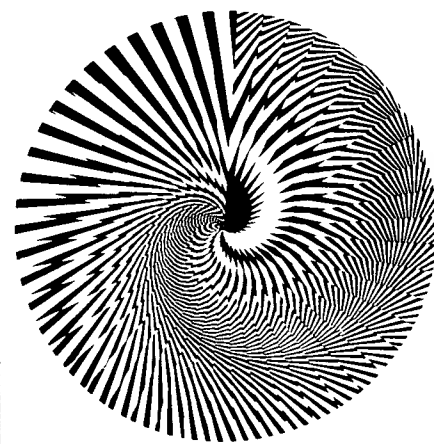
Mark B, vendido em «kit», este microcomputador só se tornou popular para as pessoas com vocação científica. No entanto, um ano mais tarde, o mercado de computadores domésticos foi alargado com a introdução de um novo computador pessoal — o Altair MITS, publicitado nas páginas de uma revista de divulgação científica americana. Comercializado também em «kit», por 397 dólares, este microcomputador teve um sucesso instantâneo. Rapidamente, apareceram outras companhias para satisfazer a procura deste produto.

A chegada dos «micros»

1976 foi o primeiro ano de grande consumo de microcomputadores. Repare no nome destes primeiros «micros» — Imsai, Cromemco, Processor Technology Sol, OSI Challenger, M & R Astral 2000, Apple I, ISC'S Inter-color, Polymorphics, Wavemate, The Digital Group, Compucolor, NorthStar Horizon and Bally. Quantos destes nomes lhe dizem alguma coisa? Poucas das companhias fabricantes destes microcomputadores sobreviveram.

O mercado de microcomputadores está a começar a ficar «inundado». Todos os dias, companhias novas e de futuro duvidoso, colocam os seus novos sistemas no mercado. Termos como 64 K, CPU, CPM e logo, surgem de todo o lado, confundindo os potenciais compradores. Os consumidores devem procurar informar-se pormenorizadamente para escolher o computador mais adequado aos seus objectivos pessoais.

Os microcomputadores abriram as portas a uma poderosa tecnologia, colocando-a ao alcance de todos. Novas aplicações serão encontradas em praticamente todos os campos, a fim de eliminar as tarefas repetitivas e aumentar a produtividade e a qualidade. Com as possibilidades muito vastas que os computadores oferecem a quem os conhece bem, pode afirmar-se que aqueles que forem capazes de os utilizar devidamente terão nitidas vantagens nos anos mais próximos.



“Rumos para a arte” em

A anunciada exposição «Rumos para a arte por computador» está finalmente patente ao público de Lisboa, até 16 de Dezembro, das 9 às 13 e das 14 às 21 horas, no Instituto Alemão, ao Campo de Santana. O texto que se segue foi extraído do catálogo da mostra e constitui uma apresentação da exposição. Através dele o leitor pode ficar com um ideia do que é a arte por computador.

A capacidade e a disponibilidade para nos ocuparmos de arte estão intimamente relacionados com os fenómenos da identificação de sinais, da aprendizagem, do comportamento exploratório — processos que são desencadeados pelo objecto estético no seu «consumidor». Por esse motivo, a arte não pode ser explicada unicamente pelos meios que nos proporcionam as Ciências Naturais, energéticas, antes se revela como fenómeno do domínio da informação. A mecanização da arte só poderá produzir resultados satisfatórios quando se dispuser de sistemas de processamento de dados. O aparecimento do computador criou, entretanto, essa situação: está aberto o caminho para a arte por computador.

O computador é um instrumento ideal para a criação de ordenamentos estéticos. Se, até ao presente, só foi explorada uma pequenissima parte das possibilidades que ele oferece, isso deve-se, entre outros, aos seguintes factores:

1. Ainda se encontra em fase

de desenvolvimento uma estética racional que possa vir a funcionar como base teórica — o que se aplica em especial à estética cibernética que não parte de princípios filosóficos, mas sim da percepção, do pensamento e do comportamento humanos.

2. Faltam aparelhos de transcrição visual que satisfaçam as exigências de ordem estética. Todos os aparelhos até agora utilizados na arte gráfica por computador foram concebidos para fins técnicos.

3. A arte por computador dificilmente de insere nos parâmetros da estética tradicional. Precisa de desfazer mal-entendidos e de vencer resistências emocionais. Por esses motivos, a arte por computador carece de um longo período de arranque — provavelmente ainda de décadas — até atingir a sua máxima pujança. Não deve ser considerada como mera tendência de estilo ou moda passageira. Embora o computador também possa produzir representações figurativas e significativas (resultando efeitos notáveis da mistura ou destruição de informações vi-

O que é um microcomputador

Divertimento, jogo didáctico, passatempo e boa ajuda para planejar o seu orçamento: um microcomputador pode ser tudo isto e muito mais, graças a um dispositivo electrónico que parece uma centopeia de plástico achatada.

Este circuito integrado (ou CHIP), combinado com dois outros componentes, torna possível a incrível versatilidade dum computador. Se abra-se a parte de trás, ou de cima, de um computador, poderia ver filas destes rectângulos pretos — «chips» (ver figura) — «pregados» numa placa de plástico rijo.

A um dos maiores «chips», aproximadamente do tamanho de uma peça de dominó, dá-se o nome de «microprocessador». É aqui que se encontra a Unidade Central de Processamento (UCP ou CPU, em inglês). Procure no desenho o rectângulo com o n.º 1, e verá porque é que a UCP é o «cérebro» do sistema.

Esta pequena peça é como uma grande estação central. Como pode verificar pelas setas, aquela pequena unidade recebe, interpreta e segue instruções. Além disso, executa cálculos matemáticos e controla o trabalho de computadorização. Dado que a UCP

só executa uma instrução de cada vez, torna-se necessário um sítio onde o resto das instruções possam «esperar» até poderem ser executadas. Por isso, perto da UCP, na mesma placa de plástico, encontram-se outras «chips», mais pequenas, de «memória», destinadas à «armazenagem» adicional de instruções (ver no desenho o rectângulo n.º 2). Eis o que torna um computador tão flexível.

A maior parte desta memória adicional encontra-se em branco, à espera de instruções. Instruções essas que podem ser utilizadas para o controlo da sua conta bancária, um ficheiro de clientes ou, um simples jogo.

Agora, que já sabe o que é a UCP e para que serve a memória, vamos falar sobre o terceiro e último componente de um computador: a unidade de «input» (entrada)/«output» (saída). Era aqui que queríamos chegar, visto que é este o ponto de ligação do computador com o mundo exterior. Esta unidade (também designada pela abreviatura I/O) serve o computador quase da mesma maneira que o nosso corpo serve o nosso cérebro. Os nossos cinco sentidos fazem entrar informações, o cérebro faz o processamento

dessas informações e depois dá instruções de saída que se traduzem por exemplo em expressões físicas, movimento, fala, etc.

Nos computadores, «Input»/«Output» representa o fluxo de informações para a «input» e da «output» UCP do computador. No desenho pode seguir pelas flechas o fluxo das informações. Para que possa fazer comunicar entre si todas estas informações, as unidades chamadas periféricas, devem estar ligadas a estes canais I/O).

A forma de agrupamentos destas unidades periféricas pode variar de computador para computador. Basicamente, os esquemas periféricos mais comuns são:

Ecrã (rectângulo n.º 3). Um «ecrã» de vídeo — talvez o do seu televisor — que o deixa ver o seu «input» e a resposta do computador.

Teclado (rectângulo n.º 4). O seu funcionamento, muito semelhante ao de uma máquina de escrever, permite introduzir «input» no computador, informações instruções e

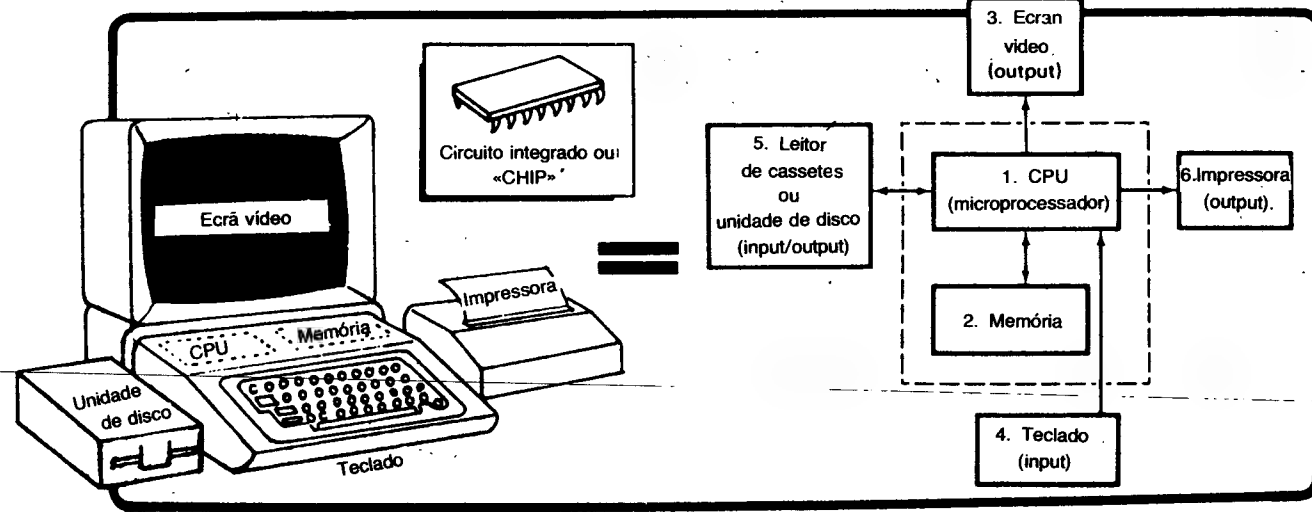
respostas. Se escrever o seu nome, ele aparecerá automaticamente no «ecrã».

Memória Externa leitor de «cassette» ou unidade de disco (rectângulo n.º 5). As instruções dadas à memória do computador perdem-se cada vez que o desliga. A «memória externa» permite-lhe conservar essas instruções ou esses dados. Assim, quando precisar delas novamente, pode facilmente fornecê-las de novo à memória do seu computador.

Impressora (rectângulo n.º

6). Dá-lhe uma cópia impressa do trabalho, semelhante à que seria feita por uma máquina de escrever.

Junte os três componentes essenciais de um computador: a Unidade Central de Processamento UCP, a Memória e o «Input»/«Output», I/O). Acrescente algumas unidades periféricas e terá um sistema completo. A quantidade de memória que escolher e as unidades periféricas que seleccionar determinarão a sua capacidade e o fim a que se destina o seu sistema.



Os ecologistas franceses e o desenvolvimento da telemática

O grande desafio da informática

Ao mesmo tempo que os franceses optam maciçamente pelos computadores individuais, instrumentos possíveis de uma autonomia alargada, o Estado e a tecnocracia obstinam-se na imposição da telemática centralizada. Esta a posição dos ecologistas franceses da conhecida Associação Amigos da Terra. Mas como é que os Amigos da Terra podem intervir neste terreno que condicionará largamente a nossa vida quotidiana nos próximos anos? Eis a pergunta a que um deles procura dar resposta no texto que a seguir se publica.

Estamos em plena explosão dos microcomputadores! Depois da era dos enormes pioneiros, os computadores tornaram-se mini, depois micro (época actual) e perfilam-se já os pica-computadores (do tamanho de uma calculadora). Foi com o Apple II que começou a época micro. Os grandes computadores ocuparam a ribalta durante muito tempo: o melhoramento dos componentes permitia o aumento das capacidades sem diminuir os preços. Procurava-se então o computador mais «performante». A sociedade DEC (Digital Equipment) aparece então na origem de uma nova perspectiva virada para o mercado do grande público: o aperfeiçoamento das componentes já não serve para aumentar as capacidades do computador, mas sim para o vender mais barato. Actualmente o «micro» é já objecto de uma procura muito intensa para utilização profissional.

As causas deste êxito são a diminuição dos custos, a facilidade de utilização, a banalização das capacidades (lógicas) e a comercialização de logísticos. Este último ponto é muito importante: estabelecer um programa de computador pode custar horas e horas de trabalho, senão meses, mesmo para os especialistas. Mas agora aparecem no mercado disquetes, discos, bandas magnéticas (conforme o tipo de «micro») contendo programas preestabelecidos (programes): é o «pronto a vestir» dos logísticos. Assim, premindo um simples botão (load), o computador retoma todo o programa desejado.

Alguns exemplos disponíveis no comércio: contabilidade geral, vencimentos, tratamento de textos, jogos, cálculo integral e diferencial, gestão de stocks, estatísticas, distribuição de gás, construções metálicas, fabrico de óculos, tipografia, transformação de papel, ensino, saúde, clínicas especializadas, consultórios dentários... Claro, nada disto impede que quem o quiser fazer continue a criar os seus próprios programas!

Em resumo, as pessoas orientam-se claramente para o computador à sua própria escala, o computador individual, em vez do terminal telemático ligado a um potente computador central. Deveríamos portanto ficar tranquilos acerca da informatização da nossa sociedade. «Liberdade, concorrência e pluralismo», de acordo com a fórmula de Bruno Lassato. Assim seria se não se tivessem em conta certas escolhas francesas.

O Governo anterior virou-se para as escolhas telemáticas (grandes computadores, terminais individuais) mais do que para a «privática» (computadores individuais). Os bancos de dados e os logísticos destes grandes computadores estão abertos àqueles que possuem os terminais. Não obstante a ideologia subjacente, este sistema não pode garantir o segredo das informações: através de uma linha telefónica é por vezes possível desviar, modificar, acrescentar informações aos bancos de dados centralizados. Dondoux, que dirige presentemente as te-

lecomunicações, elaborou em tempos um relatório altamente desfavorável ao projecto da lista telefónica electrónica. Nessa altura foi criticado. Ainda não tinha chegado o 10 de Maio... (vitória de Mitterrand).

Estamos portanto perante um conflito entre o fenómeno de sociedade (visto que as pessoas escolhem a privática, ou seja o computador individual) e a ideologia tecnocrática que gaba os méritos do «todo telemático».

O computador individual responde às necessidades das pessoas

A vantagem número um do computador centralizado consistia na constituição de grandes bancos de dados... E naturalmente que as disquetes ou as cassettes não eram concorrentes. Mas eis que os japoneses estandardizaram um videodisco: é o banco de dados pessoal. O videodisco óptico e o disco digital são um material para a microinformática. Representam um suporte inalterável e além disso a cópia é muito difícil de fazer e imediatamente identificável.

Deste modo, cada qual pode possuir as suas próprias informações e ser responsável daquilo que faz delas: exactamente como se se tratasse de um qualquer documento pessoal... com as vantagens da informática.

Estes bancos de dados possibilitam que se tenha em casa uma massa de dados que rivaliza com os bancos de dados telemáticos que tanto nos louvam. «Para que servirá a lista telefónica telemática se podemos encontrar todas as listas telefónicas de França em videodisco?», interroga-se Bruno Lassato. Logísticos banalizados, progiciels, videodiscos e discos digitais tornaram o computador individual tão «performante» como o computador centralizado sem todavia apresentar os riscos deste último. A escolha da telemática é política e não técnica!

A orientação francesa: telemática apesar de tudo

Os bancos de dados florescem na rede Télérel profissional. Numerosos centros distribuidores de informação repartem entre si o trabalho de actualização e de conexão com todos os terminais Minitel. Agência Espacial Europeia, G. CAM. Questel... De uma forma geral, os preços dos serviços prestados são proibitivos para os particulares; além disso, na maior parte dos casos, são precisas um ou mais palavras de passe e é necessário ter subscrito uma assinatura junto do centro distribuidor.

Entretanto começam a desenvolver-se alguns serviços gratuitos: a lista telefónica electrónica, naturalmente, e sem palavra de passe, mas também a CAMIF (Cooperativa de compras dos professores), La Redouté, Les Trois Suisses (ambas cadeias de estabelecimentos comerciais), bancos (CCF, Crédit Agricole du Nord, Crédit Agricole d'Ille et Vilaine), Pariscope (to-

dos os espectáculos de Paris e arredores), etc. Nestes casos é pelo menos necessária uma palavra de passe.

Mas isto não é tudo; uma nova categoria de indivíduos poderá vir a recorrer à telemática: aqueles que lamentam que os terminais não sejam «inteligentes», aqueles que querem receber as informações, mas num verdadeiro computador para poderem dispor delas e tratá-las imediatamente... Com efeito, a sociedade SMT criou o Goupil 3, um microcomputador verdadeiramente telemático. Cito a publicidade publicada em «Micro-sistèmes» — Maio de 1983: «Terminal simples, recebe informações oriundas de grandes computadores ou consulta tal ou tal banco de dados. Terminal inteligente, permite a armazenagem e o tratamento destas informações, e a sua comunicação posterior a um outro computador».

Assim, à medida que se desenvolverem estes serviços, ver-se-ão florescer os terminais em casas particulares, não obstante reservas iniciais do grande público na verdade, experiente dirigir-se a uma agência dos serviços de telecomunicações e peça um terminal Minitel; isso custar-lhe-á apenas 70 francos de aluguer mensal (cerca de 1100 escudos), mais 60 centimos para cada conexão à rede Transpac. Os PTT anunciaram já 3 milhões de terminais instalados até 1986. Paralelamente, o mesmo sistema servirá a Polícia, o Exército, os serviços públicos e

privados de organização de ficheiros pessoais, as estruturas públicas e privadas de televisão e de telecontrolo da população nos locais de habitação e de trabalho, através da adaptação aos sistemas de transmissão vídeo.

Consumo em vez de comunicação

Repare-se que enquanto as pessoas procuram «comunicação» apenas lhes propõem «informação» e «consumo». Estamos a ser alvo de um tratamento de marketing. Cito uma passagem de um artigo de Gérard Metayer na revista «Futuribles» n.º 65: «Torna-se então necessário levantar algumas questões: e se as novas tecnologias, longe de melhorarem a comunicação nas nossas sociedades não levarem senão à sua atomização, substituindo-a por um consumo individual de «novos produtos e serviços de comunicação»? E se a segmentação dos mercados, longe de substituir a comunicação de massa por uma comunicação de grupos, tivesse por único efeito a desintegração das multidões em agregados de solidões mais fáceis de «condicionar»? (...)

Esta imagem da desintegração leva-nos a outras «incur-sões» tecnológicas num campo completamente diferente, o das aplicações «pacíficas» da energia atómica, apresentada como uma benfeitora absoluta há vinte anos atrás. A sua utilização in-

dustrial já deixou à vista os riscos desmedidos para as suas vítimas potenciais, e o interesse político ou financeiro para os seus beneficiários imediatos. Assistiremos nós, um dia, ao desencadear contra certos sistemas técnicos e de comunicação de uma vaga de contestação equivalente ao movimento antinuclear?

Apostamos que ao «slogan» «o nuclear ou a vela» sucederia então, com a mesma intenção demagógica, o «slogan» «o satélite ou o tam-tam»... Perante isto parecem portanto emergir dois eixos de luta para os Amigos da Terra:

— É sob a forma de rede de comunicação que poderia ser aceite um sistema telemático (ou sistemas) com um funcionamento técnico um pouco equivalente ao do telefone e permitindo intercâmbios entre os indivíduos ou instituições.

— Será preciso recusar toda e qualquer forma de criação de ficheiros pessoais dos cidadãos, mas também todo e qualquer sistema de vigilância pela telemática, por cabo telefónico ou óptico (dever-se-ia dizer sobretudo óptico porque acrescenta-se nesse caso o tratamento informático imagens vídeo), assim como toda e qualquer redefinição social da vida privada e da liberdade em relação com esta nova tecnologia.

GÉRARD DUPLOUY

(«Le Courier de la Baleine», n.º 64, Verão de 83 — revista dos Amigos da Terra — França)

em Lisboa

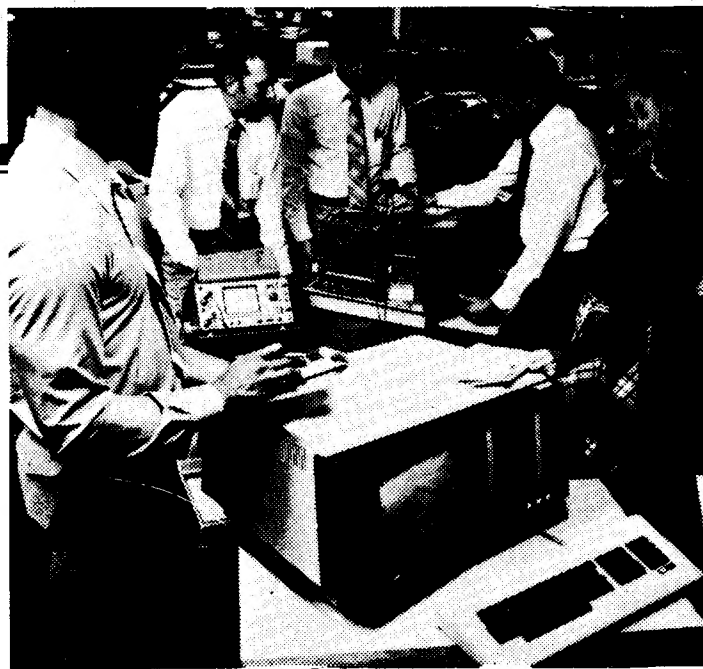
suais), é especialmente apropriado, numa primeira fase, para trabalhos que, do ponto de vista formal, são de enquadrar na corrente construtivista. Na realidade, o grafismo por computador, de orientação geométrica, longe de ter aparecido por acaso, constitui o ponto de chegada lógico de correntes de há muito existentes — por um lado, a «arte numérica» (Rechen-kunst), que também é possível sem computador, por outro lado, o grafismo mecanizado que desde há muito tempo se serve de máquinas para o processamento visual de dados.

A presente exposição mostra grafismos mecanizados de proveniência diversa, com o objectivo de exemplificar plasticamente a relação lógica e histórica existente entre arte gráfica por computador e outros processos mecânicos de criação plástica. E fá-lo de acordo com uma nova concepção: as obras apresentadas são permanentemente completadas por trabalhos mais recentes, novos artistas são convidados a participar a título esporádico ou permanente, ao mesmo tempo que uma selecção criteriosa e informação adicional produzem a adaptação ao respectivo enquadramento — por exemplo, seminários ou congressos especializados. Em ordem a atingir uma ampla camada de público, procurou-se evitar, sempre que possível, os locais que são habitualmente palco de manifestações artísticas, preferindo-se, em contrapartida, laboratórios, centros de lazer, foyers de estabelecimentos de ensino, etc. Foi preparada uma segunda versão, facilmente transportável, de todo o material da exposição, com vista a possibilitar a sua apresentação em outros continentes.

A primeira mostra da exposição, durante um congresso promovido pelo Massachusetts Institute of Technology e pela Technische Universität Berlin (Universidade Técnica de Berlim), em 1968, foi ainda considerada um empreendimento arrojado. Nessa ocasião, foram apresentados pela primeira vez em conjunto grafismos produzidos por computador e grafismos mecanizados. Entretanto, a exposição «Rumos para a Arte por Computador» encontrou expressão em livros escolares e especializados, tendo deste modo entrado na história da mais recente actividade nos domínios da estética e da criação plástica. Não se converteu, contudo, numa mostra histórica — a selecção das obras reflecte a mais recente fase de evolução e, tanto quanto nos é possível fazer previsões, continuará, também no futuro, a transfigurar-se tão rapidamente como tem vindo a acontecer.

HERBERT W. FRANKE

(Autor de diversos «grafismos electrónicos» produzidos com o auxílio de um computador analógico e expostos no Instituto Ale-



A EXPERIÊNCIA CONTA!

A nossa equipa de especialistas em microcomputadores, pode provavelmente, oferecer-lhe muito mais anos de experiência do que qualquer outra, neste sector.

A certeza de um investimento seguro apoiado numa experiência comprovada é o que mais conta para os nossos clientes.

Também V. pode dispôr desta garantia que lhe oferecemos com um serviço completo e permanente de: Análise e Programação, de Formação e de Assistência.

A SOLUÇÃO DO SEU PROBLEMA ESTÁ NAS SUAS MÃOS!

CONSULTE-NOS!



divisão de micro informática e sistemas

ANTÓNIO PACHECO AGOSTINHO, LDA.
RUA RODRIGUES SAMPAIO 15-2º TEL. 578093 (PPCA 8 LINHAS)
1199 LISBOA CODEX-PORTUGAL TELEX 15645 APAL P-TELE ANTOCOPA

Novidades do mercado • Novidades do mercado • Novidades do mercado**IBM entrou na corrida dos computadores pessoais**

A entrada, muito aguardada da IBM no mercado dos computadores pessoais vai revolucionar um mercado avaliado em qualquer coisa como mais de dois mil milhões de dólares por ano.

Ao apresentar, no princípio do mês, em Nova Iorque, depois de meses e meses de boatos e de especulações na bolsa, um computador pessoal que custará menos de 700 dólares, até agora designado pelo nome de código «Peanut» (amendoim), a IBM não trouxe apesar de tudo uma grande surpresa técnica. Com efeito, sublinham os especialistas, há pouco de verdadeira inovação nas duas versões do «PC Junior», nome oficial dado pela firma ao seu computador pessoal.

Quando muito, o aparecimento de um novo teclado a pilhas, que emite raios infravermelhos e que

permite ao utilizador passear-se até 3 metros do «ecrã», trará uma relativa novidade face aos modelos conhecidos.

Só que: o nome da IBM, a sua reputação de fiabilidade e regularidade num sector pródigo em incertezas e retrocessos da política de produção, já provocaram uma importante procura deste computadorzinho individual, antes mesmo de estar à venda.

Segundo afirmou à «France Presse» o gerente de uma loja de computadores de Nova Iorque, «nunca se viu uma tal procura para um produto que ainda não existe».

Conquistar o mercado

Por isso, os técnicos informáticos acham que, com o seu «PC

Junior», a IBM vai provocar no mercado dos computadores individuais uma reviravolta tão importante como a que provocou em Agosto de 1981 com o irmão mais velho, o «PC» no mercado dos chamados computadores-empresa. Este último aparelho custa à volta de 2000 dólares.

Mergulhada no movimento dos computadores de empresa muito antes dos seus principais concorrentes, a IBM controla hoje 28 por cento do mercado. As vendas do «PC», 185 mil exemplares em 1982, deveriam subir às 800 mil unidades ainda este ano, contra 600 mil para o modelo comparável feito pela «Apple».

O «PC» impôs no entanto rapidamente normas próprias para os computadores de empresa, obrigando mesmo os concorrentes a colocar no mercado outros com-

patíveis com os sistemas IBM e favorecendo o lançamento de programas para aparelhos IBM mas desenvolvidos por sociedades concorrentes.

O «PC Junior» vai produzir o mesmo efeito no domínio dos computadores individuais. Pelo menos é o que prevêem os observadores ao notar que o novo aparelho está concebido para poder utilizar, além dos seus 12 programas especiais, numerosos programas compatíveis com os outros computadores IBM.

Preço acima da média

Facturado a 669 dólares (na versão mais simples), este novo bebé da IBM poderá começar a

ser distribuído no início do próximo ano e custará mais caro que muitos outros computadores individuais que podemos encontrar a cerca de 300 dólares.

Mas tudo isto assenta na convicção da IBM de que as perspectivas comerciais mais interessantes sempre se situam no âmbito dos preços médios. Com efeito mesmo os leigos nesta matéria estão a aperceber-se de que é absolutamente necessário ter em conta as capacidades do computador e não apenas o seu preço, isto antes de optar em relação a um qualquer equipamento.

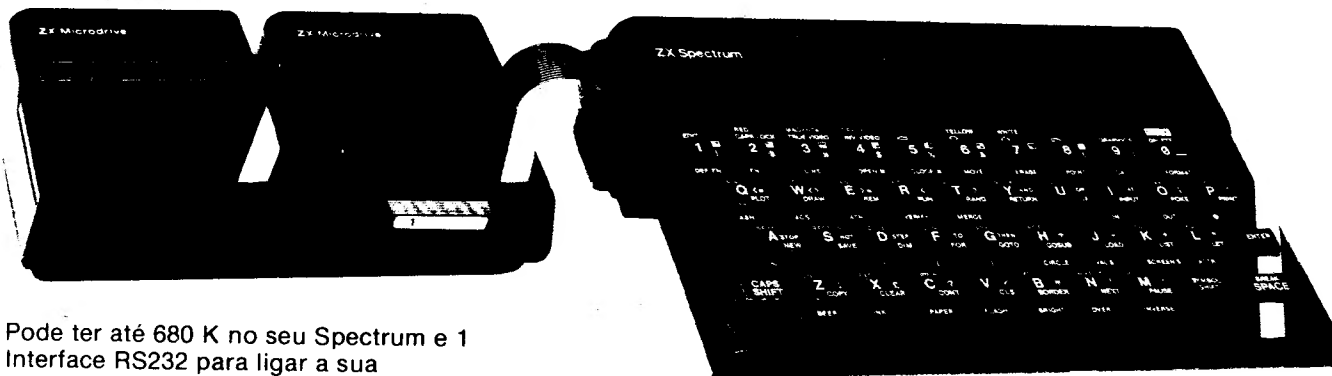
O mercado dos computadores pessoais é hoje dominado pela Commodore, com cerca de 30 por cento das vendas, e que pode, graças a custos de fabrico menos

elevados, resistir à recente guerra dos preços entre os fabricantes americanos. A Commodore provocou percas importantes a alguns dos principais «brasonados» do sector, nomeadamente à Texas Instruments, que preferiu no princípio do mês retirar-se totalmente deste tipo de mercado. Será preciso não esquecer que a IBM é o principal fabricante do mundo em computadores (maiores lucros neste domínio nos Estados Unidos), e que realizou no ano passado 34 mil milhões de dólares em movimento financeiro bem assim como se sabe não ter a IBM o hábito de se contentar com tudo quanto esteja abaixo do domínio absoluto dos mercados nos quais resolve lançar-se.

(JEAN-PAUL CADORET, AFP)

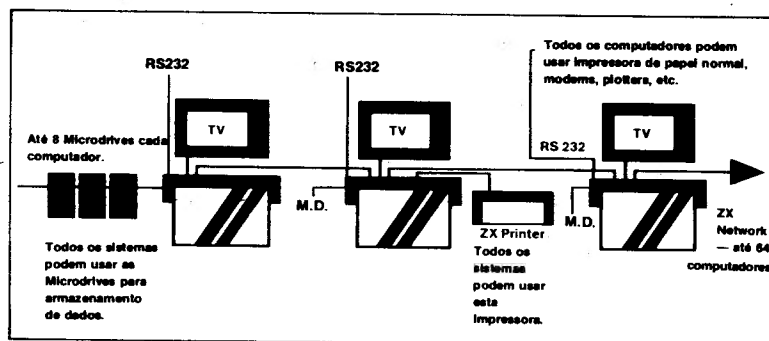
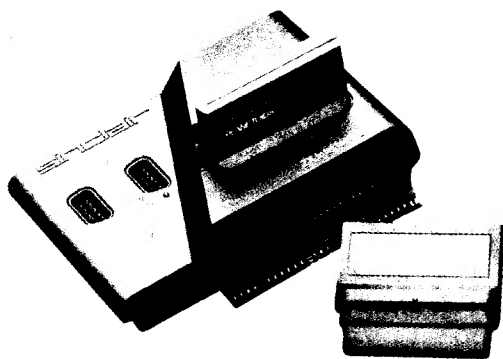


Já chegaram os famosos Drives para o Spectrum. Faça já o «Network» interligação de até 64 computadores no seu trabalho, sem mais despesas.



Pode ter até 680 K no seu Spectrum e 1 Interface RS232 para ligar a sua impressora Seikosha para fazer facturas, salários, custos, etc., etc....

O Interface II possibilita a Interligação dos Joysticks e de programas gravados em Rom's, sob a forma de Cartridges.

**O ecran que funciona com os dedos****Hewlett-Packard lançou primeiro microcomputador com ecran táctil**

«Toque com o seu dedo no «ecran» e a função indicada será executada.» Estas são as instruções de utilização do microcomputador pessoal HP-150, do construtor americano Hewlett-Packard, recentemente lançado nos EUA. Esta máquina é o primeiro microcomputador equipado com um «ecran» táctil (ver «DL - Informática» de 29/3/83) — que reage ao contacto do dedo, — o que representa sem dúvida o meio mais simples de comunicação entre o homem e o computador.

Exteriormente bastante parecido com outros materiais da mesma sociedade, o HP-150 distingue-se deles por diversas inovações. Além do «ecran» táctil, pode-se citar a existência (em opção) de uma impressora térmica, encastrada na caixa do «ecran», o que permite um apreciável ganho de espaço. O lógico é integrado, fornecendo, desde a ligação à corrente, o acesso a programas que cobrem as principais funções da informática pessoal: tratamento de texto, execução de mapas contábilísticos, gestão de listas de moradas, estabelecimento de gráficas etc.

O «ecran» táctil substitui o pequeno quadro que se desloca sobre uma superfície plana para apontar um local preciso do «ecran» e cuja pequena dimensão aliada ao longo fio que o liga ao computador fizeram com que fosse denominado de «rato». O preço a pagar por esta vantagem é uma reduzida dimensão de «ecran» (20 centímetros), mas a qualidade da imagem compensa em grande parte este inconveniente.

O anúncio do lançamento do HP-150 concretiza uma significa-

tiva mudança de estratégia da Hewlett-Packard. Chegada à informática por intermédio da electrónica de laboratório especialmente no campo dos instrumentos de medida, — aquela firma manteve sempre uma orientação muito técnico-científica.

Criadora das primeiras calculadoras de bolso, nunca fabricou máquinas de «quatro operações» e entricheirou-se sempre na área das calculadoras de alta gama, destinadas aos engenheiros, aos analistas financeiros, etc. No campo da informática pessoal o caminho seguido foi o mesmo, com máquinas orientadas para o cálculo científico, e úteis a engenheiros ou a investigadores.

Ora a HP-150 é uma máquina orientada para a gestão, destinada às Pequenas e Médias Empresas, às profissões liberais ou aos quadros administrativos das grandes sociedades. Esta nova orientação implicou a escolha para a unidade central de um microprocessador Intel 8088 e do sistema de exploração MS/DOS da Microsoft, que são os elementos de base do computador pessoal da IBM e que tendem a tornar-se standards da microinformática.

Um módulo de comunicação permite a conexão a outros microcomputadores — eventualmente de outras marcas — ou o funcionamento como terminal inteligente.

O HP-150 está já disponível na versão americana e a versão francesa será lançada durante o próximo mês de Março a um preço de cerca de 38 000 francos franceses (à volta de 600 contos) mais 4 mil francos para a impressora térmica. A fábrica de Grenoble da Hewlett-Packard fornecerá o mercado europeu.

Norma lança programa/84 de acções de formação

A Norma acaba de divulgar o programa de uma série de ciclos, cursos e seminários de formação profissional e desenvolvimento em gestão que, durante o próximo ano, levará a cabo nos seus centros de formação, em Lisboa e no Porto, e em diversos outros locais. Algumas das acções propostas já têm datas e calendários apazados, mas outras serão marcadas ao longo do ano, devendo a sua marcação ser

oportunamente tornada pública. As acções programadas pela Norma abrangem as áreas de Management, produção, comercialização (marketing), recursos humanos, informática, contabilidade e finanças e serviços administrativos.

No sector da informática está prevista a realização, designadamente, de um ciclo de formação de analistas de sistemas, de um outro de formação de programadores.

ENCOMENDE JÁ! — ENTREGAS EM JANEIRO/FEVEREIRO

(Previsão da Sinclair)

(O NOVO MATERIAL)

LANDRY — Eng.ªs Consultores, Lda. — Rua Tomás Anunciação, 53-A LISBOA — Telef. 68 13 44-68 12 43-68 48 27 — Telex. 43436
Junto envio o meu cheque (vale C.T.T.) N.º _____, na importância de \$ _____, para pagamento do seguinte material:

ENTREGAS IMEDIATAS

— TS 1000 c/ fonte alim. e manual português	9000\$ ☐
— 16 K RAM para o TS 1000	4500\$ ☐
— ZX Printer	9500\$ ☐
— ZX Spectrum 16 K RAM c/ Manua: Portu.	19000\$ ☐
— ZX Spectrum 48 K RAM	26000\$ ☐
— Seikosha 250 X (Trabalha directamente com o Interface 1)	59 500\$ ☐

NOVO MATERIAL — PREVISÃO DE PREÇOS

— ZX Microdrive c/Interface 1	(±) 16 000\$ ☐
— ZX Microdrive	(±) 10 000\$ ☐
— Interface 1.	(±) 10 000\$ ☐
— ZX Cartridge p/ microdrive	(±) 1000\$ ☐
— Cabo RS 232	(±) 3000\$ ☐
— Interface 2 p/Joystick	(±) 4000\$ ☐
— 2 Joysticks	(±) 4500\$ ☐

Empresas • Iniciativas • Empresas • Iniciativas • Empresas • Iniciativas**Acordo de cooperação entre Honeywell e NEC**

Honeywell e Nippon Electric Company (NEC) acabam de tornar público a conclusão de um protocolo de acordo relativamente a uma cooperação a longo prazo. Este acordo inscreve-se no prolongamento de um acordo de licenças cruzadas em vigor entre as duas companhias, de 1962 a 1982. No quadro deste acordo, Honeywell integrará o seu logotipo de exploração GCOS 8 no sistema de grande porte S 1000 de NEC.

Honeywell poderá comercializar o S 1000 nos países onde opera, tal como BULL, de acordo com as modalidades que serão objecto de negociações complementares entre BULL e NEC.

Recorda-se que no quadro dos acordos de cooperação concluídos entre BULL e Honeywell, esta tem a responsabilidade do desenvolvimento dos grandes sistemas DPS 8 e DPS 88, comercializados pelos dois parceiros. O acordo concluído entre NEC e Honeywell reforçará a posição da linha DPS 8/88 no domínio dos sistemas grandes e muito grandes.

Marconi, Time Sharing e Centrel na "Telemática"

A TELEMÁTICA é uma empresa que surge hoje no mercado português como resultado de uma política que está a ser adoptada a nível mundial, e que preconiza uma associação entre empresas nas áreas das Telecomunicações, Indústria Electrónica e Serviços de Informática.

Esta política que tem como objectivo uma diversificação de actividades, visa principalmente o desenvolvimento de uma tecnologia comum em 2 áreas, Telecomunicações e Informática, que cada vez mais se interligam e completam.

Fundada em 1980 por um conjunto de técnicos de Informática e Telecomunicações desenvolveu a sua actividade principalmente na área de importação e comercialização de equipamentos informáticos.

Em 1983, devido à política já atrás enunciada e também pelas perspectivas de mercado existentes, foi a TELEMÁTICA adquirida pela COMPANHIA PORTUGUESA RADIO MARCONI, que posteriormente convidou a CENTREL e a TIME-SHARING para seus parceiros.

Actualmente, encontra-se em curso um processo de aumento do capital social para um montante de 15.000 contos, valor este mais consentâneo com a projecção já alcançada.

Actividades e objectivos

No âmbito nacional e dentro de uma perspectiva de curto prazo poder-se-á dizer que a TELEMÁTICA vai dedicar a sua atenção às actividades de: comercialização de equipamento e Software da DIGITAL; comercialização de packages nacionais e internacionais implementados em equipamentos DIGITAL; concepção e desenvolvimento de «packages»; colaboração com entidades nacionais vocacionadas para o desenvolvimento de Software; consultadoria informática o que não impede que, futuramente e face ao desenvolvimento atingido não sejam de encargo outras áreas de actividade. Deste modo, de acordo com os seus responsáveis, a TELEMÁTICA reúne em si as condições necessárias para se apresentar no mercado nacional de equipamentos e serviços de informática, não como mais uma empresa «em trânsito» com objectivos e políticas mais ou menos indefinidas e de curto prazo, mas como uma Empresa estruturada e dimensionada para realizações de fundo, visando a prestação de um serviço cuja característica principal é e pretende continuar a ser a qualidade.

Esta característica que se pretende que seja o objectivo primeiro da Empresa em todas as actividades que desenvolver é a resultante obrigatória de um conjunto de factores: as ligações da TELEMÁTICA no domínio das telecomunicações (C.P.R.M.), da Indústria Electrónica e Telecomunicações (CENTREL) e dos

Serviços de Informática (TIME-SHARING); o acordo estabelecido com a DIGITAL EQUIPMENT CORPORATION (DEC) para que a TELEMÁTICA comercialize em Portugal os vários modelos de computadores da DIGITAL, continuando assim uma relação que já existia, mas que agora se fortalece; a vocação da TELEMÁTICA para responder quer às necessidades de um primeiro utilizador de informática com uma «solução global» e não unicamente com o «computador x», quer às necessidades mais sofisticadas dum utilizador mais evoluído; a competência e especialização dos seus quadros.

Ao longo da sua curta existência a TELEMÁTICA já conta com um parque bastante significativo de clientes, dos quais serão de referir, entre outros: a Universidade Técnica de Lisboa; o Laboratório Nacional de Engenharia Civil; a Companhia Portuguesa de Rádio Marconi e o Instituto Nacional de Engenharia de Sistemas e Computadores.

O ano de 1983 tem sido para a TELEMÁTICA um período em que se ultrapassaram todas e quaisquer perspectivas de realizações, tendo-se já atingido um volume de negócios superior a três centenas de milhares de contos, e que representou o empurrão final para o lançamento da empresa.

No volume de vendas efectuadas é de realçar que, daquele montante, cerca de 2/3 foram realizados através de adjudicações feitas pela UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA após um concurso público em que estiveram presentes a quase totalidade dos construtores de equipamento, e que obrigava como prova final à realização de um «bench-mark».

Porquê equipamentos Digital?

Esta é uma pergunta que se pode e deve fazer. E a resposta só pode ser dada através dos objectivos que a TELEMÁTICA se propõe atingir quer a curto quer a médio prazo. Sendo a alta qualidade uma característica que a empresa, sempre presente nas soluções que propõe, isso vai obrigar à existência desse mesmo nível qualitativo quer no Software quer no hardware. Esta é a razão que conduziu a TELEMÁTICA e a DIGITAL segundo construtor mundial de computadores para uma colaboração que se antevê frutuosa e eficiente, pois apresenta amplas vantagens para ambas as partes.

Em conclusão, afirmam os dirigentes da TELEMÁTICA, esta empresa pretende estabelecer uma ligação harmoniosa entre o utilizador e a satisfação dos seus problemas, e entre o computador e a aplicação informática, visando, em suma, o fornecimento de uma solução informática completa e integrada.

«5.ª geração/informática» na Rádio Comercial

A Rádio Comercial vai lançar muito brevemente um programa dedicado à informática. «Quinta geração/informática» será o seu nome e será incluído no espaço de programação da vigésima quarta hora.

A coordenação da rubrica ficará a cargo do conhecido técnico de informática Ilídio Antunes, da Caixa Geral de Depósitos.

A produção é de João Martins e contará com a colaboração da TSF. A periodicidade de «Quinta geração/informática» será bi-semanal e cada emissão irá por ar durante 12 minutos, entre as 23 e as 24 horas. Que esta iniciativa pioneira se transforme rapidamente num importante instrumento de divulgação dos votos do «DL-Informática».

Feira de microinformática*

A revista de informática «Digitus» vai organizar, nos próximos dias 9, 10, e 11 de Dezembro, a MicroFair 83 - 1.ª Feira de Microinformática no nosso país.

Esta realização, que vem ao encontro do crescente interesse pela microinformática em Portugal, terá lugar no salão de exposições do Hotel Ritz, com entrada pela Rua Joaquim A. Aguiar.

O público interessado por esta área da informática terá aqui a possibilidade de encontrar reunidos quase todos os microcomputadores comercializados em Portugal, bem como uma vasta gama de «software» profissional e recreativo. De salientar que a maioria das empresas presentes irão proceder à venda dos equipamentos na feira, com entrega imediata.

Dun & Bradstreet lança novos serviços

A Dun & Bradstreet Lusitana, Lda. e a Time Sharing apresentaram em meados deste mês um novo serviço com características pioneiras no nosso País. Trata-se de um banco de dados com acesso «on line», relativo à actividade comercial e industrial de quase uma dezena de milhares de empresas portuguesas. O DIM, Duns Informação de Mercado, foi desenvolvido e é actualizado trimestralmente pela Dun Lusitana, encontrando-se os respectivos dados memorizados no computador da Time Sharing, através do qual os utilizadores acedem directamente à informação. No DIM encontra-se o perfil de cerca de 8 mil empresas portuguesas (com um crescimento previsto de 10% por trimestre), mas ele é também um instrumento dinâmico de trabalho para a análise do mercado. Esta faceta do banco de dados da Dun permite diagnosticar empresas ou sectores de actividade; identificar e avaliar mercados; fazer projecções de marketing; criar estatísticas, ficheiros ou listas de correio directo e obter etiquetas autocolantes para endereçamento em menos de 24 horas.

A informação que o DIM faculta os seus utilizadores (180 contos pelo direito de acesso anual mais 20 contos por hora de utilização) inclui, na definição do perfil de cada empresa, o nome, morada, telefone, telex, ramo principal de negócio, ramos não principais de negócio (até 5), volume de vendas, número de empregados, se importa ou exporta, nome da companhia mãe e nome do gerente. No que se refere à localização geográfica e ao sector de actividade do DIM alarga-se porém a cerca de 150 mil sociedades.

Simultaneamente ao DIM, a Dun & Bradstreet Lusitana anunciou o lançamento em Portugal do Dunsprint, um sistema de entrega instantânea de relatórios de crédito, análise financeira e análise de pagamentos de empresas americanas, através de um terminal com acesso «on line» ao banco dos serviços de crédito de Dun nos EUA.

**Não é assim
que as pessoas trabalham
na sua empresa.
Então,
porquê trabalham assim
alguns computadores?**

Somente numa empresa sem perspectivas de futuro, se não reconhecerá que um pequeno computador pode aumentar as performances dentro de cada departamento.

Do mesmo modo será por certo falta de visão e planeamento, permitir que cada um no seu departamento se esconda num canto e tente apenas ser mais rápido que os outros.

Pense na administração. Realizam-se reuniões conjuntas. Trabalham em equipa. Ajudam-se mutuamente. Partilham os seus recursos.

Tal como as pessoas trabalham melhor quando trabalham em conjunto, o mesmo sucede com os computadores.

Esta foi a razão pela qual a ICL desenvolveu uma linha completa de grandes e pequenos computadores, estações de trabalho, terminais e «word-processors» que podem comunicar livremente entre si.

Um sistema distribuído ICL significa que a informação não é só guardada e processada, mas também um recurso valioso que pode ser partilhado, comunicado e usado.

Poderá então pensar em investir na informatização dos departamentos-chave da sua empresa.

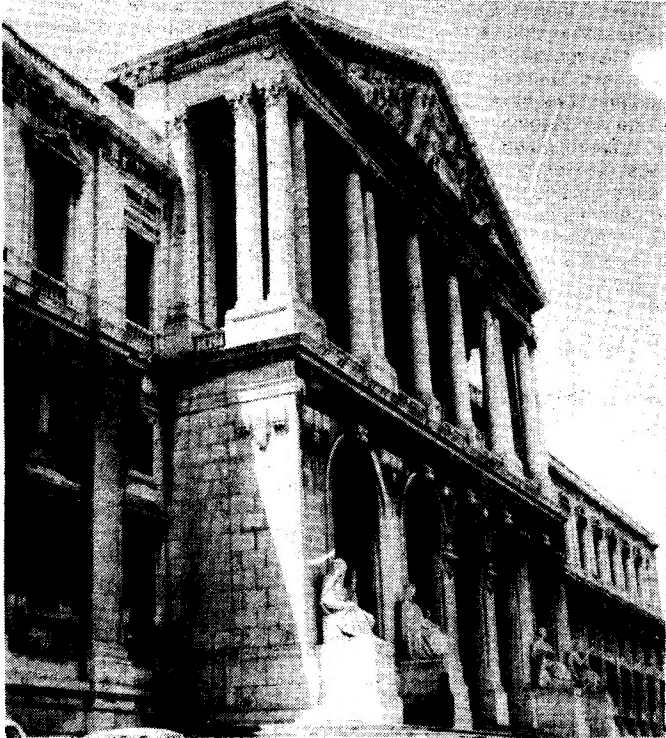
Não será já altura dos computadores aprenderem a trabalhar como as pessoas?

Deveria existir diálogo entre nós.

ICL

Intervenção

Um espaço a todos os leitores



A informática vista do Terreiro do Paço

No último número deste suplemento li aqui que havia no Brasil uma Secretaria de Estado da Informática. Há dias soube que em Itália tinha sido decidido revolucionar o ensino primário, a partir do próximo ano, com a introdução de novos programas que prevêm, nomeadamente, o ensino de alguns rudimentos de informática. Da notícia que li num jornal italiano transcrevo: **«No ensino das matemáticas, além da geometria e da aritmética, serão incluídas a estatística, o cálculo das probabilidades e a informática, com vista, fundamentalmente, ao desenvolvimento do pensamento lógico, introduzindo conceitos muito elementares conformes com a idade dos alunos.»**

Engraçado não é? Por cá continuamos a ouvir o ministro da Indústria e outros responsáveis governamentais falarem da modernização do sistema produtivo, da racionalização de circuitos, mas não ouvimos uma palavra (das bocas oficiais) sobre a necessidade de definir uma política informática para este país. E até temos um primeiro-ministro que fala em **«terceira revolução industrial»** (mas saberá ele o que é isso?) e que diz que não a podemos perder...

Num tom bem diferente e, esperámo-lo, muito mais sério, tem-se pronunciado o secretário de Estado das Comunicações, Raul Junqueiro. Ainda há dias num discurso proferido em Lisboa, declarou: **«Os extraordinários avanços verificados na electrónica, na informática, nas telecomunicações, as possibilidades que nos são oferecidas pela telemática, pela burótica, pela robótica, as novas técnicas especiais de transmissão, das fibras ópticas, dos raios laser, colocam autênticos desafios ao Homem e às Sociedades.»**

E mais adiante acrescentou: **«Ninguém pode ignorar esta revolução tecnológica. A começar pelo governo (...).»**

O futuro dirá se mais uma vez as boas intenções servem apenas para ornamentar os discursos.

Defesa da privacidade

Outro assunto: lembrem-se do anterior governo ter tornado pública uma proposta de lei sobre a controversa matéria da defesa da privacidade face à informática? Já foi há ano e meio! Criava uma tal Comissão Nacional de Salvaguarda da Privacidade face à Informática e foi publicada no Diário da Assembleia da República em 19-5-82.

Um ano antes, em 27/5/81 (já lá vão dois anos e meio) a A.R. aprovava na generalidade (e por unanimidade) um projecto de lei sobre a mesma matéria. O diploma baixou nessa altura à respectiva Comissão com um prazo de vinte dias para ser analisado.

A Assembleia da República foi dissolvida quase dois anos depois e o projecto morreu nessa Comissão. A proposta do governo (apresentada com total desrespeito pela Assembleia que tinha entre mãos um projecto sobre o mesmo assunto) adormeceu igualmente na mesma Comissão e caducou, do mesmo modo, com a dissolução do Parlamento.

Iniciada a nova legislatura, a ASDI, responsável pelo primeiro projecto, voltou a apresentá-lo à mesa da Assembleia. O texto foi novamente publicado no Diário da A.R. em 28 de Junho passado e faz agora parte de uma montanha de diplomas que aguardam vez para serem discutidos.

Tal não acontecerá certamente antes de meados do próximo ano...

Depois haverá que esperar ainda pela sua análise na especialidade, em Comissão... e que pedir aos deuses para que o actual governo não venha ainda com uma proposta própria. Se tudo isso vier a acontecer antes da próxima dissolução da Assembleia da República, ou do termo da actual legislatura, agradeçamos ao Pai...

E assim vai a informática para as bandas de São Bento e do Terreiro do Paço...

Pedro Ferreira Alves
(Técnico de informática)

Clive Sinclair, o "guru" dos microcomputadores

“O terrível hábito de estar certo de ter razão”

Os britânicos são considerados os maiores utilizadores mundiais de computadores domésticos. Este interesse é particularmente sensível nas famílias abastadas das classes médias, onde os pais se empenham em que os seus filhos e eles próprios adquiram o domínio de uma técnica considerada como a chave do sucesso profissional dos anos futuros. Na origem deste fenómeno encontra-se Sir Clive Sinclair, inventor e homem de negócios de pouco mais de quarenta anos — pai da calculadora de bolso, — que conseguiu colocar o computador ao alcance de toda a gente, praticando preços ridiculamente baixos.

Sir Clive Sinclair, personalidade reservada, sorriso tímido, foi elevado à categoria de herói nacional pela imprensa britânica, dando-lhe a oportunidade de falar de outra coisa que não fossem as eternas jeremiadas sobre o declínio inglês. Pelo seu êxito, a sua audácia, o seu espírito de empresa e de inovação, Sir Clive constitui a prova de que, escondida por debaixo dos destroços de várias décadas de declínio económico, sobrevive a chama dos capitães de indústria do século dezanove.

Mais do que isso, o «guru» da electrónica britânica deu o exemplo: numerosos jovens e brilhantes cérebros lançaram-se na sua pegada, criando novas empresas, com maior ou menor sorte, ao ritmo médio de uma por mês. Da mesma forma que o seu «guia», os novos «managers» da revolução electrónica tendem a estabelecer-se longe das grandes cidades decadentes onde nasceu a revolução industrial.

As instalações da sociedade Sinclair Research encontram-se nos arredores de Cambridge, mas é na sala de reunião da sua sede londrina que nos recebe o seu fundador. Uma sala de dimensões modestas, com as paredes cobertas de madeira clara e decoradas com algumas pinturas «country», em Belgravia, um dos bairros mais chiques de Londres. No entanto, nada neste local faz pensar que nos encontramos no escritório de um dos homens mais ricos da Grã-Bretanha: por detrás da sua fachada estreita, que nada distingue das outras casas da rua, distribuem-se alguns gabinetes discretos, modernos e funcionais.

Depois de anos e anos de derrotismo...

Conciso até ao laconismo, Clive Sinclair torna-se expansivo com o passar dos minutos. As suas declarações são marcadas por um optimismo tranquilo. Está persuadido de que uma retoma económica se iniciou na Grã-Bretanha ainda que a considere tímida. Sobretudo, parece convencido de que depois de numerosos anos de derrotismo, um novo estado de alma reina na indústria britânica, modificada de maneira radical, segundo ele, pelos efeitos da recessão e da política do governo Thatcher.

«Há cinco anos, as nossas empresas eram muito menos eficazes que as do continente, nomeadamente devido a um nível de mão-de-obra excessivo. Desde então as coisas mudaram. Os efectivos foram reduzidos na maior parte das empresas. Em certos sectores continuamos atrasados em relação ao continente; noutros, pelo contrário, como na siderurgia, alcançamos o primeiro lugar em matéria de produtividade.»

Sir Clive considera também que a administração conservadora facilitou consideravelmente a tarefa dos empresários aumentando a sua liberdade de acção, reduzindo a punição fiscal sobre os altos rendimentos e modificando o sistema de imposição das sociedades (a legislação introduzida pelo executivo Thatcher permite às pequenas e médias empresas a declaração dos seus lucros com um desfasamento de vários anos). Segundo ele, a situação melhorou sensivelmente no domínio do financiamento das empresas (as instituições financeiras britânicas foram frequentemente criticadas no passado pela insuficiência do seu apoio à indústria).

«A sociedade pode permitir-se o financiamento de projectos arriscados deste tipo graças aos enormes lucros auferidos com as suas vendas de minicomputadores: em Janeiro passado, elas ultrapassaram a barreira do milhão de exemplares, sem contar com os milhares de aparelhos produzidos sob licença nos EUA. Em Setembro, Sinclair Research declarou um lucro de 14 milhões de libras para um volume de negócios de 54,5 milhões de libras durante o ano de 1982-83. A sociedade emprega diariamente apenas 65 pessoas, sendo o grosso da produção confiada a subempreiteiros.

«A nossa força está na inovação», explica Sir Clive.

«Ora, para inovar, é necessário ser capaz de se adaptar facilmente: isso é muito mais fácil com um pessoal reduzido. Daí a nossa política de subempregados.» Sir Clive foi o primeiro na Grã-Bretanha a adivinhar a existência de um mercado potencial para computadores miniaturizados de menos de 100 libras. Em 1980 lançou o Sinclair ZX 80 por 99,95 libras. Um ano mais tarde foi a vez do ZX 81, vendendo-se 500 000 exemplares no primeiro ano, ao preço de 50 libras. Cerca de dois terços da produção do ZX 80 e 81 é exportada, principalmente para os EUA, a França, o Japão e a Austrália.

Automóvel electrónico e minitelevisão

«Há alguns anos, era impossível encontrar os capitais necessários ao lançamento de uma empresa. Hoje, basta levantar a mão para criar uma companhia de computadores.» Ele considera que os próximos quinze anos serão decisivos para a indústria britânica, «porque haverá muitas mudanças». Ora, acrescenta, «os únicos países que podem ter êxito em período de mudança são aqueles que sabem adaptar-se e conceder uma liberdade suficiente aos empresários.»

Sir Clive, quanto a ele faz mais que adaptar-se às mudanças. Antecede-as ou provoca-as mesmo. A voga dos computadores domésticos, que ele contribuiu largamente para desencadear, é uma prova dessa afirmação. Mas eis uma outra: desde há alguns anos ele trabalha num projecto de automóvel eléctrico — baptizado «Sinclair Mobil» — capaz de circular um dia inteiro sem que as suas baterias tenham necessidade de ser recarregadas. Se o projecto, já bastante avançado, atingir o estágio da produção em série, o fabrico do veículo será confiado a um construtor de automóveis, primeiro na Grã-Bretanha, e, depois, no continente, se aí se manifestar procura suficiente.

A meio de Setembro, Sinclair Research lançou uma minitelevisão, um aparelho do tamanho de uma grande caixa de fósforos, resultado de seis anos de pesquisas e 80% mais barata que a sua rival mais chegada, a Watchman da Sony (que é também mais volumosa e mais pesada). A mini-TV Sinclair produzida pela empresa Timex de Tundee não é utilizável em França devido à particularidade do sistema francês de teledifusão (o Secam), mas Sinclair espera lançar mais tarde uma versão especial para colmatar essa lacuna.

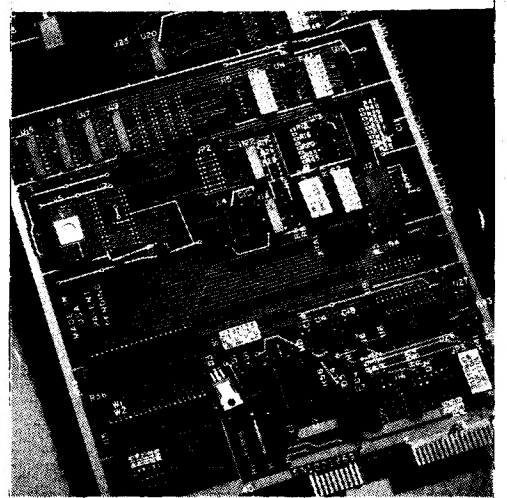
«Ora, para inovar, é necessário ser capaz de se adaptar facilmente: isso é muito mais fácil com um pessoal reduzido. Daí a nossa política de subempregados.» Sir Clive foi o primeiro na Grã-Bretanha a adivinhar a existência de um mercado potencial para computadores miniaturizados de menos de 100 libras. Em 1980 lançou o Sinclair ZX 80 por 99,95 libras. Um ano mais tarde foi a vez do ZX 81, vendendo-se 500 000 exemplares no primeiro ano, ao preço de 50 libras. Cerca de dois terços da produção do ZX 80 e 81 é exportada, principalmente para os EUA, a França, o Japão e a Austrália.

Abriu de 1982: lançamento do ZX 82, um aparelho mais complexo com numerosas aplicações nos domínios dos negócios, da educação e do orçamento doméstico.

Perspicácia e génio

Além da flexibilidade da sua empresa, da qualidade do seu pessoal e do seu próprio «faro» comercial, Sir Clive deve o seu sucesso ao seu génio técnico. «Ele dispõe de um fluxo inesgotável de ideias, algumas das quais roçam o irracional», afirma Jim Westward, um dos seus técnicos. «Ele parte do princípio de que todos os problemas têm uma solução e que se uma determinada abordagem se mostra infrutuosa, é necessário experimentar uma outra.» Sir Clive tem também a sorte de não se deixar pôr em causa facilmente. «Se você for um pioneiro, explica, você tem que se habituar a ouvir comentários desencorajantes. Quando lancei a primeira calculadora de bolso as pessoas diziam: 'é ridículo; quem é que vai precisar disso?' Mas eu tenho o terrível hábito de estar certo de que tenho razão.»

Infelizmente, não basta ter «faro» e génio para ter êxito. Sir Clive experimentou essa realidade, ele próprio, ao longo da sua longa carreira de inventor, marcada no início por tantos fracassos comerciais quantas as descobertas técnicas.



Nascido em Londres em 1940, o jovem Sinclair frequenta doze escolas diferentes, ao acaso das deslocações de seu pai, desenhador de máquinas-ferramentas, e abandona os estudos aos dezassete anos. É um autodidacta completo em matéria de electrónica. Trabalha quatro anos como jornalista numa revista técnica e depois, em 1962, funda a sua própria sociedade, Sinclair Radionics, especializada na produção de «kits» de rádios vendidos por correspondência. Cinco anos mais tarde, quando o volume de negócios da sociedade atinge as 100 000 libras, Sinclair transfere as suas actividades para Cambridge, onde trabalha um grande número dos seus amigos especializados na electrónica.

Em 1972 lança a «Executive», a primeira calculadora verdadeiramente miniaturizada do mundo. Num primeiro tempo, o inventor é submerso pelas encomendas. Mas os americanos copiam rapidamente o seu produto e lançam-no a preços mais baixos, enquanto que os japoneses inventam um circuito integrado mais aperfeiçoado que faz descer os preços ainda mais. Os lucros da Sinclair Radionics vão por água abaixo. A empresa vê-se obrigada a retirar o seu produto do mercado.

Pela mesma altura, ela sofre um outro desastre comercial relativo a um relógio digital. Por falta de controlo sobre a empresa contratados para a produção do relógio, a sociedade Sinclair não pode impedir o lançamento no mercado e a venda de centenas de relógios imperfeitos, que são, naturalmente, devolvidos em massa pelos compradores.

Estes dois fracassos arrastam consigo uma crise financeira catastrófica. Clive Sinclair vê-se obrigado a pedir ajuda a um organismo público, o National Enterprise Board (NEB), para recuperar a sociedade. Em Dezembro de 1976 o NEB investe 4,5 milhões de libras no negócio; mas as relações entre Sinclair e aquele organismo degradam-se ao ponto do fundador da companhia abandonar todas as responsabilidades de direcção e criar, em 1979, uma nova sociedade, a Sinclair Research.

Sir Clive — foi tornado membro da nobreza em Junho deste ano, por Margaret Thatcher —, ainda que apaixonado pela electrónica, tem outros centros de interesse na vida: lançou, em 1981, uma casa editora juntamente com um livreiro de Cambridge. É um grande apreciador de poesia (ele próprio dá os primeiros passos neste género literário), de música, de teatro e, sobretudo... de matemática.

JEAN-MARIE MACABREY
«LE MONDE» - «DL»